

Kanimambo

Um ano em Moçambique

Por: Ivan Moraes Filho

"O que é uma coisa tipicamente africana? Eu não sei"
Mia Couto

Prefácio

Fragmentos de uma declaração de amor

Entre cooperantes e cooperados

Nas últimas décadas, consolidou-se a figura do cooperante. Em diferentes países africanos trata-se de uma categoria social à parte. Geralmente originários do Ocidente europeu, dos Estados Unidos ou do Canadá, os cooperantes encontram-se espalhados por diferentes partes de um mundo em grande medida à margem do que se convencionou chamar de desenvolvimento. Países africanos, asiáticos e alguns da América Latina dependem da cooperação, que atrela recursos à atuação de profissionais específicos, os cooperantes. Cheios de boas intenções (às vezes também cheios de tédio), se espalham pelo mundo com a sua versão do que deve ser uma transformação rumo ao progresso, ora numa ordem pós-colonial.

“Fazer o bem, sem olhar a quem” – definiu uma amiga atuação dos cooperantes estrangeiros em Moçambique. Marcados por um olhar do que deve ser o “bom” e o “justo”, a maioria dos cooperantes não se vê a si mesmo como agentes de uma transformação nem sempre pautada por princípios de bondade e justiça; concomitantemente, têm uma clareza impressionante em torno dos universos onde pretendem atuar.

Há anos trabalhando em Moçambique, minha a relação com os cooperantes, das mais diferentes nacionalidades, é geralmente tensa. Sua visão do tipo de intervenção que devem promover no país me choca por não ter em conta os desejos dos próprios moçambicanos; sua visão de Moçambique e de seus habitantes é, na maioria dos casos, pobre, pois não conseguem escapar dos estereótipos. Não é raro encontrarmos um alemão que, em Moçambique há apenas duas semanas, disserte sobre a “percepção do tempo” entre os habitantes do país; ou uma holandesa que afirme com convicção as grandes linhas da “violência estrutural de gênero”; ou um espanhol afirmando peremptoriamente a “corrupção inerente” às elites africanas; ou um português reivindicando um conhecimento específico de “África” e queixando-se da ingratidão africana; ou um brasileiro cego à diversidade local e insistindo na suposta identidade existente entre brasileiros e africanos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa...

Talvez por isso a esmagadora maioria dos textos escritos por cooperantes seja enfadonha, relatos presos numa experiência pessoal não necessariamente interessante e que, em grande medida, revela uma certa imunidade quanto a um entorno sempre “pobre” ou “miserável”, com pessoas “sorridentes” e “boas” (quase infantis).

Não é assim o texto de Ivan Moraes Filho.

Quando cheguei a Inhambane em novembro de 2003, já Ivan se havia ido embora. Não o conheci pessoalmente, mas o que escutei sobre ele deixara-me, contudo, curioso. Afinal, trata-se de um cooperante brasileiro que aprendera noções de changana, uma das principais línguas do sul do país. Saliente-se que a maioria dos cooperantes não aprende as línguas nativas dos países onde trabalham, muitas vezes por falta de tempo – há muitos que fazem da cooperação uma carreira, como os correspondentes internacionais, passando períodos relativamente curtos em países tão distantes como podem ser o Haiti e o Afeganistão -, mas desconfio que também por falta de interesse. Não foi o caso de Ivan: todos me afirmaram que seu conhecimento do changana o permitira entrar em espaços fechados aos estrangeiros. E não me refiro a espaços misteriosos ou privados e, portanto,

de difícil acesso. Refiro-me ao dia a dia daquelas pessoas que, oscilando entre o português e a sua língua materna, têm no changana seu principal veículo de expressão; refiro-me aos bate-papos dos chapa-cem, aos rumores dos mercados, às suspeitas expressas na beira da estrada. Refiro-me à graça com a qual as pessoas falam de si e da vida, graça esta que foi captada pelo texto Ivan que, na forma de um diário, vai nos revelando aquilo que foi para o autor um descobrimento, Moçambique e os moçambicanos. Ao contrário de outros textos de viagem contemporâneos – onde parece ser que a viagem deixou de fazer sentido na medida em que se impõe o viajante e suas sensações – *Kanimambo* revela a generosidade de alguém que soube ver a generosidade dos moçambicanos.

No texto de Ivan não sabemos bem quem é o cooperante e quem é o cooperado. Se é verdade que os cooperantes querem mudar aqueles territórios ali onde trabalham, poucos são aqueles que se deixam mudar. Não é o caso de Ivan. Pois seu texto (como classificá-lo?) nos revela sua transformação: operada no dia a dia, na medida em que percebia com quem e aonde estava, na medida em que procurava solucionar mistérios que estão mais além da nossa compreensão, pois o amor está mais além da nossa compreensão. Sua leitura nos joga em meio a fragmentos: fragmentos de uma declaração de amor a Moçambique e sua gente. Toda ela.

Linguagens

Mmmmm: “Esse ‘mmm’ é típico. Normalmente quer dizer ‘sim’”, nos lembra Ivan. Pequeno e cativante detalhe, verdadeiro enigma linguístico. Dialogar com os moçambicanos, e em particular com as moçambicanas, implica em compreender o significado do “mmm”. Como diz Ivan, normalmente quer dizer sim. Muitas vezes revela, contudo, uma suspeita, e pode ser o início de rumores fragmentados em torno de feitiçarias ou de artimanhas da vida quotidiana que estão longe de serem incorporadas pelos moçambicanos como parte do acaso. Ivan entendeu o “mmm”.
E o gesto. Incorporou o gesto ao texto.

“Henrique levanta as sobrancelhas. Aqui, isto quer dizer ‘sim’”

Pois aí está: nem sempre é fácil incorporar os gestos e a corporalidade ao texto. E eis uma das façanhas de *Kanimambo*. Ser magro ou gordo, gargalhar ou olhar para o lado, espremer-se no chapa-cem. Levantar as sobrancelhas. Imagens cheias de sentido, geralmente perceptíveis pela máquina fotográfica ou pela filmadora. Aqui, transpostas para o texto.

Ihhh.

“Antoninho, prá quantos enterros você já veio?”

Ihhh, eu não conto...

Muitos?

Ihhh, muuuuuitos”

Como o “mmm”, o “ihhh”. Pode querer dizer muito. Mas não só. Em todo o caso revela algum tipo de excesso. E os excessos são quotidianos em Moçambique. Muitos enterros, muitas bebidas, muitas festas... ihhh. Ivan entendeu o “ihhh”.

Enterros, festas e casamentos

Morre-se muito em Moçambique. Como outros, Ivan foi trabalhar na área de prevenção ao HIV / Aids, e aí sim, tem-se contato com a morte. E quando alguém morre, como mostra

Ivan, pára tudo. As pessoas deixam de trabalhar, pois têm que ir visitar os parentes e realizar os rituais adequados. As pessoas viajam para ali onde perderam alguém ou onde realizar-se-á o funeral.

E são muitas as histórias de mortes e enterros que nos conta Ivan. Daqueles que se foram quando lá estava, daqueles que encontram-se numa situação de extrema vulnerabilidade, e que em breve devem ir-se. Daquelas mortes conseqüência de “doença prolongada”, ou malária ou cólera. Mas quase ninguém morre de AIDS. Ta aí uma tarefa inglória para o Ivan: convencê-los da existência da doença. E convencê-los a ir a hospitais, aonde não são bem tratados. E onde, em geral, encontram a morte. Como nos lembra Ivan, morre-se muito em Moçambique.

Mas também se fazem muitas festas. E como. E parece que Ivan não perdeu a oportunidade de ir às festas, onde se bebe muuuuuuuuuito. Ihhhh. E nas festas se dançam as mais variadas músicas, não só moçambicanas, mas de outros países da África, do Brasil, dos Estados Unidos. Assim é Moçambique, assim é Maputo: cosmopolitas.

E as festas também são aquelas de casamento, que envolvem o *lobolo* (uma espécie de preço da noiva) e também viagens. Ivan viajou para acompanhar casamentos, e foi ao mato. Eis aí o que poucos cooperantes, ou poucos de nós, fazem: ir ao mato. Comer o que comem os moçambicanos, sentar-se com eles na beira das palhotas e ouvi-los a contar histórias (como gostam de contar histórias!; sempre permeadas pelo mmmm, hiii, rggg). Mas os casamentos em Maputo são também as idas ao Jardim Tunduro, e os grupos de amigos e parentes da noiva e do noivo que cantam – vários casamentos ao mesmo tempo, disputando os espaços territoriais e sonoros do jardim. Tudo em changana. E Ivan entende o changana.

Fronteiras e identidades

E num país tão cosmopolita – e por cosmopolitismo entendo uma população convivendo com um referencial que extrapola, em muito, suas fronteiras étnicas, regionais ou nacionais – encontramos diferentes formas de demarcação de fronteiras. A primeira delas, aquela que se revela na cor da pele. E Ivan, por mais que falasse um pouco o changana, era lembrado uma e outra vez que era *mulungo*, ou *muzungo*: branco. Diferente, portanto. Pois os brancos em Moçambique não são apenas associados aos antigos colonizadores portugueses ou aos vizinhos sul-africanos (ou aos cooperantes): ser branco significa estar de um lado de uma linha divisória que define os vulneráveis e os imunes ao feitiço. E os brancos, lá, são imunes ao feitiço, ao mau-olhado.

O colonialismo deixou marcas que se expressam hoje, três décadas após a independência nacional. E se expressam no cotidiano, nas pequenas coisas – não apenas na miséria com toda a certeza devedora do tipo de exploração das terras e das gentes erigida durante o colonialismo. É nas múltiplas afirmações de superioridade dos brancos que encontramos a continuidade do colonialismo nos dias que correm. E isso angustia. Pois somos lembrados continuamente disso em Moçambique, onde somos *mulungos*, por mais que desejemos restar importância à cor da pele, ou esquecê-la. Lá, a nossa cor, a cor do Ivan, é plena de significado. Nos situa, nos coloca num lugar nem sempre escolhidos por nós, e do qual nem sempre somos conscientes.

Mas também cria-se e recria-se identidades, conseqüência de uma história da qual nós, brasileiros, não somos conscientes.

“Eu queria mesmo era experimentar totonto, uma aguardente tradicional vendida pelo

vizinho. A bebida pode ser feita com frutas ou mesmo com açúcar e farelo de milho. A mãe de dona Lourdes não fala bem o português. Perguntou se existia totonto no Brasil. ‘Sim... Uma coisa parecida... Chamamos cachaça’.

A velhinha riu. Imediatamente começou a cantar ‘Se você pensa que cachaça é água / cachaça não é água não...’ Cantou a marcha inteira, sem errar nenhuma palavra da letra.

‘Ora vivo? Onde aprendeu essa música?’ Ela não sabia explicar. Dona Lourdes tentou socorrer. ‘O pai dela era monhé’... A vovó não sabe como aprendeu a música de Carnaval tão brasileira”.

Pois é isso. O Brasil faz-se presente por meio de marchinhas de Carnaval, como nos lembram os textos de Craveirinha já nos anos 50 e 60. Como nos lembram os relatos daqueles que viveram em Moçambique no período colonial, e falam das músicas de Carnaval no rádio, mas não só: também entre os marinheiros brasileiros que aportavam em Lourenço Marques e na Beira e iam se divertir nos bares de cidades onde se falava português.

E em muitos lugares nos distinguem como “brasileiros”.

“O amigo não quer comprar marfim?

Não amigo...

Não sei se meu sotaque estava no ‘não’ ou no ‘amigo’.

Ora, o amigo brasileiro pode vender por muito dinheiro quanto voltar ao Brasil”.

E o Brasil se faz presente nas músicas, antigas e modernas; entre os intelectuais que acompanham a nossa literatura (pena que por aqui se acompanhe tão pouco a literatura produzida do lado de lá!); nas telenovelas; e nos cooperantes, pelo menos uns quantos. Pena que nem todos sejam como Ivan.

Histórias

Sim, porque Ivan olhou Moçambique. E percebeu que Moçambique não é uma essência – ou seja, os moçambicanos não são assim ou assado, como insistem muitos estrangeiros. Os moçambicanos são suas histórias.

Moçambique se traduz na grande História dos seus heróis – de Samora Machel, de Eduardo Mondlane, do primeiro tiro, das guerras e da independência gloriosa. Mas se traduz, sobretudo, nas infinitas histórias de suas gentes, em volta fogueira na frente de uma palhota, nos chapas-cem, nas praias, na machamba. Histórias contadas sempre com subidas e baixadas de sobancelhas, interrompidas com palmas e gargalhadas, permeadas por silêncios e olhos arregalados, entrecortadas por “mmmm” e “ihhhh”. E Ivan nos brinda, da melhor maneira moçambicana, com histórias.

Kanimambo Ivan.

Omar Ribeiro Thomaz¹
Lisboa, janeiro de 2006.

¹Antropólogo, doutor em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP), autor de dezenas de ensaios e artigos sobre a colonização na África. Hoje em dia, entre outras tantas atividades, coordena o projeto “*Contextos Cosmopolitas: a Sociedade Colonial e a invenção de Moçambique*” e a linha de pesquisa “*Pós-colonialismo, nação e conflito*”, ambos na Universidade

O antes

O mês era novembro. O ano, 2002. Fazia uma busca despreziosa na internet. Procurava uma oportunidade para fazer algo “diferente”, mas não sabia bem o que entendia por “diferente”. Poderia ser um curso em São Paulo, um emprego no Ceará, um mestrado nos Estados Unidos. Seria uma bolsa de estudos o que eu queria? Não sabia.

Um banner saltou da tela. “Precisa-se de voluntários na África”. E eu, que nunca tinha juntado as palavras “viagem” e “África” na mesma frase, apertei o botão. Não demorou uma semana para que eu começasse a trocar e-mails com a organização responsável pela proposta. O programa era simples. Alguns meses nos Estados Unidos, participando de uma espécie de preparação. Um ano na África, trabalhando em algum projeto social.

“Você quer ir para que país?”, dizia o recrutador, do outro lado da linha.

“Pode escolher? Pra mim tanto faz”

“Pode ser Moçambique? Para nós interessa, já que você fala português...”

Eu nem tinha certeza de que em Moçambique se falava português. Mas sabia que queria ir. Embarquei no final de fevereiro para a América do Norte e, em novembro já estava em terras africanas. A tarefa era ajudar num projeto de educação sobre HIV/Aids, um dos maiores problemas daquela parte do mundo.

Do país, sabia menos do que o pouco que sei hoje. Alguém tinha me dito alguma coisa sobre enormes camarões e era isso o que não saía da minha cabeça.

Da língua, que falava-se a nossa, com um sotaque diferente. Não imaginava que havia

tantas outras línguas (não dialetos, línguas), tão distintas entre si e tão distantes do português

Da localização ao norte da África do Sul, às margens do Oceano Índico. No mapa, parecia muito mais perto de Madagascar do que realmente é.

Da história, que tinha sido brutalmente colonizado pelos portugueses. Que muitos habitantes haviam sido trazidos para o Brasil, como escravos.

Nem desconfiava que havia tanta influência árabe, visto que essa turma chegou à costa bem antes dos lusos. Não sabia que a independência veio depois de muita luta, em 1975, um ano antes de eu nascer. Nem que se havia instalado um governo socialista, capitaneado pelo mito Samora Machel – de quem nunca tinha ouvido falar, nem quando morreu vítima de um mal explicado “acidente” de avião.

Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) e Renamo (Resistência Nacional de Moçambique) eram palavras que não constavam do meu vocabulário. Situação e oposição, os grupos lutaram uma guerra civil, apadrinhados pelas potências mundiais que, sem sujar as mãos de sangue, protagonizaram a temida Guerra Fria nos anos oitenta.

Não sabia dos pactos de paz, da veloz abertura política, das polêmicas eleições que reelegeram Joaquim Chissano, da Frelimo, presidente depois do fim da luta armada.

Se alguém me perguntasse como era dividido o país, eu não imaginaria que era em dez províncias. O nome da capital, Maputo, fui descobrir perto do dia da viagem, assim como o valor da moeda, o Metical.

Decidi apagar tudo o que os meios de comunicação já haviam me dito sobre o continente africano. Exageros, mitificações, estereótipos. Em Moçambique, cogitei encontrar minhas raízes. Acabei achando meu caminho.

Parte I - Lishile²

7 de novembro – Guerra e paz em Joanesburgo

O aeroporto de Joanesburgo poderia ser em qualquer lugar do mundo. Por acaso, era na África do Sul. Pé fora do terminal, primeiros ares quentes deste continente. A loira simpática da agência de viagens cuida de tudo. "Pega as malas", "Bota aqui", "Troca dinheiro ali", "Vamos vamos"

Havia muitos dentes, muitos sorrisos. Humor do povo. Há quem diga que é o calor que faz isso.

A passagem de ônibus que vai a Maputo, capital moçambicana, no dia seguinte se compra no shopping. Compra-se tudo no shopping. Come-se também, um petisco tradicional africâner. Biltong. Carne seca, defumada. De boi, de frango, de avestruz, de tudo.

No albergue da juventude, um grupo de palestinos da faixa de Gaza jogava sinuca.

Muçulmanos, estavam no período do Ramadã. Nada de comida durante o dia. Nada de bebida também, assim como manda Alá. Falavam árabe. E só. Quando a conversa comigo travava, todo mundo dançava. Músicas árabes que cantavam batendo palmas. Habib, habib, habib.

Um chaveiro com uma lamparina - símbolo do Ramadã. Presente para mim. Devolvo com um broche que dizia "paz" em árabe e em hebraico. Não se admitia a referência judaica. Quase todos perderam familiares para o exército israelense. Um deles já havia chorado a morte de duas irmãs. Não, não é fácil falar de paz.

Um dos amigos, que se chamava Osama, disse que não usaria o broche. Mas prometeu guardar com carinho.

² “Bom dia”, em changana

Uma mocinha africâner trabalhava no albergue e conversava. Falava da raiva que teve de Nelson Mandela, líder negro sul-africano que, aprisionado pelo regime do apartheid, foi libertado para tornar-se o primeiro presidente negro daquele país. "Nós, brancos, estudamos um bocado para chegar a altos postos no governo. Esse homem saiu da prisão direto para a presidência", argumentou. "Foi bom para a África, mas para mim as mudanças foram muito difíceis. Fui criada diferente. Empregos diferentes, bairros diferentes, escolas diferentes. De uma hora para a outra, tínhamos que dividir os mesmos ambientes e ser amigos. O choque foi grande".

Mal terminou de dizer que a violência havia aumentado com o fim do regime separatista: gritos.

Um turista que acabara de chegar do aeroporto havia sido assaltado. Coronhada na cabeça. Sangue, sangue, sangue. Pandemônio no bar do albergue. Correria. Chama a polícia! Um hóspede, estudante de medicina inglês a caminho do Malawi, tratou dos primeiros socorros.

"Isso é que dá. Aqui agora tem negro em toda parte!" O berro veio de uma polonesa loira que morava em Jo-burgo. Não se importava com a presença dos funcionários nativos africanos. O motorista Opa, de etnia zulu, pareceu não se abalar com o comentário racista. Calmamente, bebericava sua cerveja Castel Lager.

Joanesburgo tem fama de cidade violenta. E agora, outros que estavam naquele albergue vão alimentar o estereótipo. Talvez até eu.

Passado o susto, o barman Casper começou a fazer drinks de todas as cores e gostos. Distribuía de graça para quem estivesse por perto. Em breve, já não mais se falava no assalto.

Hoyo hoyo³

Partida para Moçambique. O ônibus da Intercape saiu da estação em Joanesburgo exatamente às 8h15, como tinha escrito no bilhete que custou 180 rands (nesse tempo, cerca de 20 dólares). Duração prevista para a viagem: 8 horas.

"Chá?" quem perguntou foi o rapaz da companhia rodoviária foi moça que sentava ao lado. Em lindo português, que denunciava sua nacionalidade moçambicana.

Aos 20 anos e vivendo com o namorado, Eleutéria (que odiava o nome e preferia ser apenas "Télia") havia ido para Jo-burgo só para fazer um check-up médico. Disse que é comum em moçambicanos com as melhores contas bancárias.

Télia é fã de Vera Fisher ("Se eu pudesse, vestiria tudo o que ela veste") e das novelas brasileiras. Na conversa, gosta de usar frases de novelas como metáforas para ensinamentos sobre a vida.

Atualizada, a menina assiste aos folhetins ao mesmo tempo que a minha mãe ou a sua. Por cerca de 40 dólares mensais (mais que o salário mínimo de Moçambique), acompanha a Globo em tempo real. Entre um filme americano e uma novela brasileira, não teria dúvidas. Ficaria com o produto da indústria cultural brazuca.

Na boca de Telia, música brasileira também faz sucesso em Maputo. Roberto Carlos e Wando são os reis. "Wando é muito romântico, por isso que todas gostamos dele. Os

³ "Bem vindo", em changana

homens daqui são uns cavalos. Nunca dizem o que sentem. Será que todos os brasileiros são românticos assim? Se forem bonitos como os das novelas...", suspirava.

Por enquanto, a moça é sustentada pelo namorado e tenta entrar na universidade para cursar engenharia elétrica ou computação ("não posso depender de homem para o resto da vida"). Viaja duas horas para fazer as compras na África do Sul porque é mais barato. Reclama da mãe, machista, por estar construindo uma casa para o irmão que estuda para ser aviador ("Ela diz que filho homem tem que ter casa própria para não ter que morar na casa da mulher. E eu, não preciso?").

Télia denuncia o racismo na África do Sul e em Moçambique. "E os mulatos ainda são mais racistas que os brancos. Eles esquecem que para se ter mulato tem que ter preto e branco. Tem gente que diz que mulato não tem pátria. Eu acho que essa pátria é o Brasil, não é?", perguntava. Negra, nascida e criada na região da capital, a menina não fala nenhuma das tantas línguas nativas de Moçambique "meus pais só falavam português comigo", disse, com um estranho orgulho.

Ofereceu-me água. Bebi e agradei. "Água não se agradece. Água deveria ser de graça para todo mundo". Fiz que sim com a cabeça.

A aula continuava. Mostrou algumas cédulas de meticais. Há notas de dez mil, cinquenta mil, cem mil. Deu-me duas moedas. Uma de mil e outra de quinhentos. Mais ou menos o preço de um pão. Um real custa pouco mais de oito mil meticais. Um dólar, 25 mil.

No meio do caminho, a correia do ônibus quebrou. O calor era forte e o céu era azul na mais de hora em que o veículo ficou parado na estrada.

Não existe a "rodoviária de Maputo". O ônibus pára numa das avenidas principais: 24 de Julho, entre duas agências de turismo. A portuguesa-guineense-moçambicana Magda, a americana Shannon e a lusitana Cristina eram só braços abertos. Cumprimentos. As duas já chegaram aqui há seis meses e são voluntárias no mesmo projeto ao qual eu me junto. Pizza? Claro.

As mesas na calçada não eram diferentes de vários lugares do Recife. Os meninos que nos arroteavam para pedir trocados também poderiam morar na capital pernambucana. Muda apenas o sotaque. "Estou pedir dinheiro" é expressão da moda.

Trinta quilômetros separam Maputo do distrito de Boane. O percurso pode levar de 40 minutos a duas horas, dependendo do transporte e da audácia do motorista. Na vila, algumas casas de alvenaria são as "casas brancas". Todas coloridas. Ouve-se dizer que o apelido veio porque foram construídas para estrangeiros que vieram na época da revolução. Uma delas é minha casa.

A casa é grande e simples. Não tem nem água corrente nem geladeira, embora haja torneiras, pias e até um chuveiro enferrujado. A energia elétrica é inconstante. Uma empregada, Sara, lava as roupas, arruma, limpa e faz a comida. Recebe menos da metade do que ganhamos como "voluntários".

Uma sala enorme, dois banheiros, uma cozinha. Três quartos. Um para mim, outro onde vivem Shannon e Magda. Rodrigo e Andreia, um casal de brasileiros que dividem o último.

No quintal: bananeira, mamoeiro, limoeiro, coqueiro, goiabeira, mangueira e outros "eiros" e "eiras" que fornecem produtos comestíveis.

Perto da casa, as canções dos bichos da noite se misturam com as músicas da discoteca

Ponto Final (música africana, latina, Roberto Carlos, dance music, Ace of Base...) e com o apito de um trem que passava menos de cem metros.

Indo e vindo

Muito do ir-e-vir é feito através dos "chapas". Vans ou micro-ônibus que cobram de 5 mil a 8 mil meticais, a depender da distância a ser percorrida. Menos do que o preço de uma garrafa de água mineral. Motoristas e cobradores não se incomodam de lotar o veículo até não caber mais nem o cheiro de ninguém.

Para pedir parada, basta gritar "paragem!". Cada paragem tem um nome. Desci na Entrepósito, batizada por conta de uma loja de automóveis.

Em Maputo, pode-se gastar 100 mil com uma refeição numa cadeia sul-africana de fast food. Ou 25 mil num prato feito num dos mercados públicos. Uma garrafa um litro d'água custa 10 mil ou 12 mil, enquanto um refrigerante (que eles chamam de "refresco") vai de 7 mil a 15 mil.

Em Boane, não há internet. E-mail e afins, só em Maputo. Na capital, sujeira nas ruas, há muitas placas em inglês (uma barraca de comida chamava-se "Take Away Neusa"). Os nomes das ruas homenageiam velhos comunistas. Karl Marx, Ho Chi Min, Wladimir Lenine (com 'e' no final mesmo), Mao Tse Tung... Todos têm direito a um logradouro. Ah, até o presidente, Joaquim Chissano, vivíssimo e no poder, tem uma rua em seu nome, além de escolas espalhadas por todo o país.

"É difícil ir um dia em Maputo e não ver alguém com uma camisa da seleção brasileira", Rodrigo avisa. Ou de Ronaldinho. Outra cara conhecida nas camisas é a do terrorista popstar Osama Bin Laden, mas o barbudo perde feio para a Canarinha.

Moçambique lutou pela independência e conseguiu soberania em 1975. O governo comunista da Frelimo, porém, passou quase duas décadas lutando contra a Renamo – grupo que tinha apoio dos Estados Unidos, África do Sul e Rodésia (hoje Zimbábue) e aquartelou-se principalmente no norte. A guerra civil acabou em 1992. O acordo de paz foi seguido de uma louca abertura econômica. Na cidade, são poucas as mulheres com as capulanas tradicionais (panos que são usados principalmente como saias), mas multiplicam-se os carros de luxo. Mercedes Benz e BMW são os favoritos da pequena elite.

Uma lanchonete ajuda a matar a fome da burguesia no internet café, que fica no Tiger Center, um pequeno shopping que pertence a uma família de indianos. Petiscos tradicionais. Bolinho de bacalhau (15 mil meticais), badjia (espécie de acarajé sem camarão, que sai por mil meticais). Se é frito, é bom.

###

Em Boane o mercado funciona diariamente e se expande pela rua. Senhoras sentam-se no chão e expõem suas frutas, suas verduras. Tomates, mandiocas, pepinos, folhas de couve.

"Ou, eu sou Danilo. É Danilo o meu nome. Nós temos que ser amigos. Quero que você vá para a minha casa."

Não havia como driblar aquele menino. Caminhamos juntos. Fazia questão de levar uns cadernos que eu trazia e perguntava sempre se estava andando rápido demais.

Danilo falava muito, repetindo o nome várias vezes como se tivesse medo que eu não o

entendesse. Queria ir à África do Sul com os primos. "Moçambique vai mal". Contou que morava com o irmão, policial.

O garoto de 18 anos dizia que teve que largar os estudos por falta de material escolar em Inhambane, "terra de boa gente", província ao norte de Maputo, de onde vinha. Por onde passava, falava, acenava, dava boa tarde, numa felicidade que depois explicou.

"Todos estão me admirando porque eu estou andando com um branco. Estão vendo que eu tenho um amigo branco. Depois vão me perguntar 'como conseguiste?'"

O bairro do Gueguegue é uma enorme área de terra seca com algumas poucas árvores. Casas de matope⁴, lona, caniço⁵. Um pouco nosso arquétipo de sertão. Muita seca e muito sol. As pessoas tentam cultivar machambas⁶, mas a falta de chuva não ajuda.

O "irmão" de Danilo na verdade é um tio, que descansava numa esteira. Henrique acordou e mostrou alegria ao me ver sentado no seu quintal. Havia lutado pela Frelimo durante a guerra civil e agora havia pego um posto na polícia em Maputo. Ia trabalhar de chapa e, nas horas de folga, mantinha uma machambinha no quintal. Como outros companheiros, estudou quatro anos em Cuba.

Conversamos. Achou interessante que um brasileiro branco gordinho e cabeludo estivesse ali. Na saída, perguntou a Danilo – secretamente – pela namorada, quase na frente da esposa. "Ele é casado com essa, mas 'agrama' mesmo outra", explicou Danilo. Agramar é gostar.

Danilo me acompanhou de volta até a casa. No caminho, uma senhora pulava e gritava em changana, uma das línguas locais. Na província de Maputo, fala-se também o ronga. Em todo o país, são mais de 30 idiomas nativos, a maior parte deles de origem banto. Danilo traduz. A mulher brincava porque ele andava com um branco.

Mulungo⁷

Domingo é dia de ir à missa. Massaca faz parte do distrito de Boane, mas é distante da vila. Rodrigo foi dar palestra numa igreja. No caminho, um grupo de crianças brincava "mulungo! mulungo!" e riam, como que dissessem "galego de água doce...".

Vizinha à casa onde moramos, existe uma mantida pela Remar, uma organização de caridade cristã que recebe crianças órfãs. Sempre que passamos lá na frente, a história é a mesma. Mulungo, mulungo...

Rodrigo é descendente de armênios. Tem traços árabes, cabelo rastafari. Eu, cacheado. Para aqueles meninos, não havia diferença nenhuma entre nós dois e uma loira de olhos azuis. Tudo mulungo. Outro dia, noutro campo, Rodrigo fez uma careta para uma criança e disse "O mulungo vai te pegar!!". A menina saiu correndo, chorando.

A "igreja", era uma palhoça com alguns poucos lugares para se sentar. As mulheres mais jovens e as crianças sentavam-se no chão, numa esteira. Para os homens, os celebrantes, e nós, convidados, havia cadeiras numa posição de destaque. As senhoras mais idosas ficavam num banco, à esquerda.

⁴Barro

⁵Espécie de palha, normalmente retirada de regiões ribeirinhas

⁶Pequenas hortas onde se pratica principalmente a agricultura de subsistência

⁷“Branco! Branco!”, em changana

A celebração foi intensa. Praticamente toda em música, sempre em changana. Canções alegres, tristes, de louvor e meditação. Não entendia nada, mas tinha a impressão de saber exatamente o que eles estavam falando. Conversa-se com Deus utilizando-se muito mais que palavras.

Num dado momento, algumas mulheres saíram da tenda. Voltaram dançando e cantando. Entre uma palavra e outra, "kanimambo". Talvez a palavra mais utilizada nessa língua. Significa, entre tantas coisas, "obrigado", "prazer".

A energia era enorme e me tomou o corpo inteiro. Com os olhos marejados, a gente repetia "kanimambo, kanimambo". Olhei para Rodrigo. "Se Deus existe, ele está aqui".

Embora seja a língua oficial do país, apenas 1% da população fala português como primeira língua. Normalmente, aprende-se na escola. Na vila, praticamente todo mundo entende. Quando se anda mais um pouco, em direção às áreas mais rurais, o changana passa a ser cada vez mais útil.

Na hora certa, com a autorização do pastor, Rodrigo começou a falar de HIV. Falava em português. Contava com a tradução quase simultânea de Fátima, a oficial de campo do programa Total Controle da Epidemia. Terminada a palestra, o próprio pastor tomou a palavra e encorajou as pessoas a testarem-se.

Após o término da celebração, canta-se uma música alegre e vão todos se retirando. Os que saem primeiro, ficam à porta. Quem sai depois, aperta a mão de todos os que já estão fora e se posicionam no final da fila. Até que não resta mais ninguém dentro da igreja e todos já falaram com todos.

Na casa vizinha à igreja, um grupo se embebedava com uma bebida artesanal, feita de farelo de milho fermentado. É o mal-coado, cerveja tradicional.

Mais na frente visitamos uma senhora doente. Passava o dia na frente da casa (que tinha o tamanho de um banheiro) olhando para o tempo, para a terra seca e para a perna aleijada, cheia de feridas.

Doente, pobre, velha e cansada, a maior preocupação da mamá é que o pessoal da igreja não nos ofereceu comida. Dizia que estávamos mal alimentados. Acho que a mamá também não enxergava muito bem, senão teria visto minha barriga, agressiva para os padrões locais. Olhava em volta e desculpava-se, dizia que se o milho já tivesse crescido nos daria algo para comer. Agradecemos (kanimambo, kanimambo) e nos despedimos ("ni ya kaya – vamos para casa").

11 de novembro

Uma das estratégias do governo para conter o avanço do HIV em Moçambique são os testes voluntários. Em Gabinetes de Aconselhamento e Testagem (GATVs), normalmente financiados por organismos internacionais, a população pode saber seu estado viral e, a partir daí, planejar uma vida mais saudável.

Em dez minutos e gratuitamente, qualquer um descobre como está. Frio na espinha quando a conselheira avisa "temos o resultado". É difícil não sentir nada naqueles segundos que antecedem a resposta definitiva. Aqui na vila, cerca de 20% das pessoas que entram no gabinete recebem o resultado positivo. Em Moçambique, calcula-se que 700 são infectadas diariamente. Tratamento antiretroviral é coisa raríssima. Morte é coisa bem frequente.

Junto ao GATV fica o Hospital de Boane. Os prédios são grandes, horizontais. A quantidade de leitos parece suficiente. Médico, só um, que nem fica lá o tempo inteiro. Acumula a função de "diretor distrital de saúde" do lugar e tem muitos compromissos com outras autoridades. Magda gosta de falar da incompetência do doutor Muripa e conta que há dois enfermeiros que fazem a maior parte do trabalho.

Sara, que nos ajuda nos serviços domésticos, está internada. Na entrada do hospital, uma senhora de havaianas varria o chão cheio de seringas (uma inclusive com uma agulha) e demais peças de lixo hospitalar. Magda avisou. Ela, sem pressa: "Hei de tirar...", com um lindo e lento sotaque.

No hospital inteiro não se via nenhum profissional. Sara descansava num quarto. Sozinha. Já na saída, uma enfermeira caminhava tranqüila.

"Sabe alguma coisa sobre Sara?"

"Tá com um princípio de aborto, mmmm, o colo ainda tá fechado, mmmm, temos que esperar para ver o que vai acontecer, mmmm".

Esse "mmmm" é típico. Normalmente quer dizer "sim".

À Sara, que não sabia nem que estava grávida, simplesmente deram Paracetamol. Magda diz que aqui dão esse remédio para tudo, de prisão de ventre a câncer, e puseram-na para descansar. Ela acabou sendo transferida para outro hospital, na cidade, onde foi consumado o aborto.

#####

Capulanas são pedaços de tecido colorido de 1,80 metro. Fazem parte da cultura de Moçambique assim como as línguas locais, os ritmos tradicionais, a fome e a seca. Aqui no sul, usa-se de várias maneiras, principalmente como saia longa, acompanhada sempre de blusa. Seja no dia-a-dia, seja numa festa. Há capulanas para todas as ocasiões.

As quadriculadas são normalmente usadas pelas senhoras mais velhas. Jovens preferem as mais coloridas, estampadas com motivos que podem ser a marca da Coca-cola, uma mensagem contra a AIDS, frutas, formas abstratas ou mesmo a foto do presidente da república, Joaquim Chissano. Umas tem círculos desenhados e são tradicionalmente usadas por curandeiros. A capulana também serve para amarrar bebês nas costas, para apoiar baldes que vão na cabeça, para enxugar-se depois do banho, para servir de cortina ou pano de mesa.

Compram-se em lojas enfeitadas. A maioria pertence a indianos e seus descendentes, famosos pela habilidade de negociar desde antes de os portugueses chegarem a Moçambique.

12 de novembro

Um punhado de autoridades representam o governo em Boane. O secretário de Ação Social (Sr. Mateteu) e o médico do hospital (Dr. Muripa) são figuras ilustres. O Mateteu fala de novelas brasileiras assim como Télia, a menina do ônibus. Ensinamentos e afins. "Quando a novela mostra uma coisa ruim, pode acompanhar os capítulos que ela mostra a consequência do ato mais tarde". Muito formal, o político – até pra falar de novela.

As meninas que vivem na nossa casa não morrem de amores pelo médico. Dizem que dá em cima de todas elas. "Velho porco e babão", sentenciou uma, talvez exagerando. Ou não.

Os escritórios do estado parecem-se com prédios públicos no interior do Brasil. Simples, sem computadores. Uma pequena ante-sala com funcionários demais e muitos, muitos papéis espalhados por todos os lados. Muito calor e nada de ar-condicionado.

xxxx

Na feira, cocadas. Duas, por mil meticais. Cocadas de coco queimado. Exatamente isso. Sem tirar nem pôr. Aqui se chama "matoritori".

A matapa é talvez o prato mais tradicional do sul de Moçambique. O preparado à base de folhas de mandioca leva também amendoim e coco, além de um pouco de tomate e cebola. Come-se acompanhado de arroz e é uma delícia. Também pode ser incrementado com caranguejo ou camarão.

Sua majestade, o pangolim

Maelane. Fronteira com o distrito de Namaacha. Com Rodrigo, visita ao solene oficial de campo Carlos Tamele:

"Foi encontrado aqui na vila um animal histórico, chamado pangolim. A lenda diz que ele fala e pode nos dar notícias sobre o futuro. Vocês querem ver?"

O tal bicho estava "hospedado" numa casa de um cômodo. Umam três mamás sentadas no chão. Num dos cantos, uma espécie de tatu com escamas se encolhia. Quem entra na casa deposita mil meticais numa panela ("de acordo com a tradição todos pagam para ver o pangolim").

As mamás cantavam e batiam palmas alegremente. Um curandeiro levantou-se e acariciou o bicho. Nem tatu, nem tamanduá.

Até aquele dia, o pangolim não havia dito nada. ("Ele ainda vai falar, mas somente com o curandeiro, sempre em changana", alertaram as mamás") Carlos estava emocionado. Aos quase quarenta anos, via o bicho pela primeira vez. "Sempre ouvi muitas histórias sobre o pangolim durante toda a minha vida, mas nunca tinha chegado perto de um. Em Maputo, ele só apareceu duas vezes", garantiu.

Perto da casa onde a comunidade celebrava a visita do animal mítico, vivia Marta, 16 anos. Ela e o irmão gêmeo são órfãos e moram numa cabana de palha. Alguns dias, conseguem comida. Outros não. Ela insistia em ir à escola, enquanto o irmão acabara de desistir por falta de livros. Olhos tristes, Marta precisava de muita conversa para mostrar o sorriso.

Numa palhota⁸ mais na frente, uma família grande. Só mulheres. O homem da casa tinha ido, como tantos outros, para a África do Sul em busca de trabalho. Deixou mulher, sogra e filhas. Voltaria em dezembro, depois de um ano fora. Talvez.

O oficial de campo do programa TCE (Total Controle da Epidemia) tem como função básica alertar toda a população de sua área sobre a epidemia do HIV/Sida (aqui não se diz "Aids") e tentar fazer com que a comunidade se mobilize para controlar o problema. Tamele tentava formar um comitê de bairro, para ajudá-lo na tarefa. Líderes comunitários, religiosos, chefes do quarteirão e secretários de bairro estavam presentes. Tudo registrado

⁸Pequena palhoça, feita de caniço, muitas vezes construída em formato circular. Residência típica de algumas regiões, especialmente do sul moçambicano

em ata.

Quando o chapa demora, caronas (ou boléias) são o grande meio de transporte. Na volta para a vila de Boane, dividimos a traseira de uma caminhonete com umas quatro mamás. Tinham uma machamba em Goba (última cidade de Moçambique antes da Suazilândia) e moravam em Maputo. Uma delas tinha combinado com o marido que ele usasse Jeito (camisinha) sempre que fosse sair com outras mulheres. Em casa, ela não queria. Disse que falava abertamente sobre a epidemia com os filhos mais velhos e que estava conscientizada do perigo da doença.

Rodrigo mora com a namorada há dois anos e não deixou de ouvir o velho sermão. "Como ainda não tem filhos??? Um casal não é um casal antes de ter filhos!!" Todas as quatro mamás do carro tinham filhos. De quatro a sete. Em média. Rodrigo já está acostumado e responde sempre com bom humor. "Então eu vou em casa agora fazer um filho, certo?"

Reggae na Matola F

Shannon conheceu um cara no chapa. Eis o diálogo.

"Trabalho com HIV".

"Tenho uma banda. Quero ajudar".

"Não temos dinheiro."

"Tudo bem, queremos ajudar. Venha conhecer a minha banda."

O ponto de encontro era a paragem⁹ Mangueiras. Às 16h. O músico estava lá, com mais um componente da banda. O ensaio era no bairro da Matola F. À primeira vista, um lugar pobre semi-rural como qualquer outro dessas bandas. Quase.

Ao redor, muitos, muitos mutilados. Homens sem perna, sem braço, vítimas de minas durante os quase vinte anos de guerra civil. A Frelimo instalou veteranos do conflito naquela área, o que explica a aglomeração de ex-combatentes.

O líder da banda veio falar conosco. Contente por ter gente de fora para conhecer o som, o papá era uma figuraça. Ex-guerrilheiro com cabelo rastafari, sem um braço e cego de um olho. Contava que havia tido dois filhos durante a guerra e mais quatro com a nova esposa, Mama África. "Dois morreram... Mas minha vida é fazer filhos. Se eu passar dois anos no Brasil, faço filho lá também."

Um dos meninos chamava-se Pai. Outro, com um mês de nascido, ainda sem nome, ficou dentro de casa.

Demorou uma hora – de relógio – para que o equipamento fosse todo instalado. Enquanto isso, Mama África (esposa, mãe e tecladista) serviu refrigerante. O povo começou a aglomerar-se no quintal. Afinal de contas, além do som da banda do Papá, ainda podiam ficar olhando para os dois gringos tomando Coca-Cola. Programão.

Um cachorro vira-lata amarrado com uma corrente latia e fazia medo. Quando o conjunto começou a mandar os acordes de um reggae inocente, o canino foi ao delírio. Latiu mais alto que a competente bateria de um menino que não devia ter quinze anos. A banda não parou e um camarada meio biritado ficava dançando na frente da gente como que para dizer que conhecia os passos.

⁹Parada, ponto do chapa

No primeiro intervalo, o vocalista fez questão de nos apresentar. "Povo da Matola F! Nós estamos a receber visitas internacionais! Estamos a fazer contato com outros povos! Shannon e Ivan vieram aqui somente para assistir a nossa banda!!", dizia animado, para os aplausos da massa.

Na hora de ir embora, levantei. Mas bastou terminar outro intervalo para o papá mandar novamente. "Chegou a hora de nos despedir dos nossos convidados! Ivan e Shannon vieram a nosso país para nos ajudar na luta contra o Sida. Então vamos cantar uma música que é sobre esta epidemia, que está a matar os moçambicanos e a chamar a atenção da comunidade internacional."

Um reggae com um refrão que era mais ou menos assim:

"O Sida porque nos mata?
Mas a paz não ofende ninguém."

Cai a noite na capital

Um dos grandes *points* da noite maputense é o African Bar. A entrada custa 50 mil meticais (dois almoços no mercado, cinco refrigerantes ou uma capulana). O cantor da banda apresentou-se em inglês e português antes de mandar competentes acordes de jazz e bossa nova.

Os barmen também falavam em inglês quando vendiam cervejas por 25 mil (o preço em outros lugares é entre 15 e 20 mil). A maior parte dos frequentadores ou é turista ou faz parte da elite local acompanhada de negociantes sul-africanos.

No outro extremo, está a Baixa. Centro da cidade, ruas sujas, mesas quebradas, atendimento fraco e cerveja barata. Muito mais gente, mais calor.

xxxxx

A estação é de manga, mamão (aqui se chama papaia), liche¹⁰, banana e coco. No mercado de Boane também há massalas, uma fruta tradicional desta parte do mundo. Parece com uma cabaça. Abre-se batendo-se com força na casca e chupam-se as sementes, envoltas por uma polpa azedo-doce. Dizem que a massala não pode ser colhida. Simplesmente cai da árvore quando está pronta para ser comida. Falei em levar sementes para plantar no Brasil e fui advertido. "Esta fruta não se planta. Só nasce onde quer"

Destino: Sofala

Sr. Américo é motorista do programa TCE e mora no Chipamanine, uma das áreas mais pobres de Maputo. Divide a casa com a mãe, um irmão, a esposa e dois filhos. O mais novo, ainda sem nome. Na frente da casa, um pessegueiro é apresentado com orgulho. Na pequena sala, a mamá assistia ao Cidade Alerta, da Record, que mostra a criminalidade em São Paulo. Esperava pela hora da novela. Queria saber se Camila realmente iria conseguir vencer a luta contra o câncer em Laços de Família. Nas paredes, fotos de santos, artistas e da seleção brasileira campeã do mundo em 1994. "Esta eu não tiro daí nunca", avisou.

¹⁰Pequena fruta doce, de formato oval, bastante apreciada

Está convencido de que mora no melhor lugar do mundo. Só lamenta a mudança dos tempos em relação ao período em que o país foi governado pelo hoje mítico Samora Machel, comandante comunista que morreu num mal explicado desastre de avião no início dos anos oitenta. “No tempo de Samora, não tinha criminalidade nem corrupção. Irmão não roubava irmão. Ninguém era rico, mas todos viviam com dignidade”, falou.

Era ele quem estava ao volante, de Maputo à Beira, na província de Sofala. Nada menos que 1.200 quilômetros de chão. Saída às quatro horas de manhã. No carro ainda iam Cristina, minha chefe portuguesa, além de Sean e Marta. Ele, canadense. Ela, polonesa. Ambos, voluntários como eu, atuam também no TCE, só que na capital.

A viagem era para conduzir uma pesquisa sobre o conhecimento do povo a despeito da epidemia de HIV/Sida nessa área. A região é considerada uma das mais afetadas do país, visto que é entrecortada pelo chamado “Corredor da Beira”, estrada que vai do Zimbábue até a Beira, segunda cidade de Moçambique. O movimento de caminhoneiros, famosos por terem uma namorada em cada posto de gasolina, aumenta o perigo de infecção.

Esta pesquisa será realizada em três distritos, simultaneamente. Eu vou ficar na Gorongosa, Sean, no Dondo e Marta, em Nhamatanda.

A Estrada Nacional 1 nos levaria diretamente à Sofala, passando antes por Gaza, Inhambane e Manica. Quase nova e pouco utilizada, a rodovia não tinha maiores problemas além de ser um pouco estreita em alguns lugares.

Às dez horas, um susto e o barulho de um homem batendo no pára-brisa do carro. O rapaz havia surgido do nada e tentara atravessar a rua correndo, encontrando o capô do nosso Nissan 4x4 no meio do caminho. No chão, o acidentado estava consciente, mas chorava de dor nas pernas. Precisava de um hospital. O mais próximo, na cidade de Inhambane, alguns 60 quilômetros mais à frente.

Na batida, porém, o radiador do veículo furou e toda a água vazou. A cada dez minutos uma parada para encher novamente. Para diminuir a agonia, um carro foi contratado para levar a vítima na frente.

Em Inhambane, Sr. Américo, Sean e Marta foram ao hospital, enquanto eu e Cristina achamos uma oficina. Seis mecânicos que, juntos, não deveriam ter 60 anos, começaram então a bulir no carro, sem demonstrar perícia alguma. Um pegou um parafuso e perguntou ao outro: “Esse serve para quê?”.

Algumas horas depois, o radiador estava consertado. Sr. Américo, Sean e Marta também foram liberados pela polícia depois de muita conversa e tentativas de abuso de autoridade. Com seis horas de atraso, estávamos de volta à EN1. Desta vez, para que o Sr. Américo descansasse um pouco os músculos e a cabeça, eu assumi o volante.

Assim como na Inglaterra e na África do Sul, a direção dos carros fica do lado direito e dirige-se do lado esquerdo das ruas. Nos primeiros metros, uma loucura. O pisca-pisca é do outro lado e passa-se as marchas com a mão esquerda.

Na rua, as pessoas pareciam não temer atropelamentos. Muitas andam no meio da pista e não saem mesmo depois da buzina. “Eles têm mais medo de chuva do que de carro”, opinou o Sr. Américo.

Mais na frente, já sem sol, Sr. Américo retornou ao assento do motorista. Já não havia tempo para se completar a viagem naquela noite. Dormida em Vilanculo, uma cidade de praia ainda na província de Inhambane, destino turísticos dos mais famosos de Moçambique. Ponto bastante freqüentado por europeus e de sul-africanos brancos.

Lá pelas 22h check in na pousada/camping Baobab, onde trabalha Nina, da Finlândia. Sem registro, trabalha dia sim, dia não e ganha 100 mil meticais por dia. Cama e refeições estão incluídas no pacote.

Às 3h, mais estrada.

No meio do caminho, alguns macaquinhos cumprimentavam os passantes. Mais sete horas, "bem vindos a Beira".

E eis o Oceano Índico. A cor da água, meio esverdeada, lembrava Pitimbu, litoral paraibano. A temperatura, morna também. Pescadores puxando uma rede exatamente como se faz na Paraíba, com duas cordas vindas do alto mar. Tão longe, tão perto.

Frutos do mar são a comida típica. Num restaurante, uma lula enorme vinha acompanhada de batatas. No rádio, Reginaldo Rossi cantando "Garçon" naquela versão em que ele faz um discurso antes, dizendo que foi chifrado por Ronaldinho. Impagável.

Eclipse na Gorongosa

"Gosta de cabrito?"

"Gosto."

"Hei de matar um pra você"

O banquete foi preparado pelo Sr. Domingos, na Gorongosa, distrito montanhoso a 220 quilômetros da Beira. O local é mais conhecido por ter um grande parque natural e por ter sido um dos locais mais prejudicados pelo conflito armado entre Renamo e Frelimo.

A carne guisada vem acompanhada de arroz, batata-frita, pão e chima, uma espécie de polenta feita com farinha de milho.

O "Quiosque Zambeziano", como chama-se a pousada do Sr. Domingos, tem quartos em alvenaria, com camas. Mas a maior parte da estrutura do complexo é de barro e palha. A cozinha, uma estrutura circular com chão de barro batido e alguns fogões de lenha, fica no centro.

Atrás do quarto, vivem almoços e jantares. Galinhas, patos e cabritos que morrem diariamente para vir cair em nossos pratos.

Fora, há duas latrinas e três casas de banho (pequenos cubículos de cimento com um furo numa das paredes para que a água – e o xixi – corram).

Para tomar banho, pede-se água a uma senhora.

"Quer banho quente?"

"Claro, mamá!"

Dez minutos depois:

"Seu banho já está".

Fui à casa de banho e estavam lá o balde cheio e uma latinha de leite em pó vazia, que faria as vezes da cuia.

O jantar demora. Tudo é preparado na hora. Antes, uma mamá vem com uma bacia d'água para que eu lavasse as mãos.

O Sr. Domingos tem 58 anos. Trabalha o dia inteiro. Montado na bicicleta, fazendo compras, concertando ou construindo alguma coisa. Não pára, indo de um lado para o outro e coçando uma lustrosa careca negra. Natural da Zambézia, província ao norte da Sofala, viveu 30 anos na Beira e agora está há cinco na Gorongosa. De poucas letras e livros, fala pelo menos 3 línguas (português, chuabo e chissena) e é um mágico da cozinha regional.

A Gorongosa tem cerca de 88 mil habitantes, a maioria de origem massena ou mandau. A estrada, recém-construída, está excelente. Mas não há energia elétrica, água encanada nem mesmo correios. Uma agência de cooperação alemã, a GTZ, tem um gerador que beneficia algumas casas a partir das 18h. Não é difícil encontrar Coca-cola, que é vendida mesmo natural, mais barata do que água mineral, nas barracas da beira da estrada.

Televisão, dizem que há uma, numa pousada, onde pessoas se amontoam para ver, ao vivo, o julgamento do Caso Cardoso, em que um punhado de comerciantes são acusados de ter assassinado um combativo jornalista. Novelas brasileiras também dão grande audiência, claro. Rádio não pega FM. No AM, às vezes fala-se sena, às vezes ndau, às vezes manica, às vezes shona. Às vezes só chiado. O lugar também não tem sinal para telefone celular. Quem quer ligar para alguém vai até o posto telefônico que o estudante Geraldo orgulhosamente me apresentou: “Olha lá! Já temos telecomunicações!”

A pesquisa que conduzi tem a ajuda de sete voluntários da vila. Em uma semana, o objetivo é entrevistar 400 pessoas. No questionário, perguntas sobre saúde, HIV e sexualidade.

No primeiro dia, havia um eclipse parcial do sol programado para acontecer por volta das oito horas, o que gerou ponto facultativo nacional. Quem trabalhava para os outros, ficou em casa e enchia a cara.

Fomos pedir a autorização de um dos secretários de bairro para trabalhar e ele foi bem claro. “Tudo bem, mas digam a todo mundo que vocês não têm nada a ver com o eclipse. Sabe como é, um branco andando por aqui num dia como esses... As pessoas podem ficar assustadas.”

Houve gente “culpando” os muçulmanos pelo eclipse, visto que o ramadã também termina esta semana. Crianças brincavam gritando “a escuridão vem aí” e correndo de um lado para o outro. Quem trabalha em seu próprio negócio ou quem cuida da própria machamba, porém, não deu colher de chá para conversa mole e foi para o batente como todos os dias.

Muitos dizem ter medo do eclipse. Como as autoridades recomendam que não se olhe diretamente para o sol para não prejudicar a visão, alguns interpretam como se fosse realmente uma coisa perigosa o simples fato de o eclipse existir. Outros, apenas aproveitam a desculpa para não aparecer no trabalho. Até o Caso Cardoso, julgamento mais importante da história de Moçambique e atração número um da mídia, foi interrompido. Os voluntários, convenci-os todos a trabalhar. Exceto um, enfermeiro-chefe do hospital local, que preferiu ficar em casa bebendo. “Não posso arriscar minha vida”, explicou-se.

Eclipse veio, eclipse foi. Sem vítimas.

No campo, a língua é uma barreira. O português é inútil diante da avalanche de línguas e dialetos falados neste lugar. Também não pegou bem para um homem de pele mais clara andar sozinho. É difícil esconder-se da cor. Muitos pensam que você está distribuindo

dinheiro, como tantos outros que vieram antes. Uma moça doente me seguiu pedindo uma passagem para Maputo e outro senhor bêbado me cobrou pelo menos 10 contos, chamando-me de bandido quando percebeu que eu não iria dar. “Então você só veio para nos roubar!”, sentenciou.

Alguns restos da guerra ainda são encontrados no meio do mato. Muitos tanques velhos, trincheiras e memórias nas mentes de todos os que moram naquela área. O meu “guia” era um secretário de bairro que havia sido combatente. Mostrou os fragmentos de bala que ainda tem num dos braços. “No tempo do conflito, os homens ficavam todos nessas montanhas. Se pegassem alguém do lado de cá, cortavam-lhe o sexo e a barriga”, contou. Depois do cessar fogo, porém, a paz não tardou. “O povo estava cansado de briga e de ir dormir com o barulho dos tiros.”

Os que são jovens demais para lembrar-se da guerra, dificilmente sabem a idade que têm. Meninas de 14, 15 anos já têm filhos e mostram os seios de senhoras de 50.

“Isso que eu tenho é Sida?”, pergunta uma das moças que trabalham com o Sr. Domingos, mostrando um braço ferido.

É difícil interpretar o sentimento das pessoas em relação à doença. Uns parecem alheios, outros não têm idéia da gravidade do problema. Alguns acham sério, mas têm a certeza de que não serão infectados.

“Meu futuro é minha escolha”, repete várias vezes João, neto do Sr. Domingos, que está do meu lado ouvindo rádio. João mora na Beira com o pai, Ângelo. Veio visitar. Ouviu a frase no rádio, repetiu e repetiu. Que não esqueça.

Michael Jackson, televisão e pão

Quinze mil meticais de chapa ao norte da vila de Gorongosa, surge a subida das montanhas de Canda. Com o estudante Lucas, precisávamos pedir permissão para estar lá. Caminho de terra no meio do mato até a casa do régulo local, líder tradicional, espécie de “rei” que convive em harmonia com o poder oficial. Cercado de bodes e esposas, o régulo nos deu a “autorização” para trabalhar, mas não sem antes conversar por muito tempo.

É costume bater palmas para pedir-se desculpas e tira-se o chapéu a cada vez que se encontra uma pessoa, principalmente se for mais velha. Na casa de alguém segue-se um verdadeiro ritual. O visitante fica perto da porta e grita. “Licença!”. O dono ou dona da casa olha, vê quantas pessoas há, não fala nada e vai buscar cadeiras. Ou latas, ou pedaços de telhas, ou esteiras. Organiza-se a “sala de visitas” do lado de fora, onde houver uma sombra. As visitas têm sempre os melhores lugares. Já sentados, começam-se os demorados cumprimentos. “Dormiu bem?”, “Como vai de saúde?” “E a família?”. Só depois de todos os cumprimentos, as pessoas se apresentam.

Na Gorongosa muitas pessoas moram em casas de capim. Dormem em esteiras e vivem do que plantam. Mas é difícil faltar comida. Como o solo é fértil e a chuva sempre chega, a região é conhecida como o “celeiro da Sofala”. Planta-se muito milho, feijão, cana, e mapira, uma sementinha utilizada também para fazer chima. Manga, tem tanta que ninguém vende. É só pegar.

Nas montanhas, anda-se muito em trilhas até se achar um pequeno conjunto de casas onde mora uma família. Numa delas, mora um papá com suas duas mulheres e filhos, além de cabritos, porcos, patos e galinhas. É um homem rico para a região. Enquanto conversávamos com uma das mamás, ele nos trouxe mangas, lavou-as e nos deu para

comer com uma grande caneca d'água.

Simple e humildes, as pessoas dessas pequenas comunidades familiares parecem viver em completa harmonia com o meio ambiente. Muitas mulheres adornam-se com *piercings* de madeira no lábio inferior e usam só capulanas, mesmo que tenham a estampa do Michael Jackson, um desconhecido nessas bandas. Alguns nunca foram nem à vila da Gorongosa.

“Muitos não conhecem televisão, não é, Lucas?”

“Senhor Ivan, eles não conhecem nem pão.”

Quem não tem banheiro...

Não é fácil acostumar ao uso da latrina. A da pousada do Sr. Domingos fica do lado de fora da casa. Um pequeno quartinho de tijolos com um trono de concreto no meio. Não há descarga, então tudo vai parar no fundo de um buraco. Esta é a latrina de “luxo”, para hóspedes e familiares. Ainda há outra, sem cadeado, “para os pobres”, como Sr. Domingos fala. É ainda pior. E é muito melhor do que a maioria das pessoas na província da Sofala têm.

O visual já não é dos melhores. No teto de palha e madeira, um ninho de lagartixas prontas para pular em cima de um desavisado.

A questão do cheiro é complicada. Por mais fundo que seja o buraco, sempre sobe um odor que dá pra sentir da porta. Mais de xixi que de cocô. Aqui os homens de mira ruim não podem nem levantar a tampa da privada. Deve ser isso.

Papel higiênico, também não vi. Trouxe um de casa. Mas não deixo de imaginar o que fazem os outros. Será que todos têm seu próprio papel? Uma mamá entrou e saiu. Não levava nada nas mãos. Como será que se limpou? Deve haver alguma técnica especial.

8 de dezembro

A vila da Gorongosa tem uma igreja católica. Fica ao lado de uma outra, possivelmente protestante. A católica, de tijolos. A outra, de capim. Os ritos romanos tentavam competir com os decibéis dos vizinhos, que cantavam e batucavam o tempo inteiro. Mais de uma vez pensei em mudar de igreja, mas não ficaria bem. Único branco da missa, eu estava chamando atenção demais para tentar sair de fininho.

O padre, um paraibano chamado Severino, que estudou no Recife e já mora na África há cinco anos. Negro e arranhando bem o chissena, está perfeitamente adaptado. Tem saudade do Brasil, mas não parece pensar em voltar.

Um grande programa de domingo é tomar banho num rio chamado Nhandara/Zambe, há meia hora de caminhada a partir da vila. Um pequeno córrego com algumas pequenas cachoeiras cercado de vegetação por todos os lados. Um bom lugar para ser anônimo.

É curioso não poder sair de casa sem ser assediado. Se não são crianças dizendo “muzungo! muzungo!¹¹ ”, são senhoras e senhores que não conseguem desviar os olhos ou jovens com alguma coisa para vender.

Nessa terra sem energia elétrica e sem áudio visual, Eddie Murphy, Denzel Washington e

¹¹ “Branco! Branco”, em vários idiomas da África Oriental, inclusive algumas línguas moçambicanas

Pelé passariam despercebidos. Eu, de pele clara, recebo até assento especial na igreja. Procuo recusar o tratamento vip, mas quando o povo insiste não é bom passar por mal educado.

xxxx

A pesquisa termina em Vunduzi, área de difícil acesso onde mora boa parte da população. Chapas não chegam . De carro, dá pouco mais de uma hora. A pé, cinco ou seis. Muitos fazem o caminho de bicicleta. Nos meses de chuva, de janeiro a março, os rios enchem e o lugar fica completamente isolado. O padre Severino dirige uma 4x4 com um CD player onde se escuta o último sucesso de Ivete Sangalo. Uma santa boléia.

Vunduzi é um lugar fantástico no meio do nada, fincado entre montanhas nas quais o povo ia se esconder no tempo do conflito armado. Ainda há vestígios da guerra em pedaços de carros militares e em marcas de balas nos poucos muros de alvenaria.

Histórias dos tempos sangrentos não faltam. Um seminarista conta que passou mais de uma semana escondido numa caverna nas montanhas. Medo de morrer. Há poucas semanas, achou-se uma mina na beira da estrada. Ainda há algumas escondidas. Não se anda no mato.

Duas crianças fugiram de mim. Correram, gritando. Depois chegaram para conversar. Uma menina de dez anos e um menino de oito. O pai era casado com a mãe deles e com a “tia”Glória. Poligamia nas montanhas é tão natural quanto milho ou manga.

O calor parece querer arrancar a pele. Um mergulho no Rio Vunduzi refrescaria a cabeça. Em vão. A população havia represado o rio com pedras e havia jogado o pó de uma planta da região que deixa os peixes “bêbados”. Assim, tornavam-se presas fáceis dos pescadores, que apenas “coletavam” os bichos com redes ou mesmo com as mãos. A prática deve ser proibida em vários países. Possivelmente até aqui. Mas é difícil condenar o povo. "Isso deve ser um absurdo ecológico, mas eu vou dizer o quê? Quem tem fome quer comer", opina o padre.

Um líder comunitário nos serve almoço. Arroz e galinha guisada – com Fanta quente.

O carmelita paraibano estava contente por ter alguém com quem conversar. Severino chegou na Gorongosa em 1998, quando alguma terra foi “devolvida” à igreja e é um dos responsáveis por um internato que educa cerca de 150 jovens. Contou sobre os problemas das meninas que pulam o muro para dormir com professores e – não raras as vezes – acabam engravidando.

A missão onde vive Severino é um complexo de prédios de alvenaria. A casa dos padres deve estar entre as melhores moradias da região. Poltronas confortáveis, gerador de energia próprio, telefone, computador com internet e televisão com antena parabólica. Entre outras coisas, via-se a Globo. “Podemos ver o Bom Dia Brasil às 11h”, alegrava-se Frei.

Sabão, machismo e o ‘jeitinho africano’

Ao fim da pesquisa, convidei os voluntários para jantar comigo na pousada do Sr. Domingos. Dulce, uma das mais jovens (18 anos, estudante secundarista e professora da alfabetização), deu uma idéia melhor. “Porque o senhor Ivan não nos dá o dinheiro desse jantar para comprarmos sabão?”

Numa região esquecida pelo mundo, 30 contos teriam melhor uso que uma ‘farra

gastronômica' com direito a refrigerante. Todos concordaram. Baixei a cabeça e obedeci, como tinha que ser.

Jantei novamente na companhia de Dona Josefa e Dona Chica, também hóspedes da pousada. As duas viviam na Beira e haviam começado a trabalhar na administração da Gorongosa. Concursadas há dois anos, tinham finalmente sido chamadas a assumir os postos. Procuravam casa, mas a procura andava difícil. “Casa de palha não nos acostumamos”. Vindas da cidade, tinham critérios simples. Queriam pelo menos um teto de zinco numa moradia que tenha chave na porta. Na Gorongosa, isso é pedir demais.

Ambas deixaram marido e filhos na Beira e reclamavam da saudade. Dona Josefa era quem sentia mais. Tinha quatro crianças, de um a 14 anos. A mais velha, de um casamento anterior. Também tivera outro filho, Ruben, que faleceu antes de completar um ano e nunca lhe saíra da cabeça. Entre um gole e outro de cerveja Manica, Dona Josefa fala da difícil vida que teve, mesmo sendo uma privilegiada. Havia estudado em Cuba aos 16 anos, como outros tantos daqui nos tempos de Samora Machel. “Chegaram na sala e perguntaram quem queria ir. Eu fui a primeira a levantar”. Lá, conheceu o primeiro marido, de quem se separou pouco depois da volta.

Em busca de trabalho já tinha se afastado da prole outras vezes. Acostumou-se lidar com problemas, principalmente com o assédio agressivo dos homens. “Muitos pensam que nós estamos aqui para procurar homem. Ficam querendo se aproveitar”, reclama.

A atitude machista é endossada por várias mulheres, como fofocaram duas senhoras do Zimbábue que trazem roupas do seu país para vender aqui. “Muitas mulheres compram roupas e quem paga são outros homens, às vezes até amigos dos maridos”.

Diz-se que nas montanhas muitas questões passionais também são resolvidas na base do dinheiro. O marido traído leva o traidor ao régulo, que estipula uma multa a ser paga por quem “usou a mulher”. Taxa paga ao “dono”, problema resolvido.

Uma zimbabueana é tia da outra. Uma viúva, outra solteira. Também trabalham duro e driblam com esperteza as investidas nada discretas de um caminhoneiro português que jura ter traçado representantes de quase toda a África Austral.

As duas falam dos tempos difíceis no Zimbábue desde o período das confusas eleições de março passado, quando Robert Mugabe foi reeleito. “Os soldados vinham batendo nas portas, gritando com toda a gente, mandando sair e ir votar em Mugabe. Muitos que eram simpatizantes da oposição ficaram em casa, com medo de votar.”

Nove meses depois, ela conta que todos se perguntam quando haverá uma próxima eleição. De lá para cá, há filas enormes para comprar comida como arroz e pão. A inflação come solta. O sabão já dobrou de preço e agora elas compram o que podem em Moçambique. Para voltar ao Zimbábue, calculam bem a hora. “Precisamos cruzar a fronteira no início da noite. A esta hora é mais fácil subornar os guardas se eles não quiserem deixar a gente passar com nossas compras.” Na vinda, as duas tinham deixado 500 contos (20 dólares) nas mãos dos oficiais da alfândega. Tia e sobrinha voltaram para Harare no domingo, mas prometem voltar à Sofala antes do Natal.

A velha história...

Há várias cidades da Beira dentro da cidade da Beira.

Nas praças, filas de pessoas sentadas chamam a atenção. Cabeças baixas, mãos estendidas. Esperam moedas.

Num bar perto da praia, havia brancos por todos os lados. Além de caranguejos enormes e cerveja gelada.

"Hey, my friend? How is it?"

Entre Beira e Maputo, praia de Vilanculo. O grande destino turístico do país. Várias pousadas, restaurantes e um aeroporto internacional. Da Vila, pode-se pegar barcos que levam ao paradisíaco arquipélago de Bazaruto, reserva natural de águas cristalinas, peixes coloridos e hotéis de luxo. Da Estrada Nacional 1 até a praia, há chapas-caminhonetes. A maioria vai atrás. Inclusive dois cabritos.

Um dos viajantes disfarçava a ansiedade com goles de cerveja. Havia deixado a família há quase dois anos em busca de emprego noutra cidade. Pela primeira vez, vinha visitar.

Descer do chapa é ser cercado por crianças políglotas que preferem não ir à escola. *"Hey, my friend? How is it? I know a good place for you. Do you want me to take you to the hotel?"*¹² Os pequenos guias são sempre prestativos e espertamente buscam gorjetas dos turistas e dos pequenos empresários das pousadas. Cada turista vale dez contos.

Ficamos hospedados no mesmo lugar onde passamos a noite na ida para a Sofala. Numa das cabana coletiva, em colchões cercados de redes mosquiteiras. No Baobab e em quase todas as hospedarias de Vilanculo, a língua oficial é o inglês. Mesmo antes da atual invasão europeia, o principal público consumidor das belezas do lugar e do arquipélago de Bazaruto (reserva natural para onde se vai de barco a partir de Vilanculo) são os endinheirados sul-africanos.

Mesmo moçambicanos que visitam a praia sabem que precisam pedir "one beer, please" no balcão.

“Cinco minutos, são dez”

É difícil dizer que estávamos perto do Natal. Uma ou outra loja de Maputo colocou um tímido “Boas festas.” Árvores, poucas e pequenas. Nada mais. Pergunto aos moçambicanos. Comemora-se, sim, mas de maneira simples. Família se junta, janta junto, troca alguns presentes. O feriado existe e as pessoas que moram longe tentam voltar para a casa dos parentes mais próximos.

Se é tempo de viajar, a primeira parada é a Junta. Um descampado em que dezenas de ônibus, chapas e bicicletas se misturam com gente vendendo pão, água, galinha assada, biscoito, pilhas, cortador de unha, cerveja.

Entre o labirinto formado pelos ônibus, está o que procuramos. O destino, província de Inhambane. Hora marcada para sair: 6h. Hora de saída: 7h. Normal. "Expresso", dizia a placa da frente, sem saber que o veículo pararia onde quer que houvesse pessoas interessadas na viagem ou em vender bananas, pães, pentes, mangas ou quaisquer mercadorias que pudessem -- ou não -- interessar aos passageiros.

Em algumas paradas, o cobrador avisa. "Aqui são cinco minutos", como se o tempo realmente tivesse alguma importância. Numa das interrupções mais demoradas, uma viajante revoltou-se. Reclamou, com toda a formalidade que o trato exige. "Senhor cobrador, esse machimbombo é expresso e está a parar demais. Está a demorar muito. O

¹²Ei, meu amigo? Como vai? Eu conheço um bom lugar para você. Quer que eu te leve para o hotel?

senhor disse que aqui seriam dez minutos e já se passam quinze!". Em tom paternal, o moço retrucou. "Mas a senhora não sabe? Aqui quando eu digo cinco minutos, são dez. Dez, são vinte. Vinte, são quarenta. Como é que a senhora não sabe?" Resignada, a senhora desculpou-se e tentou dormir mais uma vez.

Ao meu lado, um rapaz não escondia a emoção. Voltava à província depois de dez anos. Havia fugido para Maputo nos tempos da guerra civil, com a ajuda de parentes militares. Agora, lembrava da infância passada em tempos de bala. "Aqui eu brincava com meus primos", apontava com alegria. "E aqui era a aldeia dos deslocados", mostrava, afirmando que, embora houvesse casas, ninguém dormia sob o teto. "A noite iam todos para o mato, com medo de morrer. Se "eles" chegassem, matavam todo mundo". Por "eles", entende-se a Renamo.

"Foi aqui que mataram meu tio", disse, como se apontasse para uma árvore ou um rio. O ônibus em que o parente viajava havia sido vítima de uma emboscada. Todos morreram queimados. Não tardou e... "E aqui era minha escola".

Com algumas horas de atraso, cidade de Inhambane. Descer do ônibus, subir no chapa. Até a praia do Tofo, meia hora de chão. Paga-se de 5 mil a 100 mil meticais, a depender da cara do turista e da malandrice dos cobradores. Paguei dez. Cinco por mim, cinco pela mochila do tamanho de uma criança.

Na praia, a busca por hospedagem segue as placas. Os avisos, quando não são bilíngües, têm apenas versões em inglês.

No camping, batizado de "*Fatima's nest*", dorme-se por 80 mil por dia, em barracas para duas pessoas com direito a colchão, travesseiro e uma providencial rede de frente para o mar. O paraíso deve ser alguma coisa parecida com isso.

A tarde caía e a ela seguia-se o pôr-do-sol. A lua nasceu abusada, acordando do seu sono dentro do mar. No decorrer da noite a bela cheia andou mais na horizontal que na vertical, como se não quisesse se afastar muito da água.

Na areia, passeava dona Luíza, que ofereceu-se para trançar o cabelo de Shannon por 30 mil meticais. Mais pela conversa que pela vontade de mudar o penteado, a americana aceitou o serviço. Riso maior que o rosto, a moçambicana gaba-se das habilidades. "Vê como eu pareço uma máquina!" Enquanto as mãos ocupam-se do cabelo mulungo, a boca trata de satisfazer mil curiosidades. Antes de cada resposta, o chavão: "Aqui há muita fome".

"E nos tempos da guerra?" "Era ruim. Nós dormia no mato com medo de morrer. Mas aqui há muita fome", diz a redonda mamá de seios fartos que amamentaram cinco filhos. "Mas mamá, aqui não é bonito? Não tem coco? Não tem peixe?". "Tem isso tudo. Mas também tem fome. Não quer casar comigo e me levar pro Brasil? Eu vou", diz ela, garantindo que deixaria o marido num piscar de olhos. Meio brincando. Meio não.

Ao final, convidou-nos todos para comer matapa em sua casa.

Mia

Caiu-me nas mãos Terra Sonâmbula, de Mia Couto, o livro mais famoso do mais famoso escritor moçambicano.

Jornalista e biólogo, também é homem e branco. A raça e o sexo renderam histórias

interessantes.¹³

"Aconteceu-me em Cuba. Fidel castro tinha dado uma caixa de presente para cada um de nós, jornalistas. A minha caixa tinha vestidos, brincos, etc. Acho que fui o único homem a quem Fidel Castro deu uma prenda assim tão íntima.

Um professor do Congo que estuda literatura africana tinha vindo para Moçambique e telefonou para mim. Ele tinha meus livros como exemplo de um escritor que busca suas raízes familiares, africanas. Eu estava falando ao telefone com ele e percebi que ele pensou que eu era preto. Combinamos de nos encontrar e então ele próprio disse que estava de fato azul e tal. Quando ele me encontrou, alguém já tinha dito a ele que eu era branco, então ele também brincou: "Me disseram que você não é exatamente de uma das tribos mais representativas da África..."

Há casos em que essa questão de eu ter a raça errada, o sexo errado... Houve uma época eu que eu também tinha a idade errada, porque espera-se que um escritor já tenha uma certa idade.. Agora eu já estou mais próximo. A idade se resolve. Sexo e raça é mais difícil."

Feliz natal, cara pálida

Próximo desafio: chegar em Vilanculo para o Natal. Carona até Inhambane e balsa a Maxixe. De lá, ficaria fácil conseguir um chapa ou machimbombo que nos leve ao nosso destino. Só não contávamos com a multidão que queria fazer o mesmo. Depois de dois chapas passarem inundados de viajantes, resolvemos subir na carroceria de um caminhão que faria o trajeto. Depois que o segundo saco de farinha foi atirado na minha cabeça, desisti. Melhor esperar mais um pouco.

A espera acontece num ensaio de sombra na sacada de uma loja. O calor feria como se fosse uma faca, queimando minhas pernas por dentro da calça comprida e inadequada para a temperatura. Os dedos do pé, devidamente assandalhados, parecem que vão assar a cada dois minutos que passam debaixo do sol.

Duas horas depois, conseguimos entrar num chapa. Sorte grande, fui convidado a sentar na frente, ao lado do motorista.

Na noite de Natal do Baobab Beach havia gringos por todos os lados. Nada de jingombél, nada de peru assado. Uma fogueira, muita conversa, muita cerveja. No mar, o plâncton brilha, iluminado pela lua. Um espetáculo que Papai Noel (aqui, Pai Natal) mandou.

Moçambicano, apenas o amigo Tony, artista plástico maputense que está passando uns tempos em Inhambane. Apresenta uma exposição e dedica as tardes ao ensino da arte para crianças dos arredores de Vilanculo.

José e Marias

Partindo da praia, muita gente procura conhecer o arquipélago de Bazaruto. São quatro ilhas, todas protegidas pela reserva ambiental. Santa Carolina, Bazaruto, Benguera e Magaruque. Para chegar lá, há barcos que se alugam por 100 mil meticais. Um turista, porém, dificilmente paga menos que 240 mil - por cabeça. "É a tua cor", disse um moço que eu conheci em cima do caminhão, em Maxixe.

¹³O autor entrevistou Mia Couto apenas uma vez, em agosto de 2003. O material completo permanece inédito, mas alguns trechos foram utilizados ao longo deste livro. As palavras de Couto estão sempre entre aspas e são a ele creditadas.

Nina, a finlandesa que trabalha no Baobab, conhece o caminho das pedras. Conseguiu que pagássemos apenas o combustível de uma lancha que nos levaria até Santa Carolina, a menor e mais próxima das ilhas. De carona, seguimos até a vila de Inhassoro e entramos no mar sob o comando do Sr. José.

Na mais de hora de viagem mar, o marinheiro contou ao sufoco que passou quando estudava em Angola, nos tempos de Samora Machel. Na época, tinha 17 anos e o próprio presidente falou-lhes no aeroporto, dando conselhos de conduta. "Comam tudo o que os oferecerem, menos uma coisa", dissera o comandante.

José ouviu, mas não resistiu. Depois de um ano, engravidou uma angolana e teve que fugir do país para não ser obrigado a casar. Em Moçambique, também contou com os chefes de seu povo bitonga para não ser morto pelo exército. Argumentou que os soldados de Machel não perdoariam o deslize.

Assim, foi direto para a Zambézia, onde casou e teve dois filhos. Traído, separou-se da mulher, Maria, e voltou a Inhambane. Agora, deixou a pesca do camarão ("o governo mistura negócio com política. Não quero mais") e dedica-se a levar e trazer turistas que querem conhecer as paradisíacas ilhas de Bazaruto. Amigou-se com outra Maria ("Eu não sei o que tem esse nome..."), mas continua sem filhos. "Ela fica muito triste porque não tem filhos, mas eu acho que não precisa mais. Além disso, eu acho que ela tem problema".

José diz ser diferente da maioria dos compatriotas. Não se interessa por uma grande prole. O avô, régulo, teve 33 mulheres e 5 filhos. O pai, 10 mulheres e 11 filhos. O próprio José diz que é "filho da cunhada" e conta a história com riso. "Meu pai havia tido uma filha com uma esposa e deram para minha mãe, irmã dela, criar. Isso tudo para a mulher poder continuar com as obrigações da casa. O velho visitou tantas vezes a filha que se afeiçoou da minha mãe. Daí nasceu eu".

Um dos irmãos mais velhos, José preocupa-se com dois caçulas que foram para a África do Sul há mais de um ano em busca de trabalho. "Eles não mandam notícia nenhuma. Eu tenho responsabilidades por ser mais velho que eles. Fico preocupado, mas não sei o que posso fazer."

Do filho que ficou em Angola, sabe nem o nome. "Uns amigos meus vieram dizer que ele estava bem". Os dois que ficaram com a mãe hoje estudam em Maputo. O mais velho tem 17 anos. "Eu queria que ele não namorasse mesmo. Esse negócio de Sida mata mesmo".

Falo do preservativo, das maneiras de se evitar o contágio do HIV. "Mas o senhor não acha que uma pessoa poderia entrar na fabrica do Jeito (preservativo mais comum em Moçambique, comercializado pela ONG PSI) e colocar uma doença nessas coisas?". Digo que não, que precisava ser uma pessoa de muita maldade. "E se for um malvado, bem malvado mesmo, assim como o Ronald Reagan?"

Santa Carolina é a menor de todas as ilhas e a que tem menos infra-estrutura. Assim como nas outras, paga-se uma taxa de preservação ambiental de 10 dólares por cabeça para se aportar. Um oficial nos cumprimenta e nos cobra o tal dinheiro. Digo que somos voluntários, que o dinheiro é pouco e a taxa é muita. "Então vamos fazer isso entre nós dois", sugere o moço, sem mais delongas. Éramos sete e pagamos o total de 300 mil meticais. Uns 12 dólares. "Nós, homens, temos que nos ajudar, não é?", disse.

Nadadeiras nos pés, máscara no rosto. Dá para fazer mergulho livre em praticamente qualquer lugar da costa de Santa Carolina. Peixes de todos os tamanhos e cores

apresentam-se tranquilos como o povo moçambicano. É proibido pescar de qualquer maneira. Mesmo os grandões que eu insisto em imaginar num prato com batatas e muito azeite.

Uma rápida volta ao redor da ilha enche a cabeça de idéias. O visitante pensa que está sozinho em meio a toda aquela natureza quase intocada (e entocada). Ando e encontro um velho heliporto e o que um dia já foi um belo hotel, com energia elétrica e tudo. Uma placa diz que foi construído pelo colono Joaquim Alves e sua senhora. Ambos morreram sem deixar herdeiros. Hoje, tudo não passa de ruínas. Apenas o guarda está autorizado a dormir na ilha. Nas outras três, há estruturas hoteleiras. "Tem hotel cinco estrelas em que o turista pode fazer tudo o que quiser. E também paga por tudo. Em dólar", conta José, que olha para o céu e aconselha a voltar. "O mar vai subir e a navegação vai ficar difícil".

Mauro e Julio César

Chegaram no balcão e pediram com sotaque forte. "Beer."

Irmãos. Pele mais escura que a minha, mais clara que a de muitos outros. À pergunta sobre a origem, têm a resposta na ponta da língua, como que já a tivessem respondido centenas de vezes.

"Somos moçambicanos, de descendência portuguesa."

Ambos nasceram em Chimoio, famosa por ser considerada a cidade mais limpa de Moçambique, na província da Manica. Hoje, vão à universidade em Maputo. Mauro, o mais novo, estuda informática, enquanto o outro conta nos dedos os dias que falta para formar-se em agronomia e começar um projeto grandioso.

"Ganhei 250 hectares de terra do meu pai. Vou plantar tabaco. Outros países da América, que eram grandes exportadores, sofrem com a quantidade de impostos e taxas que têm que pagar. O Zimbábue, que era um forte competidor, também está em crise depois da desapropriação das terras dos fazendeiros brancos", diz o moço, com o dever de casa pronto e a tatuagem de uma flor na batata da perna.

Menos ambicioso, Mauro preocupa-se mais em gastar dinheiro que ganhá-lo. "Já estive em vários países da Europa, no Brasil, nos Estados Unidos...", responde quando pergunto se ele já foi a Cabo Delgado, onde - dizem - estão as praias mais bonitas de Moçambique.

A festa é num bar simples, enfeitado por bandeiras do mundo inteiro. De olhos fechados, pela música que saía da caixa de som, a impressão era de estar em qualquer lugar dos Estados Unidos ou Europa. De olhos abertos, o apartheid era visível. No salão, uma maioria branca, principalmente formada por sul-africanos, dançava os sons ocidentais. Do lado de fora e numa salinha de sinuca, concentrava-se a população local.

Os dois irmãos transitavam com desenvoltura entre uma cena e outra. Vendo César na mesa verde, Mauro diz não se interessar pelo taco. "Só quero saber da Manica e das pitas."

Acabado o jogo, César parte à procura do irmão mais novo. Não encontra. "Ele já conseguiu uma escrava? Ah, preciso buscar uma também."

De volta ao Tofo

O sol encontra meu rosto numa rede do acampamento. Logo cedo, um banho de mar na companhia do finlandês-rastafari Aki. Hora de deixar Vilanculo e retornar à praia do Tofo.

O mesmo chapa que me trouxe a Vilanculo levou-me a Maxixe. Chapa-balsa-chapa-Tofo. Estava de volta e fui direto ao acampamento, que, em menos de uma semana, já tinha outra cara. Uma palhoça fora construída para as festas e a área do camping já fervilhava de turistas.

Uma família sul-africana havia montado uma tenda enorme, com gerador de energia próprio, televisão, geladeira, prateleiras e instalações de fazer inveja a muita casa moçambicana. "Eles chegam aqui e alugam os negões para fazer o trabalho. Até seguranças eles contratam", conta o amigo Ingo, um rasta angolano que trabalha na recepção.

A noite já caía. Hora de comer. Atrás do pequeno mercado, uma barraquinha dispunha-se a alimentar os passantes com o que os pescadores traziam do mar. Escolhi um peixe vermelho e fui orientado a voltar depois de quarenta minutos. Uma hora e meia depois, a comida estava pronta.

Peixe grelhado, batata frita e salada por 35 mil. A barraca da dona Maria ficou sendo o meu restaurante oficial. O cardápio variado trazia diversos tipos de peixe, lula e caranguejo (feito num molho de amendoim, típico da região).

A barraca é também o lugar ideal para se conhecer figuras interessantes. Um grupo de trabalhadores maputenses estava construindo uma pousada e procurando namoradas, um ex-professor que havia sido bebido pelo álcool. Este aparecia todos os dias, sujo de areia. Misturava nomes científicos de seres vivos com regras gramaticais. Misturava cerveja, totonto (cachaça artesanal) e Savana (bebidas destiladas 'genéricas', vendidas em garrafinhas de plástico).

O Dino's Beach Bar era o maior *point* da noite local. Um trio de músicos liderado pelo performático Zé Maria encantava o público com uma performance simples, mas cheia de energia. Uma mistura de saxofone, congas, baixo... Bossa com batuque. É o 'afro-jazz. Sincretismo puro e antropofágico.

As letras, incompreensíveis, são explicadas depois pelo baixista. "Não significam nada. Não queremos falar nem de amor nem de política. Só de som. As palavras de nossas músicas só valem pelo que soam".

Hora de dormir.

Mola pra tachar e bater

Os dias de Tofo foram acompanhados por uma jovem turma moçambicana. Muitos desfilavam contentes o cabelo rastafari ou trançado, moda na juventude negra e descolada. Tony, Machume, Magaia, Tinoca, Lucas, Shani e Tse Tse formam uma banda, Timbila Muzimba. Muito batuque comandado pelo instrumento mais tradicional do povo Chope, morador do distrito da Zavala.

Grishone, maputense, estudante de arquitetura, passava a maior parte do tempo em busca das turistas loiras ou do próximo copo de cerveja.

Quatro ou cinco dias parecem um curso intensivo de calão¹⁴. Comer é "tachar" e dormir é "ferrar". Qualquer coisa é "cena", que é usado como se usa "trem" em Minas ou "parada" e "lance" no Nordeste. Transar é "tubar" e beber é "bater". Maconha é "soruma" ou "passa." Dinheiro é "mola" ou "taco". Meninas são todas "pitas" e os pais são a "cota."

Também usa-se muito o inglês. Assim amanhã pode ser "tomorrow" e praia pode ser "beach". Trabalho é "job".

Também pode misturar. "Shofar" quer dizer "amostrar-se" e vem da expressão "show off". Em Moçambique, quem "shofa" é o "shofista", o metido. Sem problemas nem risco de soar estranho.

A bebida tradicional oficial da província de Inhambane é a sura, feita a partir da seiva do coco ainda jovem. Um líquido grosso e meio azedo que, fermentado, é vendido em garrafas de Coca-Cola. O preço de uma cerveja. Junto aos rapazes que me ofereceram o produto, uma menina não tirava os olhos de mim. Bonita, de olhos puxados.

Depois veio conversar. Tinha 16 anos. Driblei, corri. Depois fui contar a história aos amigos, que não paravam de rir. "Aqui, em África, menina de 16 anos já sabe tudo."

###

Fernando é branco. Da capital. Havia morado em Joanesburgo, de onde trouxe uma namorada asiática. Agora tem planos de ir estudar design no Brasil ou no Japão. "Meu cota está a organizar isso."

Por enquanto, se prepara. Estuda japonês na embaixada nipônica. Diz que já conhece bem dois alfabetos (o hiragana e katakana) e que um diploma da Terra do Sol Nascente é garantia de emprego em qualquer lugar do mundo. Fernando é uma simpatia. Elogia meu trabalho e acha engraçado que eu queira aprender changana, a língua mais falada na província de Maputo. "Eu acho que a pessoa só deve aprender línguas que a levem para a frente. Os dialetos daqui não me interessam."

Entradas

Muita gente veste branco na praia. Aí, parece que é o Brasil quem influencia a África. "As pessoas vêem essas cenas nas novelas e querem fazer igual", explicou Grishone. Na praia, a multidão começa a chegar cedo para garantir um lugar na areia. Muitos vêm da cidade de Inhambane prontos para passar a noite inteira. Trazem comida, bebida, lençóis... Não falta nada. A farra é completa pela fumaceira dos galeto assados e dos fogos de artifício que começam a ser "testados."

Isso tudo na área mais central da praia, onde se concentra a maior parte dos moçambicanos.

10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1!!!! Aos berros, as pessoas se abraçavam. Pulavam de alegria e para escapar dos fogos que eram acesos em qualquer lugar, principalmente no meio da multidão. Champagne, cidra, cerveja e outros líquidos eram jogados em quem estivesse por perto. A alegria saía até das orelhas. Era como se realmente o mundo fosse mudar na entrada do ano. "Boas entradas!" É o que se diz. Crianças correndo e adultos gritando num caos magnífico.

Anda-se mais um pouco até o pontal e chega-se à parte mais "branca", onde a maioria dos turistas se reúnem no Dino's. Lá, a festa era um pouco diferente. Um organizado show pirotécnico em que, depois de cada explosão, as pessoas batiam palmas. Os mais exaltados faziam "uuuuu" ou "aaaaa". E batiam palmas. Um africâner que eu havia conhecido no dia anterior me deu um abraço apertado:

"Você é meu amigo brasileiro!"

No acampamento, os donos da festa eram os Muzimba. Energia. A timbila, espécie de xilofone com cabaças, comandava a melodia. Pouca letra, muito batuque. Muita instigação. Tinoca, uma das vocalistas, dança e mexe-se como se não tivesse ossos. Num momento, banda e público misturavam-se e não se sabia mais quem estava dançando ou tocando.

Às cinco da manhã, já com o primeiro sol do ano, fiz novamente a contagem regressiva. Era revêillon no Brasil. Banho de mar e conversa com o pessoal que havia acabado de tocar. Um turista dançando esquisito chamou a atenção de Lucas. "Esses brancos...", disse e, rapidamente olhou para mim. "Olha, você não conta, né? Você é como se fosse um de nós. Eu falo desses europeus, sul-africanos..."

O sono veio numa cadeira de praia. A festa parecia ainda continuar. Na verdade, a impressão era a de que havia ainda mais gente na areia que no dia anterior. Festa é coisa séria.

2 de janeiro

Hora de voltar a Maputo. Havia uma vaga no caminhão que ia trazer os músicos. Um caminhão enorme, de carroceria fechada, pilotado por Gal, um israelense que veio a Moçambique montar um negócio e hoje vive de transportar outros gringos de um lado para o outro.

A viagem começou no calor, enquanto a turma revezava-se no gargalo de um uísque presenteado por Fátima, dona do acampamento. "Isso aí não é sura, brother. É scotch!", brincava Paulo, uma espécie de roadie da banda. Amigo de todos, mas grudento e chato na maior parte do tempo. Toda turma que se preza tem que ter uma figura dessas. Como não se queria parar, a turma que queria fazer xixi tinha que se equilibrar e aliviar-se por uma das aberturas da carroceria, com cuidado para não estar passando por nenhum lugar povoado.

Quando o uísque bateu, alguns conseguiram dormir. Outros contavam histórias de algumas viagens que fizeram à Europa. Uma vez, foram quase expulsos do hotel em Luxemburgo por causa do barulho.

"Perguntei como era a vida lá e o gerente falou: 'é tudo no silêncio'..." ria Machume. Na Alemanha, fizeram uma fogueira na rua para esquentar a pele dos tambores. "Acho que eles não estavam acostumados a verem negros. Os vizinhos nos viram e ligaram para a polícia na hora."

Andando nos trens da Europa, Machume percebeu a diferença entre o temperamento das pessoas. "Lá parece que estão todos em posição de sentido. Olham para a frente, não falam com ninguém. Entrei num vagão com um amigo e, como estava a falar alto, todos olhavam para mim. Acho que pensavam que eu estava doido, estás a ver?"

Machume fala pouco, mas sempre bem. Não bebe, não fuma e é um dos líderes da banda. Vem de uma família de músicos e toca timbila desde os cinco anos de idade. Agora prepara-se para ir à Europa novamente. Vai sozinho e encontra-se com amigos que vivem lá. "Vamos fazer umas 'gigs' com essa minha outra banda".

Embora todos já tenham viajado bastante, nenhum dos componentes da banda conhece o Brasil. "Quero ir para Salvador!", decide Tse Tse, que ouvira falar da maior cidade negra do Brasil. Fã de Djavan, Tony diz que daria tudo para ver um show do músico alagoano. Todos eles, porém, temem a violência. "Nós vimos o Cidade Alerta. Lá tem muita bandidagem, né?" A TV Record aqui é retransmitida pela TV Miramar, também da Igreja

Universal. Quase tudo o que se sabe sobre o Brasil vem deste canal de televisão e das novelas da Globo, que passam em nos três outros canais (STV, TV Moçambique e RTP África).

Depois de um dia inteiro na estrada, Maputo chegou no cair da noite. No chapa de volta para casa, um vizinho de cadeira falava sozinho sobre os assuntos mais variados. Infelizmente tive que descer antes dele e deixei de ouvir opiniões interessantes sobre as relações de trabalho no serviço público moçambicano.

Mercado do Peixe

Fica na praia da Costa do Sol, em Maputo. Rodrigo conseguiu uma carona, na traseira de uma caminhonete, chegamos. No caminho, passamos pelo bairro do Coop, um dos mais elegantes da cidade. Casas luxuosas e as embaixadas de praticamente todos os países que têm relações com Moçambique.

De águas e areias sujas, a Costa do Sol valida os amigos dizendo que "praia, só de Xai Xai para cima". No mercado, restaurantes populares misturam-se com as barracas que vendem tudo o que sai do mar. Camarões gigantescos, mariscos, peixes, lulas, caranguejos, amêijoas. O cliente compra o que quiser comer, paga para um menino limpar e para o restaurante cozinhar.

Dois peixes e vários caranguejos. O preço varia de acordo com a lábia de quem vende e a diplomacia de quem compra. Éramos cinco: Eu, Rodrigo, Andrea, Shannon e Tony, baixista do Timbila. Na espera, tomamos uma 2M e driblamos os ambulantes. Grande mal de se ter a pele clara em lugares turísticos: todo mundo quer vender tudo. A mim, ofereceram baticues, estátuas, colares, pulseiras, chapéus e até um frasco de perfume Polo. "*Very good price, my friend*"¹⁵, insistia o vendedor.

De alguma forma, o nome de Samora Machel apareceu na conversa e nos pôs a conversar sobre os tempos do comunismo em Moçambique. Tony dizia que era criança e não gostava do jeito autoritário do velho comandante. Mas admitia que, naquela época, todos eram iguais e tinham oportunidades iguais.

"Um vizinho meu comprou um carro de luxo e foi preso", lembrou. Todo mundo tem uma história para contar sobre Samora. Algumas já viraram lendas e não se tem mais certeza sobre o que é verdade e o que não é. Não raro, pessoas que não se conhecem contam os mesmos causos como se tivessem acontecido com familiares.

"Ele entrava nas fábricas e, se não gostasse da atitude do diretor, rebaixava-o a operário e promovia um operário a diretor", conta Tony. Há quem diga que o presidente até entrava nas casas onde sentisse o cheiro de camarão. "Ora, camarada, como você tem camarão para comer e seu vizinho não tem?".

Não conheci nenhum moçambicano que não tivesse uma opinião formada sobre Machel. É comum admitir-se que o presidente tocava o país com mão de ferro. Muitas vezes exagerando na violência e no radicalismo, quando da vez em que proibiu Bob Marley de tocar no país. Muitos, porém, têm saudades dos tempos em que - fala-se - todos tinham escola, comida e saúde.

O escritor Mia Couto teve uma ligação forte com o líder. "Era uma pessoa espantosa com um grande poder magnético. Cometeu grandes erros, mas tinha visões muito positivas. As

¹⁵Preço muito bom, meu amigo

peessoas viam no Samora aquilo que o país precisava. Os Moçambicanos precisam de um pai. Eu não sei, se calhar todo o país precisa de um pai. Nós nos queixávamos, nós chorávamos e ali estava nosso grande pai para solucionar nossos problemas. Isso é bom por um lado, mas é perverso por outro porque não nos ajuda a crescer de outra forma. A idéia de liderança em África é uma idéia em que o grande chefe, que nós chamamos de hosi, é a grande incorporação de poderes políticos espirituais. Aquele que assume o papel de grande líder é aquele que tem ligação com os antepassados, com os xikwembos. É aquele que tem poder sobre chuvas, guerras, eventos históricos. Samora era isso."

Nossa comida chegou deliciosa e, com ela, um batalhão de moscas. Comemos tudo rapidamente. Uma mão no garfo e outra abanando os insetos.

10 de janeiro

Na sede da ADPP, bairro da Machava, havia uma movimentação especial. Desde as primeiras horas do dia, pessoas se concentravam na entrada da organização.

Muitas vestiam-se bem, outras trajavam roupas tradicionais. Vários grupos ensaiavam danças típicas do sul de Moçambique. Algumas meninas de tops curtos e saias mais curtas ainda reboavam o xingomana, ao som de um batuque de dois rapazes - um deles envergava uma vestimenta elaborada com sacos de arroz.

Mais na frente, uma multidão de branco cantava canções mais lentas. Dezenas de mamas com capulanas iguais entoavam e dançavam os passos da makuaela. Música tradicionalmente cantada à capela, em várias vozes. Mais animado, um grupo demonstrava a ngalanga: uma banda com tambores e timbila tocava e os dançarinos chacoalhavam os chocalhos que tinham na canela.

Tudo isso por horas a fio, à espera da visita de Armando Emílio Guebuza, então secretário geral da Frelimo e já candidato a assumir a presidência do país¹⁶. Concorrerá pela situação contra o presidente da Renamo Afonso Dlakhama nas eleições do ano que vem. Já no segundo mandato, o atual presidente, Joaquim Chissano, não pode mais concorrer ao cargo. O motivo da visita também é eleitoral. Ainda este ano haverá eleições autárquicas no país, quando os cidadãos e cidadãs irão votar nos "presidentes dos municípios".

Algumas crianças aproveitavam a movimentação para ganhar uns trocados, vendendo amendoim ou mafurra, um fruto típico da região. A mafurra parece uma semente coberta de uma polpa branco-avermelhada bastante apreciada. Colocam-se as sementes numa tigela com água por uns 15 minutos para que a polpa dura amoleça. Algumas pessoas, porém, não querem esperar e agilizam o processo, dentro da boca, com saliva. Tentei e senti apenas um gosto de planta, como um capim qualquer. Outro dia, comi da maneira mais convencional, com um pouco de açúcar. Bem melhor.

Atrasado algumas horas, o político chegou. Por alguns minutos observou as homenagens dos populares e partiu apressado para conhecer as instalações da organização. Depois entrou num auditório e falou para umas duzentas pessoas que se acotovellaram pelos poucos lugares disponíveis. "Político é tudo igual. Só muda o tamanho da miséria da qual eles se alimentam", ouvi.

A xepa do Chipamanine

A tia do Sr. Américo, o motorista, vive com os filhos num bom apartamento no bairro da

¹⁶ Como imaginado, Guebuza tornou-se presidente de Moçambique depois das eleições de 200

Polana. Vista para o mar, televisão, vídeo, som, computador e demais maravilhas da vida moderna.

Na sala, tradição e colonização se misturam. Algumas pessoas sentam-se nos confortáveis sofás, outras numa esteira. O controle remoto é disputado. A juventude quer assistir a um canal sul-africano de música. Querem ouvir rap, hip hop e passada (ritmo lento em que se dança em dupla, comum aos países africanos que falam português). As mais velhas querem que sintonize na TV Miramar. Querem ver a novela O Clone e depois o programa do Raul Gil.

O objetivo era ir ao mercado popular do Chipamanine, o maior da cidade, mas o destino ficava cada vez mais longe. O sr. Américo esperava pelo carro da tia, que estava emprestado a outro familiar. Não achava certo levar-nos de chapa. Estávamos eu e Elisandro, um jornalista paulista que veio conhecer Moçambique. Amigo do irmão de Rodrigo, agora é nosso hóspede por alguns dias.

Saiu o almoço. Arroz com canela, frango assado, carne, salada, batata frita... Mais uma vez a fusão cultural se viu presente. Enquanto uns comiam com garfo, outros usavam as mãos, como manda a tradição africana.

Dois pratos cheios depois, o relógio já marcava quatro horas da tarde e o carro acabou chegando. O mercado estava quase fechando. Elisandro sacou a câmera e desandou-se a bater fotos, para desespero de todo mundo. Muitas mamas simplesmente saiam correndo ao ver a máquina fotográfica. Talvez por vergonha, talvez por acreditarem que as fotos roubam o espírito das pessoas. Talvez roubem mesmo.

Um emaranhado de pessoas em labirintos de barracas e esteiras, vendiam de tudo. De cabritos a plantas medicinais. Frutas, verduras e temperos.

###

O amigo Godinho conta que passou duas semanas 'de baixa' no hospital. "Tive malária cerebral. Acordava no meio da noite via coisas que não existem. Pessoas que entravam no quarto para me matar e coisas do tipo."

Malária é doença comum. Difícil encontrar alguém que nunca pegou. Nos hospitais e postos de saúde, trata-se com cloroquina.

Licombe

Na barraca da Dona Ana come-se frango assado de primeira. Junto com a barraca da Joyce, é um dos destinos gastronômicos mais frequentados da vila de Boane.

Meia dúzia de homens conversavam alegremente numa das mesas. Eram do Norte e Elisandro aproveitou para pedir dicas de viagem. Num instante, levantaram-se e nos fizeram um convite.

"Vocês não querem ir a uma festa tradicional do Norte?"

"Claro!"

"Pois venham agora que já há de começar. Nós estamos de carro. Podemos dar boléia."

Em poucos minutos, chegamos ao bairro dos Antigos Combatentes, uma comunidade de várias províncias do Norte que foi instalada pelo governo nos arredores de uma antiga fazenda portuguesa.

Todo o bairro estava reunido para o Licombe, uma cerimônia de iniciação típica do povo

Maconde, de Cabo Delgado, província que faz limite com a Tanzania. Como há uma grande população dessa etnia na vila, o ritual também foi feito aqui, no Sul, para que os jovens não tenham que viajar e continuem mantendo a cultura. Assim como no Norte, o Licombe aqui só acontece uma vez por ano.

Numa das casas da pequena vila, um aparelho de som ligado numa bateria de carro tocava "Você é doida demais", velho sucesso do brasileiro Lindomar Castilho.

Um punhado de meninos e meninas haviam ficado por um mês no mato, separados, acompanhados por padrinhos e pessoas mais velhas da aldeia. O ritual original manda que os meninos sejam circuncidados a sangue frio, todos com a mesma faca. Hoje em dia, porém, com o perigo do HIV, todos fazem a cirurgia antes, no hospital. No mato, apenas levam um pequeno corte, cada um com sua lâmina, para sentir a dor e lembrar-se dos antepassados.

O Licombe marca a passagem da infância para a fase adulta. Teoricamente, o menino que passou pelo ritual já pode morar sozinho, casar, ter família. É um homem feito e sabe sobre a vida. Antigamente, este período passado no mato era maior, podendo chegar a um ano. Hoje, com mais crianças frequentando o colégio, o ritual limita-se a um mês, sempre na época das férias escolares. "Fazia-se até machambas no mato, caçava-se...", conta Inácio, um dos padrinhos deste ano. Hoje em dia, a comida é levada pelos parentes e as provas de coragem não são mais tão pesadas.

Inácio também falou que, em outros tempos, não era surpresa que se morressem jovens durante o Licombe. Os pais só eram informados ao final do período. O principal motivo? "Você sabe...feitiçaria é uma coisa em que não acreditamos...Mas existe."

Nito, um dos meninos que voltava, afirmava que não havia se arrependido. Morava na cidade e tinha passado pelo ritual para agradar à mãe maconde. Era seu primeiro contato com a cultura dos antepassados e com o modo de vida no meio rural. Achou ruim? "Não, não...", disse, com a voz fina de quem se prepara para ficar doente. E queria fazer de novo? "Não, não..."

O que as meninas fazem, não se conta. "É segredo. Elas não contam nem para nós", previne Inácio, com razão. Talvez por isso a fama de que, neste povo, quem manda mesmo são as mulheres, por mais que os marmanjos esperneiem.

Na volta do mato, faz-se uma grande festa. Separados, meninos e meninas chegam bem vestidos e cobertos com capulanas. Ao serem descobertos, uma senhora mais velha unge todos na testa com um óleo, que deve escorrer verticalmente pelo meio do nariz. Isto significa que o adolescente é virgem. Motivo de festa e de jogar-se moedas, que ficam sempre para os padrinhos e organizadores dos rituais.

Muitas mulheres trajam-se conforme a tradição. As mais velhas têm tatuagens no rosto, com intrincados desenhos que lembram arames farpados ou teias de aranhas. Também têm uma espécie de *piercing* de pau preto no lábio superior. Quanto mais grosso o *piercing*, maior o status. Algumas, que não têm tatuagens, pintam o rosto como se tivessem. Afinal de contas, a ocasião é festiva e pede a devida produção.

Enquanto isso, num canto, um grupo começa o Mapico, dança também tradicional dos povos do Norte, que simboliza uma batalha e é dançada sempre em ocasiões especiais. Casamentos, funerais, nascimentos, aniversários e, claro, o Licombe. Enquanto vários homens se revezam nos batuques mais variados, um deles veste-se com uma fantasia de trapos, uma máscara e comanda a dança.

Terminados os rituais, cada jovem vai para casa acompanhado de uma comitiva de parentes, que canta e bate palma o tempo inteiro. Cada um faz a sua festa, como num batizado. Foi servido o almoço. Frango grelhado, chima e arroz, que comemos -- com as mãos -- acompanhado de cerveja quente.

Elisandro estava alucinado. "Você sabe a quantidade de pessoas que se precisa pra produzir um negócio desses? Nós fomos lá e tivemos tudo de bandeja". Não pude deixar de pensar num produtor de televisão. Forte sotaque carioca, suando bicas e gritando nervoso ao celular: "O batuqueiro vai estar lá? Tem que estar, porra!!! Não pode faltar batuqueiro!"

No chapa

Meu queixo está quase no joelho. Levantando os olhos, com dificuldade eu vejo uma senhora com um filho nas costas, outro na frente. Outro na barriga. Todos colados ao corpo da mãe, presos por uma capulana. Fecho os olhos e sinto o velho cheiro de manga azeda misturado com suor. Cheiro que brota da pele de gente que sente calor e que se pudesse tomaria cinco banhos por dia. Mas lhes falta água. Estamos todos juntos, dentro do chapa que pego quase todos os dias.

Em Maputo, existe apenas uma empresa de ônibus, a TPM, com raros carros que cruzam a capital em algumas poucas direções. A saída é o chapa, que pode ser uma kombi, um micro-ônibus ou carros com carroceria, como pequenas caminhonetes.

Bois viajam confortavelmente se comparados com as pessoas que pegam os chapas. Lota-se os veículos até que não sobre mais espaço nem para o ar. Crianças de todos os tamanhos vão nos colos de pessoas, que vão no colo de outras pessoas. Os donos dos carros, para driblar problemas de desvio de dinheiro, cobram apenas uma espécie de renda aos motoristas e cobradores. Ou seja, quanto mais pessoas, mais dinheiro para os bolsos dos tais empregados. Matemática simples e objetiva.

Muitas vezes, quando as rotas são menos movimentadas e o público é limitado, os carros não saem do terminal até que estejam apinhados de gente. Isso, às vezes, leva um par de horas. Passageiros esperam calmamente. É parte da vida. Raras são as ocasiões em que alguém reclama do chapa.

Pessoas, sacos de arroz, animais vivos ou mortos, sacolas, bacias de frutas. Entra tudo no chapa. Viajar com o constante cacarejo de uma galinha é tão normal quanto cabritos presos no teto do veículo ou uma cerveja na mão do motorista.

Alguns dos carros trazem o destino impresso numa pequena placa que vai no pára-brisa. Para chegar onde se quer, porém, convém prestar atenção nos gritos do cobrador. "Xiquelene Hulene! Xiquelene Hulene! Dinheiro trocado! Leva leva leva leva leva leva!! Xiquelene Hulene! Vai Sentado!". O 'vai sentado' depende da maneira que o passageiro interpreta. Pode-se ir sentado em cima do motor de uma kombi ou no braço de um banco onde quatro pessoas ocupam o lugar de duas.

Um chapa pode fazer um percurso de 40 quilômetros em duas horas e meia. Durante o caminho, quem quiser descer tem que gritar "paragem!", no que normalmente é atendido. Convém, todavia, pedir a paragem um pouco antes do real ponto, até porque existe um tempo que deve ser dedicado a negociar (diplomaticamente ou à força) o caminho até a porta do veículo. Já vi gente preferindo sair pela janela.

Existem pontos de 'paragens' pré-determinados, que ganham nome de acordo com o que

há em volta. Assim, há 'paragens' chamadas 'Bic', "Coca-Cola", "Ceres", "Mangueiras"... Uma chama-se João Mateus, em referência a um dos primeiros moradores da vizinhança. Outra é a Liver Pool (escrito assim mesmo, 'piscina de fígado'), em 'homenagem' a uma lanchonete.

Apenas uma coisa faz com que o motorista de um chapa pise com força no acelerador. Outro chapa de igual itinerário imediatamente à frente ou atrás. O que vai na frente normalmente pega todos os passageiros, então passá-lo é vantagem. Também se quer chegar primeiro ao terminal, já que isso significa também sair antes da próxima vez.

Para ultrapassar ou não ser ultrapassado, vale tudo. Cobradores gritam com os passageiros, para que desçam rápido. Senhoras e crianças, normalmente mais lentos, são empurrados. Não se pode perder tempo. Não se pode perder tempo.

Nelson

O garoto fazia parte do grupo jovem do GATV de Boane. Havia trazido uns amigos para fazerem o teste de HIV e não parava a boca. Queria ser DJ e tinha a cabeça fervilhando de idéias. Como outros moçambicanos de 17 anos, gostava de rap americano e kuduro angolano. Nos diálogos, intercalava português e inglês. Quando aprendia coisas novas, os olhos brilhavam.

Um dia, veio em casa. Sabia que eu escrevia uma coluna na Internet e quis saber como isso tudo funcionava. Tentei explicar. Mostrei um dos meus textos, escritos neste velho computador 386 que eu achei numa lixeira americana. Muito mais interessado na máquina que nas letras, fez-me prometer que o levaria um dia que fosse à cidade, entrar na rede, conhecer websites. Não entendia direito como uma coisa que fosse escrita nesse meu tecladinho pudesse ser lida em qualquer lugar do mundo.

Nesse dia, também mostrei alguns CDs de Chico Science, Cordel do Fogo Encantado e Zeca Baleiro. Gostou da Nação Zumbi e não acreditava que o Brasil tivesse tanto batuque. Pensava que éramos todos "românticos", como se chama aqui a categoria que vai de Wando a Roberto Carlos, passando por todos os pagodeiros e sertanejos. Disse que um dia iria trazer uma fita para gravar essa turma do Nordeste.

Entre uma canção e outra, parecia me entrevistar. "O Brasil é um país desenvolvido?" "E Portugal?" "E os Estados Unidos?". "Há pobres?". Era fascinante conhecer um rapaz tão perguntador nessa terra onde se aprende que respeito é boca calada que só abre para dizer "sim sim".

Na conversa, brinquei, reclamando das meninas que levavam as mangas do meu quintal enquanto ainda estavam verdes. "Não vou conseguir comer nenhuma", falei. No dia seguinte, veio ainda cedo. Levantei da cama para ver o menino com um sorriso maior que a Terra, com um saco plástico de mangas que trouxe de casa. Presente.

Hoje soube da "infelicidade" de Nelson, assim de repente. Em Moçambique, "incômodo" é doença. "Infelicidade" é morte.

Nelson sentia dores na barriga. Foi ao hospital. Deram-lhe Paracetamol e cama. Não melhorava. Preferiu ficar com a mãe, em casa. Morreu em menos de uma semana, ninguém sabe explicar do que. Depois soube que a causa oficial era a malária, bode expiatório para quase todas as mortes. Poderia ser apendicite. Muitos não saberiam a diferença. Nelson era HIV negativo. Mas padeceu da doença crônica que afeta muitos Moçambicanos. A falta de um sistema decente de saúde.

22 de janeiro

Muitas crianças moram perto de nossa casa. E brincam muito. E correm. E roubam as frutas das árvores de nosso quintal, mesmo verdes. Falta paciência. Amanhã, afinal de contas, é longe demais. Sabem que uma goiaba verde na própria barriga é melhor que uma madura na barriga dos outros.

"Mãezinha" nasceu "Esperança". É a mais bagunceira. Onze anos de idade, está sempre à frente das bagunças do resto da turma. Imita brasileiros com o sotaque que aprende nas novelas e sorri com falsa timidez.

Prepararam um show. Primeiro três, depois quatro, depois seis meninas. Todas no quintal, cantando e dançando em busca de palmas. Começaram com uma música em changana, passaram para uma em espanhol que toca um bocado nas rádios. Não faltou o que se entende por aqui como "música brasileira". O Tchan, Kelly Key, As Meninas e outros sucessos tupiniquins.

xxxx

No mercado de Boane, acabaram-se os liches. Massalas também não há. Mangas são raras. É época de mafurras, castanhas de caju (muitas, muitas!), algumas laranjas ainda verdes e abacaxis (ananás aqui) pequeninos, alguns não muito maiores que as maiores mangas. Um rapaz conseguiu uma máquina de sorvete e está vendendo o casquinho a 5 contos (5 mil meticais). O investimento tem tudo para dar certo. Com o calor passando dos 40°C quase todos os dias, a maquininha vai se pagar rapidamente.

Os mamões continuam verdes e a goiabeira começa a ser visitada pela criançada. As frutas, porém, não chegam a crescer. Devido ao sol forte, amadurecem ainda pequenas. Quando a meninada deixa.

Na Baixa

Ruas cheias de gente. Carros que vêm como bolas de boliche, afastando as pessoas-pinos que insistem em andar nas ruas. Bares, boates, danceterias. Estamos na Baixa.

Na discoteca, não deixaram Tony entrar com uma mochila. "Vocês trazem estas pastas para roubar copos", argumentaram. Shannon, porém, levou uma bolsa grandona e não teve maiores problemas. Perguntou ao porteiro, que explicou como se não fosse nada. "Ele é preto, você é branca".

Lá dentro, um DJ de vez em quando deixava a música parar. Nas pick ups, passadas, hip hop, reggae... Uma menina linda me chamou para dançar. Fui, com as antenas ligadas. Já sabia que na Baixa era assim. Muita prostituição e muito assalto aos incautos que se deixam levar pela beleza moçambicana.

Aki, meu amigo finlandês (também voluntário do TCE), havia sido vítima de um grupo de meninas que não tinham 18 anos. Mesmo assim, o encanto pela Baixa não diminuiu. Com os olhos brilhando, o gringo se delicia com a sensualidade das moças.

Nos momentos menos movimentados do salão, três ou quatro mais animados reboavam diante dos espelhos. Talvez para não se sentirem sós. Talvez para corrigirem um ou outro erro no passo.

Ao amanhecer, as pernas já doídas me encaminharam ao chapa que voltaria para a casa. Uma outra menina, bonita e caindo de bêbada, não largava da minha mão. Queria também

meu chapéu - e quase o toma. Precisa-se ter cuidado na Baixa.

Como pode?

Em Maputo, existe uma universidade particular em que os alunos pagam 240 dólares por mês para estudar administração, jornalismo, marketing e afins.

Uma funcionária da biblioteca ria quando eu dizia que gostava do jeito com que meus vizinhos falam em Boane. A maneira arrastada de conversar, a fala lenta, as vogais bem abertas, as expressões locais...

"Ah... Isso é só no campo...", disse, com um sotaque luso que me obrigou a perguntar:

"Você já viveu em Portugal?"

"Não"

"E porque fala assim?"

"E não é assim que se fala em Moçambique?", continuou, quase engolindo as vogais.

"Não..."

No chapa, voltando para casa, conheci um senhor. Trabalhava em Maputo e enfrentava o humor dos motoristas todos os dias. Cozinhou para uma família na capital. "Muita comida moçambicana? Matapa? Chamussas? Couve?". "Nada", respondeu-me com bom humor. "Lá é só comida portuguesa. Bacalhau, cozido..."

Temos uma nova empregada. Sara, a que estava aqui quando eu cheguei, foi impedida de trabalhar pelo marido Gil. Ele havia sido enganado pela primeira mulher e agora desconfiava de Sara com um jardineiro da vizinhança.

Caminhoneiro, não entendia como poderia ter sido traído. "Ele é apenas um jardineiro. Não ganha nem metade do que eu ganho. Como pode?", disse, quando veio nos explicar que proibira a esposa de trabalhar.

"Vocês entendem, não é? Mulher é como criança. Não percebe nada. Quando o homem insiste demais, ela sempre cede. Não posso culpá-la. Vocês entendem, não é?". Não, nós não entendíamos. Mas não podíamos fazer nada.

Dona Verônica ganhava 400 mil meticais por mês (uns 40 reais) para trabalhar na casa da vizinha, das 6h às 19h. Agora recebe mais que o dobro para nos ajudar. Dona Verônica não pára. Limpa até o ar da casa e cozinha divinamente.

Hoje preparou nkakana, uma planta amarga, típica do sul de Moçambique. Por ser barata, fácil de encontrar e nutritiva, é uma grande fonte de energia para muitas pessoas.

30 de janeiro

Canhu é uma frutinha que parece uma manga mas é do tamanho de uma siriguela. Tira-se a casca e pode-se chupar o caroço doce-azedo como se chupa uma pitomba. Também faz-se suco, que depois de três dias vira uma bebida alcoólica tradicional.

Provei o líquido num campo onde pratiquei meu changana com uma curandeira e um punhado de velhas mamas.

O Caso Cardoso

Hoje parecia dia de final de Copa do Mundo em Moçambique. Mal o dia amanheceu,

todos correram para a televisão ou rádio mais próximos. Queriam saber o resultado do primeiro grande julgamento da história do país.

No final de 2000, Carlos Cardoso, editor e dono do jornal O Metical, foi assassinado. Como tratava-se de um jornalista investigativo, que publicava notícias que nem sempre agradavam aos políticos no poder, o caso imediatamente ganhou grandes conotações. Seis suspeitos foram presos. Dois acusados de terem atirado. Um, Anibalzinho, que teria conduzido as negociações e dirigido o carro. Os outros três, comerciantes acusados de terem sido os mandantes do crime.

O julgamento durou boa parte do ano passado e atraiu a atenção de toda a população. Alguns achavam aquilo muito estranho. "No tempo de Samora não tinha essa conversa toda. Eles já teriam sido fuzilados", lembrou-me um colega. Outros gostaram da nova forma de se fazer justiça, mas reclamavam a ausência de outros réus. "Tem gente graúda que não está sentada neste banco..."

De fato, os três acusados de terem sido mentores do assassinato não cansaram de acusar Nyimpine Chissano, filho do presidente da república, de ter sido o verdadeiro mandante. Nyimpine (cujo nome quer dizer "guerra") até compareceu ao tribunal e afirmou que não tinha nada a ver com a história. Talvez ainda se abra inquérito contra ele. Talvez não.

Anibalzinho, principal articulador do crime, fugiu (ou foi solto) da penitenciária de segurança máxima antes do início do julgamento. Foi julgado à revelia e hoje, dia da sentença, misteriosamente recapturado na África do Sul. Voltou a tempo de ouvir que, assim como os outros, havia sido condenado a cerca de 25 anos de cadeia.

Amanhã, os jornais moçambicanos não vão dar outra coisa. Alguns periódicos até prepararam edições especiais, com todos os detalhes sobre o caso. Um marco na história do país. Mas com ainda muita coisa faltando ser contada.

2 de fevereiro: Guaza Muthini

No final do século 19, centenas de moçambicanos revoltaram-se contra o domínio português. Sem forças para lutar contra o exército colonizador, foram massacrados no distrito de Marracuene. A luta desses mártires virou festa. A população se reúne no mesmo lugar da batalha e não faltam homenagens. É o Guaza Muthini.

O povo vai em massa para esta localidade que fica a 30 quilômetros de Maputo e faz a festa. As primeiras celebrações contavam com sacrifício de hipopótamos para o banquete dos presentes. Como já não existem tais animais na área, a turma contenta-se com o frango assado e a chima que se vendem nas barraquinhas ou são preparados nos pequenos fogareiros montados pelas famílias. Para beber, litros e litros do suco fermentado do canhu. A tradição diz que esse líquido deve ser presenteado, nunca vendido. Sinal de modernidade, a bebida era comercializada em garrações. Do passado, permanecem as pequenas cuias de cabaça, ndzecos, usadas como copos.

Há uma programação oficial de apresentações culturais, que é assistida por representantes do governo, galantemente instalados num camarote no meio do povo.

Depois do espetáculo formal, em pequenos círculos, pequenos grupos apresentam-se. Uma das danças mais populares é o chigubo. Natural do sul de Moçambique e também da África do Sul e Suazilândia, a manifestação é uma espécie de preparação para a guerra. Os dançarinos-guerreiros ensaiam gritos medonhos e, ao som dos tambores, contorcem-se no chão ou no ar, mostrando força e habilidade.

Dia dos heróis

Para lutar contra os colonizadores portugueses, Eduardo Mondlane fundou a Frente de Libertação Moçambicana (Frelimo) e assumiu a presidência da guerrilha. Antes de ver o país independente, Mondlane estava na Tanzânia e abriu um livro fatal. Uma bomba matou quem poderia ser o primeiro estadista deste país, em 3 de fevereiro de 1969

Hoje se comemora o Dia dos Heróis Moçambicanos. Na praça de mesmo nome, há comícios que já não atraem tantas pessoas. A data foi praticamente tomada pela Frelimo, o partido no poder. A oposição prefere não comparecer às festividades, que se limitam a discursos nacionalistas que poderiam ser proferidos em qualquer lugar do mundo.

Um deles dizia que "Moçambique é o país do futuro". Que "É preciso que os nossos jovens se eduquem e mudem esta nação tão jovem, que assumam o poder e façam as mudanças de que se necessita".

7 de fevereiro

Esse deveria ser o período chuvoso, porém, a seca é quem bate forte. Muitas das machambas já secaram e o aguaceiro que caiu hoje dificilmente vai ajudar em alguma coisa.

Branco com enxada

Participamos de uma ação de limpeza em Boane. Há muito lixo na rua e pouca preocupação dos administradores em retirar os sacos, latas e garrafas que se amontoam na beira da estrada.

Assim, organizamos, convocamos voluntários e partimos com enxadas, ancinhos, vassouras e pás para tentar limpar um pouco do lixo que se espalha por toda parte. Jogar lixo na ruas da vila é uma coisa tão comum quanto sorrir aqui em Boane.

Com uma enxada na mão, caminhava em direção ao ponto onde nos reuniríamos para decidir quem limpa onde. Ainda na porta de casa, encontrei Mãezinha, uma das meninas vizinhas que brinca no nosso quintal e rouba nossas goiabas. "Ih, nunca vi branco carregar enxada". A frase do dia.

O sol não dava trégua e fritava o suor que escorria de nossas testas. Às vezes, chegava um cidadão para conversar. Elogiava o trabalho. "Querida agradecer esse esforço de vocês..." Eu respondia sem pensar. "Se quiser ajudar, eu tenho vassouras sobrando". "Sabe o que é, é que eu estou atrasado e..."

A vila continua muito suja. Num dos pontos em que varremos, um senhor acabara de jogar papel no chão.

Dizem por que um dia a administração de Maputo resolveu espalhar latões de lixo pela cidade. Roubaram todos para, com o material, construir casas. Uma questão de prioridade.

Naamacha

Éramos um grupo de cinco e pegamos um chapa aqui na frente de casa. Destino: Namaacha, distrito que faz fronteira com a Suazilândia. Objetivo: visitar as famosas

cascatas. O percurso, uns 40 quilômetros, foi feito em quase duas horas. Num dado momento, Magda perguntou ao motorista. "Moço, esse carro não anda mais rápido?" No que ouviu. "O carro anda. Eu é que não quero cansá-lo."

Um carro todo destruído misturava-se com uma árvore. Pilatos, um de nossos amigos moçambicanos, contou que pertencia a uma nadadora famosa. O acidente havia ocorrido ontem. Morreram ela, o marido e o filho de dois anos. Tragédia no esporte nacional.

Namaacha é um pouco maior que Boane e as tais cascatas ficavam a uma hora de caminhada da estrada principal. Na ida, tivemos carona. Um rio pequeno, duas cascatas de pouco mais de dez metros que iam dar num lago de água turva, mas limpa. Poucos visitantes. Quatro garrafas vazias no chão.

Pilatos conversava, sentado numa pedra. Falou das dificuldades de se estudar. Não há escolas secundárias para todos e muitos precisam sair da comunidade em que vivem para ir em busca de uma formação. Universidades, há 12 no país inteiro. Para 20 milhões de habitantes.

Um grupo de crianças organizava um piquenique. Levaram lenha, arroz, ovos e uma panela. Mergulharam no lago, cozinharam, comeram, limparam tudo e voltaram para casa. Nenhum deveria ter mais que dez anos. Ao lado, um jovem casal namorava. Levaram um frango assado e um isopor com algumas cervejas.

Voltamos à estrada principal a pé, por um caminho de terra batida. No Mercado Central, o chapa para voltar a Boane. Toda vila parece ter um Mercado Central.

11 de fevereiro

No Tiger Center há uma locadora de vídeos. Nas prateleiras, muitos filmes de aventura e também fitas indianas, destinadas à comunidade daquele país que vive na capital moçambicana. Embora haja placas separando os filmes de "ação", "drama", "comédia", não se pode confiar muito. O besteirol 'Legalmente Loira' pode estar entre os filmes policiais e 'Duro de Matar' pode ser uma comédia. Nunca se sabe. Os nomes dos filmes também mudam em relação ao Brasil. Aqui, por exemplo, 'Clube da Luta' chama-se 'Clube do Combate' e 'Assassinos por Natureza' é 'Assassinos Natos'. Sutilezas.

xxxx

Hoje é o último dia do calendário muçulmano, religião que tem vários seguidores, principalmente entre a população indiana e árabe. Como muitos são comerciantes, vários negócios não serão abertos amanhã. Pela contagem dos maometanos, o mundo ainda está no século 15.

Pela vida

No mercado de Boane:

"Quando o senhor for se casar, vai levar a esposa para fazer o teste de HIV?"

Respondi afirmativamente.

"E se ela for positiva, o senhor deixa ela?"

"Claro que não, mas só vou poder fazer sexo com Jeito.

"Ih...Então não vai ter filhos? Não vai nascer?" Aqui, quem 'nasce' são os pais, quando têm filhos. Crianças 'são nascidas'.

"Não, mas é melhor que morrer, não é?"

Fez-se o silêncio.

Então quem perguntou foi eu:

"A senhora prefere ter um filho e morrer logo depois ou não ter filhos e viver durante muito tempo?"

A moça que estava conversando comigo ficou rindo, mas outra (que tinha dez filhos) respondeu:

"Prefiro ter o filho. Uma mulher só é mulher depois que tem um filho".

Chupeí minha laranja calado. Não estava muito doce.

15 de fevereiro

Começa o torneio início do campeonato distrital de futebol. O nosso futebol de várzea. Daniel faz parte de um time chamado "Veteranos", que joga com a camisa da seleção brasileira. Cheguei para assistir e acabei jogando um pouco. Perdemos.

###

Parece uma minúscula pitomba, mas é uma ingiva. Por dentro, lembra mais o tamarindo, mas o gosto é bem diferente, mais amargo.

A festa do canhu

Oito horas da manhã. Paragem do chapa, na rua do mercado. Pergunto:

"Quem vai para Mahanhane?"

"Esse carro aí".

"Mas esse carro não tem pneu..."

"Pneu não é problema. Colocamos rápido. Problema é gente. Quando tem gente para ir, nós vamos".

Fomos. Uma hora depois.

Em Mahanhane, um pequeno povoado a 30 quilômetros da vila de Boane, houve o festival de abertura da temporada do canhu, festejo da maior importância que reúne praticamente a comunidade inteira para saborear a amarga bebida do fruto quase sagrado.

A reunião acontecia embaixo da árvore da família do régulo. Nas áreas rurais do sul de Moçambique, é costume as famílias terem uma árvore sagrada, onde realizam os rituais em homenagem aos ancestrais, os xikwembos. Neste caso, era uma nwuamba, que dá um pequeno fruto amarelo e doce.

Homens em cadeiras, mulheres em esteiras ou, um pouco afastadas, cozinhando. O povo assistiu a discursos das autoridades locais e depois entornou litros e litros da bebida tradicional. Não sem antes ouvir as instruções do mestre de cerimônia:

"Se os homens quiserem mijar, vão ao lado esquerdo do mato. As mulheres têm que ir do lado direito".

Um dos moradores, que estava junto a mim, explicou, sem perder a seriedade. "Essa bebida dá muita tesão. Se homens e mulheres forem mijar no mesmo lugar, dá problema".

E bebemos. A tradição manda o visitante virar todo o conteúdo de uma cabaça (ndzeco), antes de passar o "copo" à próxima pessoa. Toda a bebida é distribuída gratuitamente. Hoje havia 350 litros, em alguns tonéis.

Fiz um comentário sobre a quantidade de bebida. "Não se preocupe. Ainda temos mais guardado", disse um secretário do bairro. Não estava brincando.

À medida em que iam bebendo, as pessoas iam se soltando. Não faltaram corajosos que apresentaram músicas e danças tradicionais. Tradições misturadas pela proximidade com as fronteiras da África do Sul e da Suazilândia.

Aos poucos, milho ou outras comidas eram colocadas ao pé da árvore. Em agradecimento ao régulo e para colaborar com a festa. As espigas de milho (aqui chamadas maçaroca), por exemplo, eram assadas na hora e distribuídas entre os festejantes.

A temporada do canhu dura aproximadamente o mês de fevereiro inteiro. Durante esse mês, encontra-se a bebida em praticamente todos os campos do sul de Moçambique.

21 de fevereiro

Bati com a cara na porta do Tiger Center. "Acabamos de fechar. Agora só abre às 14h", diz o educado segurança, vestido de soldado. Quase todos os estabelecimentos comerciais em Maputo têm seguranças vestidos de soldado.

"Epa, mas eu venho sempre aqui nunca fecha para o almoço...", retruquei.

"Fecha às sextas, das 12h às 14h, mas não é para o almoço. É para a reza dos monhés¹⁷ que são donos daqui", informa o moço.

Assim, fui introduzido em mais um dos rituais muçulmanos. Todas as cinco orações diárias dos muçulmanos são guiadas pela posição do sol. Sexta-feira, dia sagrado, é dia de os homens frequentarem as mesquitas enquanto o sol está a pino. Às mulheres, este dever/direito é negado, e algumas morrem sem conhecer uma mesquita por dentro. Em algumas mesquitas, há lugares específicos para elas. "Nos países islâmicos, todos os negócios fecham-se ao pôr-do-sol da quinta-feira e podem reabrir a partir do momento em que o sol se põe na sexta.", explica uma amiga muçulmana. Domingo, sagrado para os cristãos, é um dia de trabalho como qualquer outro.

Para os seguidores do profeta Maomé, existe a crença de que, se uma loja estiver aberta enquanto o sol está a pino na sexta-feira, os negócios serão fracos a semana inteira.

Bilene

4h30. Tindindindindin. Relógio toca o alarme. Levanto. Duas cuias de água no corpo servem para acordar a pele enquanto o dia amanhece. 5h. No chapa, esperando sair. Chego em Maputo perto das 7h. Na Junta.

"Chapa para Bilene?"

"Entra aí até Macia. De lá você pega outro."

"Quanto?"

"Cem".

"Esquece."

¹⁷Adjetivo não muito simpático pelo qual são identificados indianos e descendentes

Outro cobrou setenta. Pressa e sono me colocam no assento que machucou minhas costas em pouco mais de duas horas de estrada. Se quisesse esperar mais, poderia viajar até por 35.

Bilene é uma bela praia na província de Gaza. Destino comum para quem quer sair de Maputo sem gastar muito tempo e dinheiro. Uns meninos de Maputo que vendem artesanato me acompanham à "Praia do Sol", uma pousada na beira do mar. Sebastião, simpático maputense me atende sorridente.

Eis que chega um loirinho, vinte e poucos anos. Camiseta com a estampa da pousada por dentro da bermuda. Afrikaner.

"Hi, do you speak English?"¹⁸

"Um pouco", minto, tentando forçar o sotaque.

"How can I help you?"¹⁹

Falo que quero uma vaga, que já tinha falado com Sebastião...

"Sorry. We're full".²⁰

Não me dá conversa. Volta para o lugar de onde veio. Olho ao redor. Ninguém.

"Sebastião, não vejo ninguém. Como é que está lotado?"

"Ah, tem uma conferência de uma empresa da África do Sul...", explica, mostrando uma bandeirinha com a marca da tal companhia.

"O loirinho é o dono da pousada?"

"Não...É o encarregado."

"E não dá pra arrumar nem um lugarzinho pra mim?"

"Ih...esses sul-africanos são difíceis. Às vezes há lugares, mas eles fecham o lugar mesmo. Não querem que venham outras pessoas..."

Acabo num acampamento cheio de árvores, com luz, restaurante, banheiros e até chuveiro com água quente. O dono e sua esposa são portugueses. É difícil encontrar um empreendimento de propriedade de um moçambicano. "Os brancos é que têm o capital", diagnostica João, sorridente recepcionista que me pergunta se eu conheço Vítor José.

"Como não conhece? Vítor José é o brasileiro mais famoso de Moçambique", questiona. Vítor José é radialista e também tem um talk show na TV Moçambique, soube depois.

Bilene é uma baía. Um enorme banco de areia separa o mar aberto e forma uma lagoa de água salgada. Um canal aberto pela comunidade faz com que os peixes entrem na lagoa para que caiam nas redes dos pescadores.

Martins

Nasceu na província de Tete, no Norte. Criou-se em Gaza entre os machanganas. Foi quem me levou para passear de barco na baía (aqui chamam de 'mar', sendo que o que vem depois é o 'oceano'). Primeiro, fomos buscar uns boeres (africânderes) que estavam acampados numa área onde não chegam carros. Depois, acompanhados por uma simpática família moçambicana-indiana, fomos até o canal que separa o 'mar' do 'oceano'.

¹⁸Oi, você fala inglês?

¹⁹Posso ajudá-lo?

²⁰Desculpe, estamos lotados

Até a pequena duna, patos e gaivotas. Muitas gaivotas pretas e brancas que fazem suas piuretas sobre nossas cabeças. O raivoso oceano assusta e encanta.

De longe, ainda conseguimos ver um par de pousadas e duas grandes casas na costa. "Sabe-se de quem são?", pergunto ao Sr. Martins, que nem pensa. "A branca é do Joaquim Chissano. A maior, verde, é do Guebuza". O primeiro é o presidente do país. O segundo, secretário-geral da Frelimo.

Uma das indianas tinha avós que migraram da Índia e tenta manter viva a cultura da terra natal. "Ainda conservamos a língua", diz, referindo-se a uma das tantas daquele país. Em português, o sotaque é luso-moçambicano, moldado pelos anos em que viveu em Lisboa. Os dois filhos pequenos devem seguir a tradição. "Quero que eles também falem nossa língua, mas sei que já vai começar a ficar um pouco diferente. Nós misturamos tudo com português", confessa.

Em Maputo, onde vivem, há uma considerável população de muçulmanos indianos. Uns mais praticantes que outros. Não é raro encontrar senhoras de burka checando seus e-mails no internet café.

24 de fevereiro

Uma quantidade absurda de garrafas de cerveja, embalagens plásticas e latas de refrigerante maltrata os bosques de casuarinas do Bilene. Lixo que se acumula a algum tempo e faz as árvores chorarem de dor. Árvores que funcionam como guarda-sóis naturais e ridicularizam as ruínas de abrigos de cimento construídos no tempo colonial.

25 de fevereiro

É quase carnaval no Brasil e eu procuro vestígios da folia em todas as esquinas dos lugares por onde passo. O máximo que encontro é um senhor fazendo xixi num muro numa das avenidas mais movimentadas do país.

Na televisão, o comercial anuncia três bailes de carnaval no próximo fim de semana. Uma festa de gala, um "baile dos foliões" e uma festa para crianças.

Tem chovido quase todos os dias. À noite. As pessoas, porém, falam que essa chuva não ajuda mais. O que havia na machamba já secou e a água acaba levando o pouco que tem. Alguns, mais otimistas, começam a plantar novamente.

A trabalhar

Numa área rural chamada Saldanha há uma machamba comunitária. Dezenas de mamas trabalhavam e cantam sem parar.

As mãos pequeninas e fortíssimas das mulheres eram competentes ferramentas. Os pés descalços, pele grossa que não se assusta com espinho. Vestidas com as capulanas, camisas leves e lenço na cabeça, pareciam não perceber o sol maldito que maltrata a pele e o milho.

Numa roda, dançam e cantam músicas que desejavam sorte à machamba.

###

Na cidade, haveria uma festa brasileira num bar chamado "Muy Caliente". Nada. O Africa Bar, velho point maputense, estava cheio. Lotado. Da altura do Joelho da maioria dos

fregueses, um menino trazia nas pernas caneleiras de ráfia branca, adereços típico do chigubo. Pedia moedas e fazia pequenos serviços, como ir comprar cigarros para os mais preguiçosos.

"O que você está fazendo aqui?", Shannon perguntou.
"Estou a trabalhar", respondeu com naturalidade.

Junto com a irmã, de quinze anos, 'apurou' 28 contos na noite. Numa conta de padaria, quase 3 reais. Gastaram 10 com a passagem de chapa para chegar ao lugar. Gastariam outros dez na volta.

"Vocês vão à escola?", Shannon insistiu."
"E quem vai pagar?" perguntou a irmã.

Mais um pouco, uma pequena briga no bar. Depois, uma batida de carro logo em frente. Os inconvenientes não impediam a festa. Pessoas de várias turmas, vestidas em suas melhores roupas, esforçando-se para ver e ser vista na noite da capital. Pensei nas mamas no campo e novamente quis beijar-lhes as mãos.

Está tudo direitinho?

Um vídeo feito para ativistas da saúde mostrava como algumas crianças utilizavam preservativos, sacos plásticos e linha para fazerem bolas de futebol, tão difíceis de se encontrar por aqui.

Outro contava a história de prostitutas que ganham a vida negociando seus serviços com caminhoneiros no Corredor da Beira. Outros apresentavam a vida de irmãs órfãs da AIDS e um senhor HIV-positivo que infectou-se depois de ter deixado a esposa em Moçambique para trabalhar como mineiro na África do Sul - como outros tantos.

O complexo Bantu, danceteria de Boane, sediou um baile de carnaval. Nada de frevo, nada de samba. A garotada, animada, vestiu-se com fantasias improvisadas e caiu na farrá. Nas caixas de som, a mistura normal dos finais-de-semana normais. O kuduro angolano, a passada local, o R&B americano... Ah, mais um funk, um pagode e um axé baiano que se repetiram durante toda a noite. Afinal, eram músicas brasileiras e carnaval é uma festa brasileira.

"Temos um brasileiro entre nós!!" bradou um dos organizadores, que antes havia se desculpado comigo. "Desculpa, aqui não sabemos fazer carnaval... Está tudo direitinho?".

Carnaval importado

A propaganda dava conta de um desfile numa avenida na beira mar de Maputo. O Rei Momo (que não tinha 90 quilos) contou que Moçambique tinha um carnaval tradicional, mas a festa fora proibida pela revolução de Samora Machel nos anos oitenta. Hoje em dia, os poucos festejos que existem são baseados no modelo brasileiro-carioca. Em Maputo, a organização fica por conta de um grupo chamado Associação Cultural Recreativa Afro-Brasileira (Acrab), dirigida por um punhado de brasileiros que se empenham de celebrar algumas datas típicas. É o quarto ano que a Acrab toma a responsabilidade pelas serpentinas na capital de Moçambique.

Um dos batuqueiros contratados para tocar tarol me chamou e perguntou sobre a história do carnaval. O 'bloco', organizado como uma pequena escola de samba, não ocupava cem metros da avenida. A bateria tocava o samba enredo deste ano, enquanto uma brasileira cantava junto com o Rei Momo.

Quem via aquilo tudo de fora, interessava-se. Pessoas vinham e assistiam o 'show'. Raros atreviam-se a dançar. Alguns trabalhadores chineses, que comandam a construção de um prédio público, foram os que mais se animaram, principalmente com as meninas de biquíni que formavam o 'abre alas'.

Em Boane, há um 'carnaval' marcado para a tarde de amanhã. Um dos cartazes, escrito a mão, diz:

"Grande carnaval de Boane. Lugar tal, hora tal. Leve seu batoque, lata ou panela. Venha de fantasia ou máscara. Se você for muito feio (a), não precisa de máscara".

A festa havia sido marcada para as 14h, quando cheguei ao posto de gasolina (sim, posto de gasolina), onde as pessoas deveriam se concentrar. Encontrei os organizadores ainda carregando caixas de som e enfeitando tudo com correntes de papel. Em casa, arrumei meu bloco.

As crianças vizinhas chegaram e eu distribuí apetrechos carnavalescos. Uma máscara, um apito... Com serpentina, fiz fitas para a cabeça de todo mundo e ensaiei uma musiquinha para cantarmos enquanto batemos lata.

"Bota camisinha, bota meu amor/ hoje tá chovendo, não vai fazer calor".

A festa começou com três homens vestidos de mulher e um de índio, com um macaco de verdade no ombro. No que a turma começava a dançar, quem estava passando parava para olhar. Em princípio, não entendiam que podiam participar da festa. Faziam uma roda para observar a festa dos fantasiados. Atônitos, os organizadores me perguntavam:

"E agora? Como fazemos pra o pessoal não ficar parado?"

"Anda um pouco, bota os fantasiados para andar, aí o pessoal que quiser ver vai ter que andar também".

Desfilaram um pouco, depois voltaram a dançar. E o povo, auto-excluído, voltou a arrodar e observar.

Algumas pessoas corriam para casa, inventavam uma fantasia e voltavam. Alguns quebravam canetas e usavam a tinta para pintar o rosto.

No som, uns sambas antigos e umas músicas baianas que o povo não entendia direito. O índio voltou a interrogar.

"O que fazemos agora?"

"Bota uma música que eles conheçam. Que gostem de dançar".

Muitas crianças, a essa altura, corriam de um lado para o outro, num frevo diferente.

Devagarinho, umas 300 pessoas, de acordo com as estimativas de Rodrigo e Andreia, chegaram e participaram do evento. Imagino que muitas não entenderam o que aquele branco (eu) estava fazendo com uma sombrinha num dia de tanto sol, mas dançaram o kuduro e riram das fantasias malucas dos conterrâneos. Também picaram papel e fizeram o próprio confete.

Algumas meninas, que tinham televisão em casa faziam os passos do Tchan melhor do que muita baianinha, enquanto os marmanjos brincavam de Bonde do Tigrao.

"O Brasil está acabando com esse país", brincou Rodrigo, que fez um trenzinho com a criançada e jogou capoeira com o índio ao som de um pagode romântico.

Voltando para casa, um rapaz que eu não conhecia disse que tinha visto na Globo o carnaval do Brasil "Tinha um tal de 'Galo da Noite' que estava cheio de pessoas! Disseram que tinha 4 mil pessoas! Isso um grupo só!! É muita gente!" Referia-se ao Galo da Madrugada, tradicional bloco do recifense que, de acordo com os organizadores, leva mais de um milhão (sim, mais de um milhão) de pessoas para as ruas no sábado de carnaval.

Não vale a pena

Mineira, médica, Beatriz trabalha com a organização Médicos do Mundo, de Portugal. Ela coordena um GATV em Namaacha, perto de Boane. Há três meses, pediu autorização do ministério para poder fazer consultas clínicas. Autorização que ainda não foi concedida. "Acho que é um problema pessoal. Quando o ministro foi inaugurar nosso GATV, percebeu que a logomarca dos Médicos do Mundo estava maior que a do Ministério e reclamou um bocado".

###

"Aeroporto/ Avenida de Angola! Aeroporto/ Avenida de Angola!".

Era meu chapa. Entrei, assim como uns cinco outros passageiros loucos para chegar em casa. Na próxima paragem, entrou mais um. Nas duas seguintes, nenhum. Quase no meio do caminho, o cobrador fala como se não fosse nada.

"Não vale a pena, pá..."

Troca uma idéia com o motorista, em changana. Meus companheiros de viagem começam um burburinho que logo me faz entender. Como havia poucas pessoas no carro, cobrador e motorista resolveram abortar a viagem. "Vamos voltar", anunciou. E voltou.

“Homem sofre muito”

Saboreava uma 2M gelada e esperava meu prato ficar pronto enquanto conversava com a dona da barraca.

Dona Rosa tomava uma Amstel, importada. Tem seis filhos. Os dois mais velhos, casados. Um trabalha com Graça Machel, ex-mulher de Samora e hoje de Nelson Mandela. O outro, é gerente de banco em Maputo. A vida sorriu para dona Rosa, que frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus como muitos outros conterrâneos mais ricos e mais pobres. Elite em Boane, Dona Rosa quer mais e evoca Deus ou Jesus cada vez que fala de um futuro melhor.

Duas meninas entram na barraca vendendo amendoim. Compro e puxo conversa. Em casa, são doze irmãos que moram com os pais. "E o que vocês querem fazer quando terminarem a escola?" A mais velha, que ajuda na limpeza da casa pela manhã e estuda à tarde, nem pensou. "Quero conduzir carros". A outra, sorriu envergonhada. "Eu queria ser professora de crianças..."

"Doze filhos...", comentei com Dona Rosa. "É... filhos aqui eram considerados a riqueza de um casal. As pessoas queriam ter muitas pensando que talvez um deles pode se dar bem e cuidar dos pais na velhice. Mas naquela altura não havia fome. Se colhia milho, feijão, amendoim, tudo na machamba. Dava para a criança comer e pronto. Estava alimentada. Muita vitamina. Agora, com a seca, não se pode mais ter muitos filhos. Minha

filha só pode ter quatro, no máximo. Além disso, morre-se muito aqui em Moçambique. Os brancos ainda resistem. Mas nós, pretos, morremos muito."

Chega um senhor e conta uma história, em changana. Dona Rosa me traduziu. "Está vendo esse senhor? É meu pedreiro. Disse que as crianças do bairro onde ele mora (Antigos Combatentes, onde houve a cerimônia do Licombe, em janeiro) foram brincar na lama deixada pela chuva. Um, que era seu neto, não percebeu que havia um buraco e caiu. Perdeu a vida hoje."

Dona Rosa deu-lhe 70 mil meticais para ajudar e ele despediu-se, pedindo desculpas por ter-me incomodado. Transmiti meus sentimentos e observei aquele senhor magro, de cabeça branca, começando a caminhada de algumas horas até chegar em casa no escuro da noite. Calado.

"Homem sofre muito", filosofou Dona Rosa. "Homem sofre mais do que mulher. Mulher sempre tem quem a ajude. Se eu não tiver dinheiro, posso entrar em algum lugar e sempre encontro alguém que me pague uma cerveja, uma coisa. Com homem não é assim. Um homem sem dinheiro sofre muito".

Parte II: Shikanni²¹

“Como eu vou saber?”

Feijoada com carne, arroz e 'piri piri', pimenta que se come praticamente com tudo. Dona Rosa estava preocupada. Perguntou sobre sintomas da Aids e falou que andava preocupada com o marido.

"Ele vive em Maputo, sabe? Tem muito dinheiro, trabalha para o ministério. As mulheres se jogam em cima de homens que têm dinheiro. Comigo, ele recusa usar Jeito (camisinha). Em Maputo, ele tem outra mulher. Então fica difícil controlar três pessoas, não é? Ele diz que já fez teste, que não tem nada disso. Mas como eu vou saber?"

Dona Rosa fez o teste de HIV uma vez e deu negativo. Mas sabe que devido ao comportamento do marido, é possível que tenha sido infectada, embora esteja saudável. Minoria esclarecida, a dona da barraca tem o mesmo problema de suas compatriotas mais pobres. Quem manda é o marido. A poligamia é aceita desde que o homem tenha dinheiro para alimentar as famílias.

No GATV de Boane, o número de homens que aparecem para se testar é o dobro do número de mulheres. Mesmo assim, a quantidade de mulheres infectadas é muito maior. Enquanto aproximadamente 11% dos homens recebem o resultado positivo, o número sobe para 23% entre as mulheres.

Picoco

No caminho, pequena Suzana, redonda e de lindo sorriso ocupava-se em mostrar as plantas nas machambas, ensinando a maneira de comer cada uma delas. Folhas de feijão, mandioca, abóbora, couve e de outros matos são normalmente cozinhadas com tomate, cebola, coco e amendoim, num prato que se come (e se repete) com um pouco de arroz. Acrobacias deliciosas inventadas por quem tem pouco o que comer.

Dona Suzana é casada há onze anos com o segundo marido. O primeiro, de quem se separou, morreu assassinado há dois anos. Tem dois filhos. Quer mais dois.

"Não quero ter muitos. Acho quatro suficiente", avisa a ativista de educação sobre HIV que presenteia o marido todas as sextas-feiras com preservativos. "É o *dia dos homens*". Eu dou mesmo o Jeito a ele. Já avisei que sou negativa. Se um dia eu aparecer positiva ele vai se haver comigo"

Suzana é faladeira e conta histórias sobre as compatriotas do Norte, conhecidas pelas habilidades na esteira. "Em Nampula²², as macua tem clitóris do tamanho de um braço. Elas esticam enquanto fazem as iniciações, no mato. E aprendem a usar aquilo mesmo. Seduzem os homens. O homem que se mete com uma macua esquece da família, do

²¹“Boa tarde”, em changana

²² No sul, nota-se boas doses de preconceito em relação ao Norte. Embora não tenha visitado essa região do país, o autor decidiu retratá-la através das histórias contadas por pessoas de lá ou não. No processo de edição, algumas pessoas de Moçambique também colaboraram e algumas opiniões foram revistas. Assim, é importante que leitores e leitoras tomem o cuidado de não aceitar tudo como a inexistente verdade absoluta, mas sim como o que são: histórias contadas por pessoas.

trabalho, de tudo. Elas sabem usar aquilo mesmo", alfinetava. "Quando um homem chega lá em viagem de negócios, as mulheres dizem "Ora, porque trouxe a mulher? Não sabia que poderia conseguir melhores aqui?" "Lá a prostituição acontece muito. Isso que a gente vê aqui em Maputo não é nada..."

A moça morre de medo dos xikwembos (que ela prefere chamar de 'defuntos') e de curandeiros. "Tenho medo até de casa de palhota, que é tradicional de curandeiros. Estas casas chamam muitos defuntos. Aqui em Moçambique essas coisas são poderosas. Se uma pessoa morrer e, depois de morta, pedir para ser enterrada num cemitério longe, não tem quem consiga enterrar perto. Se o cortejo for de carro, não funciona. E se conseguirem enterrar num lugar contra a vontade do morto, ninguém mais tem paz pelo resto da vida."

Assim, chegamos a Picoco. Há três anos, só havia mato na área. Em 2000, depois das cheias que puseram muitas regiões de Maputo embaixo d'água, a comunidade foi ocupada, principalmente pelos desabrigados e demais pessoas chamadas 'vulneráveis' ou outros apadrinhados pela Frelimo. Hoje são cerca de 500 habitantes. Alguns moram em casas de alvenaria construídas por uma ONG ou pelo governo. A água vem de poços artesianos, mas não há energia elétrica.

O secretário adjunto do bairro, Sr. Armando, é a segunda maior autoridade oficial da comunidade. "Nós, membros da Frelimo, não temos salários. Somos voluntários, não é? Eu fui eleito em 1994 e sou um dos membros mais antigos daqui. Quanto alguém rouba, quebra a lei, faz alguma coisa errada, somos nós quem vai falar com a pessoa. Para não levá-los à polícia, cobramos uma taxa. Por exemplo, essas casas são do governo. Não podem ser vendidas. Se alguém vende, temos que punir. A pessoa então pede desculpas, diz que não vai fazer novamente. Então tem que pagar uma taxa, uns 1,5 milhão. Esta taxa fica para o núcleo do partido. Dividimos entre os membros. Esta, então, é nossa renda".

Suzana puxou conversa. Como estava para organizar um seminário na comunidade, sabia que as coisas seriam mais fáceis se tivesse afinidade com o partido. "Ah, eu também sou da Frelimo. Só não tenho minha carteira. Queria até fazer..." "Quer fazer? Podemos resolver isto. Eu te dou um talhão (terreno) aqui e nós elegemos a senhora. Isso é rápido. Eu mesmo elejo as pessoas aqui. Hoje somos 35 membros, mas precisamos ter 50 para formar um 'circo do partido'. Da próxima vez que vier, pode trazer as duas fotos que nós fazemos sua carteira. E, quando quiser, pode vir pegar o talhão", afirmou o dirigente.

Na saída, minha amiga sorria. "Está vendo como é? Esses da Frelimo são muito espertos. O senhor já ia me dar um talhão. Se uma pessoa não é da Frelimo aqui não consegue nem emprego", gargalhava a redonda senhora que realmente simpatiza com o partido no poder, muito mais pela lembrança do lendário Samora Machel e pelo repúdio aos opositores da Renamo que por acreditar na política governista.

"Aquele gajo (Samora) não brincava em serviço. Todo mundo ganhava o mesmo salário e todo mundo tinha a mesma quantidade de comida para comer. Ninguém podia ter televisão se todo mundo não tivesse. Menina não ficava de saia curta dançando até de madrugada nas discotecas. Se você fosse solteira, ele te mandava casar ou te levava para o Norte, para começar a vida. Não podia ter prostituição. Se chegasse numa fábrica e o diretor não estivesse trabalhando, demitia o homem na hora. Não tinha espaço para vagabundo. Uma vez, teve uma colheita grande de arroz em outra província e ele recrutou pessoas no país inteiro para irem colher. Pessoas que não tinham experiência foram ceifar e muitos até voltaram sem mão, sem perna. Mas foram. Não se fumava soruma (maconha) e soldado não podia beber fardado. Não, não, aquele não brincava. Se ele ainda estivesse vivo, a guerra não tinha nem acabado", contava, com orgulho.

Ainda no Picoco, a organização Kindlimuka trabalha com educação e aconselhamento na área do HIV. A responsável, uma imensa senhora chamada Maria, falava dos problemas. "Hoje em dia poucas pessoas vêm nos visitar, porque os outros já ficam dizendo que tem Sida. Se queremos fazer um seminário, uma conferência, um workshop, todo mundo quer logo saber o que vai ter. Se vai ter camiseta, se vai ter lanche, se vai ter dinheiro. Querem saber dos benefícios. Se eu digo que é só educação, informação, que não vai ter nada para levar para casa, eles dizem logo que não vale a pena."

O sol já nos roubava a sombra quando decidimos voltar. No meio do caminho, uma mamana sentada no chão quebrava sementes de canhu com um martelo e uma pedra. Dentro, revelava-se uma espécie de amêndoa de sabor parecido com a noz. Outra, junto, separava folhas de nkakana.

A filha adolescente da senhora que quebrava o canhu estava gripada. "Já comprei comprimidos, mas ela não quer tomar", revelou a mãe. "Você foi no hospital? O médico receitou?" Todas riram.

Suzana explicou:

"Não se tem dinheiro para ir ao hospital."

"Mas o hospital não é público?"

"É, mas paga-se. Mil meticais"

"Mesmo só para ver o médico?"

"Ihhh... ver o médico é difícil, mesmo pagando. Poucos são os que chegam nesta instância. No hospital é assim. Tem dor de cabeça, toma aspirina, paracetamol..."

A mamana que separava a nkakana perguntou se eu era português. "E não quer casar com uma mulher moçambicana?", perguntou sem brincar. "Desculpa mamá... Ainda não quero casar..." "Ah eu já ia oferecer minha filha. Ela está novinha, foi desmamada a pouco tempo. Queria te dar para você terminar de criar e casar. Para você ter trabalho também. De presente, levei um saco de mafurra. Em casa, dona Verônica preparou com água e açúcar, uma delícia pastosa que se come cusbindo os caroços, espalhando futuras mafurreiras pelo caminho.

####

Victor nasceu em São Tomé e Príncipe, mas foi criado em Nacala, cidade praiana da província de Nampula. Confirmou tudo o que havia dito dona Suzana sobre as macua. E aumentou. "São clitóris enormes, muitos chegam a parecer um pênis. Elas podem usar aquilo tanto para dar prazer ao homem quanto para impedir a penetração. Aprendem tudo nos rituais de iniciação, assim que começam a menstruar. Puxam com a ajuda de um creme feito com uma planta. Nas zonas mais rurais, elas têm tatuagens bonitas que vão da barriga à coxa. Os homens da tribo gostam. Mulheres lisas, sem esses desenhos em relevo sobre o corpo, não são interessantes. Algumas, sem tatuagens, que vêm das cidades para o campo, viram alvo de gozação. Como não têm desenhos, parecem homens".

"De acordo com a tradição, se um homem comprar peixe ou capulanas para a mulher, tem que entregar pessoalmente. Se chegar em casa e ela não estiver, fica esperando do lado de fora. Quando ela chegar, pega aquilo tudo e leva para dentro de casa. Leva a compra para o quarto e a primeira coisa que se faz é sexo. Esta é a maneira de ela dizer 'obrigado, marido', já que peixe e capulanas são coisas especiais para quem vive no campo"

As senhoras maputenses dona Albertina e dona Hercília, que trabalham no GATV, se interessavam pela conversa, curiosas sobre os costumes da província nortenha. Pessoas estudadas, os três conversavam sobre espíritos e magia como se falassem sobre a última manchete dos jornais. Não há quem duvide da veracidade das histórias. Nem eu.

"Existe muita feitiçaria no Norte. Em alguns distritos, então, a coisa é pesada mesmo", disse Victor, contando histórias de mulheres que são lambidas por cobras e crocodilos no intuito de enfeitiçar homens. Alguns maridos também recorrem a métodos sobrenaturais para garantir a fidelidade das esposas. Victor lembrou um velho feitiço, bastante empregado pelos macua. "O gajo manda enfeitiçar um canivete e o deixa aberto em cima da mesa. Manda a mulher ir buscar. Quando ela fecha o canivete para entregar, fecha-se também. É como se estivesse usando um cinto de castidade. Fica trancada. Você pode até botar pra dentro, mas não consegue tirar".

"Sim... Teve um caso destes aqui em Maputo. Precisou levar o casal ao hospital e só conseguiram separar os dois quando o marido chegou", lembrou Hercília. "Foi em Xiquelene", dona Albertina identificou a zona específica do ocorrido. Outro método faria com que o pênis do homem traidor desaparecesse na hora do sexo para voltar apenas quando ele fosse embora.

Falou-se de um senhor que era conhecido por fazer sexo à distância, com até duas mulheres ao mesmo tempo. "Ele chegava numa repartição pública, sentava, escolhia a vítima e começava. Ela não entendia direito aquilo, até que ficava molhada com o esperma. Muitas pensavam que era menstruação, mas quando iam ver percebiam o que era", disse Victor. "Tinha um que fazia isso no chapa", emendou Hercília. Albertina recordou-se de um que enfeitiçava mulheres casadas e depois ia encontrar o marido enquanto ele estivesse com amigos. Sempre soltava uma lorota. "Ele chegava para o cornudo e dizia, na frente de todo mundo 'ei, aquele seu colchão não dá mais. Precisa trocar'"

Um caso - verídico, claro - contava a história de homens que se transformaram em serpentes depois de um banho dado por uma mulher ciumenta. Outro falava de uma comunidade na Nampula em que as pessoas não morrem. Ficam velhas e, depois da visita de um curandeiro, viram animais silvestres.

O natural e o sobrenatural se misturam como se fosse uma coisa só. Não se duvida da ação dos espíritos como não se duvida que de uma mangueira colhem-se mangas.

Não é estranha a história de um presidiário que, com a ajuda dos espíritos, saiu da cadeia à noite, entrou no palácio do governo, roubou o relógio do governador e o anel da primeira dama de Nampula e voltou para sua cela. "O governador tinha visitado a cadeia e, como mandava a tradição, ia escolher um preso para ser libertado", começou a contar Victor.

Como os argumentos do preso não pareciam interessar à autoridade, o encarcerado resolveu fazer chacota "Ei, eu aqui estou em casa, mas posso te visitar hoje de noite", teria dito. O governante, mais uma vez, não deu ouvidos. Quando acordou no meio da noite, percebeu o roubo e leu uma nota escrita à mão pelo tal preso-feiticeiro. Ainda de pijamas, voltou à prisão para encontrar o presidiário com seus pertences e um sorriso no rosto. "Eu não disse que ia visitar o senhor? Para mim tanto faz estar aqui dentro ou lá fora." De acordo com a versão de Victor, o governador voltou no outro dia com um batalhão de militares e levou o preso para as montanhas, onde foi atropelado por um tanque.

"Ora, mas estes homens não sabem escapar de porrada?" Aí quem respondeu foi Dona Albertina. "Eles resistem mesmo. Pode bater à vontade que eles não sentem dor. Na

verdade, quem sente dor é a pessoa que está batendo. Mas tem uma maneira de dominá-los..." "Tem que bater na sombra da pessoa", apressou-se Victor. "Eles trocam de identidade com a sombra, então a pessoa tem que pisar na sombra, esfaquear a sombra. Só assim para dominá-los."

Victor contava a história de uma montanha em que as pessoas vão para fazer pedidos e são recebidos e alimentados por animais. Que muitas pessoas enlouquecem procurando o lugar e que uma pesquisadora americana passou uma semana dirigindo sem encontrar. "Ela não seguiu as regras, então nunca encontrou. Via sempre o monte em sua frente, depois, sem perceber, já havia passado. Ela nem notou que estava na estrada por uma semana. Não voltaria nunca se uma pessoa não a tivesse encontrado".

###

No mercado.

"No Brasil adotam-se crianças?"

"Adotam-se"

"É que aqui tem um problema....Vocês têm essas coisas de defuntos?" "Temos..."

"É que às vezes a pessoa é adotada e os xikwembos não gostam. A criança vai crescendo e fazendo umas coisas esquisitas..." "

12 de março

Na escola secundária Joaquim Chissano estudam alunos até a 10ª classe (equivalente ao primeiro ano do ensino médio no Brasil). Diz-se que construção difere do projeto. "No mapa, ela deveria ter dois andares e um prédio de alojamento para alunos internos. Também estava previsto um campo de futebol", disse um dos alunos. De fato, o colégio tem apenas andar térreo e nenhum internato. "Muitos engenheiros fizeram parte da obra e desapareceram com o dinheiro de uma fundação italiana, que bancou o projeto".

O ensino médio vai até a 12ª classe. Para passar direto, o estudante tem que ter uma média de, pelo menos, 14. Com 10, consegue ser aprovado. Menos que isso, 'chumba'²³

As crianças reclamam de professores que batem nos alunos mal-comportados. Já os mais velhos contam que apanham dos 'encarregados' (pais ou responsáveis) quando não têm um bom desempenho.

Nesse dia, dezenas de estudantes assistiam a uma peça sobre doenças sexualmente transmissíveis. A sala era pequena para tanta gente. Alguns ficaram em pé, outros do lado de fora, assistindo pela janela.

###

Um livro sobre Samora Machel contava histórias do mítico estadista. Uma delas fala da recepção do primeiro presidente português a visitar Moçambique depois da independência. Diz o texto que Samora beijou-lhe a esposa e, num gesto tipicamente moçambicano, conduziu o ex-colonizador de mãos dadas pelo aeroporto. O gesto, embora sutil, fez com que o visitante luso percebesse que estava realmente num outro país e não mais num

território português.

####

Uma das mamas que vende frutas na frente do mercado trazia hoje cana de açúcar. Aqui chama-se cana doce. Também é época de abacates, toranjas e tamarindos. Laranjas continuam muitas e compram-se quatro por 5 mil. Nossa bananeira presenteou-nos com três cachos de minúsculas frutas.

Lina e Kuka

Em Maputo, caminha-se por ruas de nomes comunistas e sujeiras capitalistas. Mata-se a fome num dos tantos mercados públicos da cidade. Pratos feitos. Magda, guineense-moçambicana-caboverdiana-portuguesa freqüenta a barraca da Tia Lina, no Mercado Central. Gosta de pedir frango com molho de amendoim. Hoje não tinha. Pedimos camarão com arroz.

Tia Lina também estava na hora do almoço. Comemos juntos. Eu com talheres, ela com as mãos. Comigo, Cláudia, a Kuka, uma amiga do Sr. Américo. Bonita, alta, cabelos com extensões trançadas. Vinte e três anos de pele negra enormes olhos indianos. Apenas um motivo para visitar o Brasil. "Só iria para ver o Mauricio Mattar".

Muçulmana, Kuka não reza cinco vezes ao dia nem lê em árabe. "Fui muito pouco à madrassa", explica-se. Mas garante que jejua durante o ramadã e que é craqueem fazer chamussas, um tipo de pastel tradicional. Kuka vive com o irmão mais novo, a mãe, uma tia e a avó numa boa casa em Chipamanine, uma das zonas mais pobres de Maputo, ao redor do mais barulhento mercado da capital.

Kuka tem água, energia, geladeira, televisão, vídeo e forno. Faz bolos de chocolate que o irmão devora em horas e reclama quando acaba. Usa expressões em inglês e não entende como eu posso viver em Boane, sem água encanada. "Lá não tem nada pra fazer..."

Enquanto eu comia, as duas mulheres até então desconhecidas trocavam confidências sem se importar com a presença masculina. Tia Lina falou da inveja de outras comerciantes com seu sucesso, enquanto Kuka reclamava de amigas mal intencionadas e namorados ciumentos.

A jovem não entendia o ciúme de seu último namorado, que ficou revoltado quando soube que um antigo amor era quem pagava as mensalidades de seu colégio e o material escolar. O ciumento, futebolista profissional, acabou sendo jogado a escanteio depois de algumas cenas de ciúme. "Eu quando estou com uma pessoa, sou fiel. Só traí uma vez, mas fui pega. Aquele era um relacionamento de quatro anos e eu fui pega. Foi uma lição. Não faço mais isso", garantiu.

Enquanto isso, Tia Lina reclamava da falta de refinamento gastronômico de seus clientes. "Eles só querem comer as mesmas coisas todos os dias. Se eu tento fazer alguma coisa diferente, não tem saída. É só carne e frango, carne e frango". Embalada, Kuka contava que tinha vergonha de tirar a roupa na frente da mãe, mas que não gostava de usar calcinha, nem quando estava de calças compridas.

Estudante da 12a classe, último ano do ensino médio, Kuka leva uma vida tranqüila e planeja estudar agronomia na faculdade. Nunca tinha entrado naquele mercado.

Tia Lina lançou-se na iniciativa privada há três anos. Aluga o espaço, mas já se prepara para adquirir a própria barraca, para onde se muda no mês que vem. Tem três filhas de

um primeiro casamento e um menino de 15, do segundo e atual. "Meu marido não tem ciúme nenhum. Vem me deixar e me buscar aqui todos os dias e não faz nenhuma questão que eu trabalhe. Engraçado é que agora o primeiro está dando para vir no mercado fazer cara feia."

Cada um de uma vez, três senhores bêbados tentaram me vender lâminas de barbear. Estou de cavanhaque. Quando recusei a terceira Gillete, o ambulante não se conformou. "Vai deixar crescer um 'Bin Laden? So, give me a smoke."²⁴ Confundidos pela minha cor mais clara, muitos vendedores falam em inglês comigo.

Há nas ruas sujas de Maputo pessoas que negociam tudo, desde frutas e verduras até relógios, CDs, óculos escuros, pentes e escovas de dente.

Victor

Victor ouviu no rádio. Um jovem do interior que havia estudado em Maputo voltou para casa e foi surpreendido. O pai, seguindo uma tradição tribal, tinha arrumado-lhe uma esposa e até marcou o casamento para julho. Apaixonado pela namorada que deixou na capital, o menino pedia conselhos aos ouvintes. O que fazer? Victor recordou-se de sua juventude e ligou para a emissora imediatamente. Falou até esgotarem-se os créditos do telefone celular pré-pago.

Quando começou a trabalhar em Nacala, o tomeense-moçambicano saiu da casa dos pais, numa região rural, e foi para a cidade portuária. Vendo que o filho trocava de namoradas constantemente, o pai insistia em dar conselhos sempre que ia visitar. "Victor, você precisa casar. Não fica bem um homem como você andando com essas mulheres todas. Além do mais, as mulheres da cidade não prestam. São muito exigentes. Gastam muito dinheiro. Você precisa de uma rapariga do campo, que se contenta com peixes e capulanas".

Para não criar confusão, Victor apenas concordava e dizia que obedeceria quando estivesse preparado para casar.

Um dia, chegou-lhe uma carta. Dizia que o pai estava doente e requisitava uma visita, que recebeu no primeiro fim de semana. Saudável, o velho levou-o para passear. "É normal que um pai queira desfilar com o filho que trabalha na cidade. O pai está orgulhoso e quer mostrar o filho para todo mundo. Assim, eu fui. Não fazia a menor idéia do que iria acontecer".

Numa das casas que visitaram, veio a notícia. Victor mal podia acreditar no que ouvia do pai, que conversava com o patriarca da outra família.

"Este é meu filho que eu havia prometido"

"E esta é minha filha"

"Então não vejo tempo para perder. Daqui a um mês podemos formalizar o casamento."

Victor não teve escolha. Não queria brigar com o pai e acabou encurralado. Voltou em um mês e casou-se numa cerimônia simples, sem padre ou juiz. O compromisso foi aceito na casa da noiva, que mudou-se para a cidade no dia seguinte. "Eu nem conhecia a miúda, mas não tive o que fazer... Fiquei com ela três meses, sempre dando presentes para deixar ela bem feliz. No fim de três meses, disse que queria me separar. Tive que falar com o irmão dela e depois com meu pai. O velho ficou uma fera mesmo. Me chamou de desobediente, de irresponsável, de tudo. Passou um mês sem falar comigo. Hoje, só

24 "Dê-me um cigarro"

temos contato por causa de um tio que intercedeu por mim", lembra.

#####

A tradição do sul de Moçambique impede que pessoas façam sexo com mulheres que perderam o marido recentemente. "Se você pegar uma viúva, morre mesmo. Fica doente, pode pegar uma tuberculose, depois morre", disse meu colega Antoninho. Havia meia dúzia de pessoas na sala. Todos concordaram. E emendaram. "Um casal também não pode fazer sexo quando morre um filho. Na verdade, quando há qualquer morte na casa", ensinou outro. Nestas ocasiões, deve-se esperar de três a seis meses. Com mulher menstruada também não se mexe.

O mais grave, porém, é transar com uma que tenha sofrido um aborto. "Isso é muito perigoso. A mulher não diz nada e o homem corre risco de morte", alertou Tomás Nhasavele, um trintão craque no xadrez, saudável e de pouca esperança. "Acho que só tenho mais uns cinco anos de vida. A expectativa de vida aqui não é 37? Nós pretos morremos cedo."

#####

Tinha um pão posto na mesa de cabeça para baixo. Levei carão. "Não pode colocar o pão assim que insulta a Deus", avisou um amigo, que tratou de por o alimento na posição correta.

16 de março

Todas as armas americanas estão apontadas para Bagdá. Tony, baixista do Timbila Muzimba, chamou para participar de uma manifestação pela paz. Velas seriam acesas na Praça da Independência para demonstrar que o povo moçambicano não concorda com a guerra.

No local, menos de 20 pessoas. Com a exceção minha, de Tony e de Shannon, todos os outros eram escoteiros. Acendemos as velas e os escoteiros cantaram umas canções. Fim de protesto.

19 de março

Pela primeira vez em quatro meses, entrei num dos ônibus 'oficiais', os chamados TPM (Transportes Públicos de Moçambique), raros se comparados aos onipresentes chapas. De pintura branca e vermelha, estes machimbombos chamam a atenção pelo cobrador. Ao invés de um grialhão, quem faz o serviço é um senhor bem vestido, com uma roupa que lembra a de um soldado, com direito a quepe e tudo. Numa sacolinha a tiracolo, vai o dinheiro.

Walter

É preciso andar de chapa para começar a entender a alma moçambicana.

Um senhor português dirige uma agência de publicidade. Cheiroso e arrumado, tem um segurança vestido de soldado na porta. Sente-se bem protegido e confortável na sua sala com ar-condicionado. Na empresa, trabalham três brasileiros. Um é paulista, designer. Recebeu o convite pela internet. Já está aqui há um ano.

"Nossa, meu. Comparado com São Paulo isso aqui é um paraíso", vibrava o rapaz de bom emprego, que vai para a praia todo fim de semana.

De Moçambique, o jovem publicitário só tem uma queixa. "Aqui não tem mulher. Fui passar o Natal no Brasil e fiquei louco. É isso. A única coisa que eu sinto falta mesmo é mulher". Fechei os olhos e vi lindas moçambicanas com seus cabelos de trancinhas e olhinhos puxados.

Walter mora num bairro de elite, onde tem amigos da elite, moçambicanos e estrangeiros. Nunca foi ao campo e não conhece o canhu. Orgulha-se, com muita razão, de ter ido algumas vezes ao Chipamanine, bairro onde moram Américo, Kuka e Tony. "Em São Paulo eu nunca me atreveria a entrar num lugar desses."

Eu e Walter estamos em países diferentes.

21 de março

Frase do sorridente Domingos Chidoma, nascido em Manica, morador de Boane, a respeito da falta de água em várias zonas da província de Maputo: "Preto é assim. Só pensa no dinheiro. Basta ter uma oportunidade de subtrair algum dinheiro. Vai e tira mesmo." Não é a primeira vez que ouço uma coisa dessas vinda de um negro moçambicano. Nem a segunda. Certamente não será a última.

####

Em Maputo, nem todo telefone público pode ser usado 24 horas. Isto porque em cada aparelho existe um contador de impulsos que indica quanto deve ser pago ao funcionário. Nada de fichas, moedas ou cartões. O que vale é o dinheiro na mão do cara. Assim, como qualquer negócio, a maioria dos telefones 'fecham' no final do dia.

22 de março

Mais uma manifestação contra a guerra ao Iraque. Bem maior que a primeira. Na cidade, há muitas pessoas muçulmanas cheias de motivos para terem raiva dos Estados Unidos. Na Praça da Independência, porém, vários grupos étnicos moçambicanos estavam juntos. Brancos, indianos, negros. Todos levantando cartazes antiguerra e gritando palavras de ordem pela paz. Na televisão, todos os noticiários informam sobre o sangue correndo no Golfo Pérsico. Vejo as milionárias bombas e imagino quantas escolas poderiam construir na África, quantos projetos de irrigação poderiam financiar e quantas comunidades poderiam alimentar.

Dona Verônica, na sua simplicidade, também não concorda com a guerra. "Tenho medo que se torne uma coisa mundial", diz, aterrorizada.

A mãe de Shannon, americana, ligou do interior de Ohio pedindo que a filha se cuidasse. Tinha medo de represálias antiamericanistas.

Glória

O Hospital Central é o maior de Moçambique. Muitos pacientes não costumam receber muitas visitas. As paredes, bem pintadas de azul e rosa, revelam um certo cuidado. O povo fica em enfermarias de até dez camas. Alguns, sem leitos, alojam-se em colchões no chão. Quem tem dinheiro pode ir à 'Clínica Especial', onde se paga as consultas e os quartos. Quem tem mais ainda, vai para as clínicas privadas ou para a África do Sul.

A maioria das pessoas que visitamos não sabe a doença que tem. Os médicos, poucos e com pressa, não os dizem. A não ser que sejam diretamente perguntados. Como poucos perguntam...

Glória está internada noutra centro de saúde, o José Macamo. É solteira, tem 25 anos e tudo o que mais quer é um gole de Fanta.

Há oito anos havia sido mãe de Kito. No ano passado, deu a luz a Amélia e começou a sentir os sintomas causados pelo vírus que a infectou não se sabe há quanto tempo. Foi ficando fraca, perdendo peso, cabelos, disposição e vontade de viver. O pai, com quem morava, não quis saber de conversa. Imaginando que a filha padecia de Aids, tratou de colocá-la para fora de casa.

Sem ter para onde ir, a moça instalou-se debaixo de uma árvore, no quintal. Não contente, o pai novamente tomou uma atitude. Podou os galhos que davam sombra a Glória e aos filhos. Os quase quarenta graus do verão moçambicano não lhe deram outra escolha senão a de pedir ajuda à mãe, que morava no mesmo quarteirão.

Em princípio, a mãe a acolheu. Quer dizer, havia algumas condições. A moça moraria num quarto fora da casa, teria que cuidar dos filhos sozinha, não podia usar o banheiro e era responsável pela própria comida.

Como não tinha emprego nem força para cultivar uma horta de subsistência, Glória passou a depender do filho mais velho. Alimentação balanceada e manuais de vida positiva, porém, parecem piadas de mal gosto à vista do que comia aquela família. No cardápio, apenas folhas de árvores que Kito recolhia diariamente fervia para a mãe e a irmã.

Foi nesta época que Glória conheceu Alma, do programa de prevenção do qual eu participo, que começou a ajudá-la. Levou-a para testar-se e teve a confirmação de que era positiva. Revezava-se com a brasileira Andreia e trazia-lhe comida quase que diariamente, chamando a atenção da comunidade. Não tardou até que a mãe proibisse as visitas. Os vizinhos já estavam falando demais. Além disso, Amelinha, com fome, chorava demais à noite e atrapalhava o sono dos que tentavam dormir dentro de casa.

Assim, sem amigos e esquecida pela família, Glória foi, com os filhos, bater na Remar, instituição cristã que começou hospedando pessoas recuperando-se de problemas com drogas ou alcoolismo. Hoje, recebe também órfãos e pessoas que não têm para onde ir.

Nos últimos seis meses, foi internada no hospital público mais de 10 vezes. Lá, é receitada cloridrato de loperamida, para diarreia, mais antibiótico e vitaminas. Para a sorte de Glória, Andreia e Rodrigo pagam pelos medicamentos. Tratamento antiretroviral, nem pensar. Em Moçambique, estes remédios custam por mês o dobro do salário mínimo que Glória não recebe.

Melhora um pouco, volta para casa. Piora um pouco, volta para o hospital. Não consegue mais andar, comer ou ir ao banheiro sozinha. Todos os cuidados especiais de que precisa a impedem de voltar à Remar, que alega não estar preparada para tanto trabalho.

Graças à insistência de um médico que frequenta a mesma igreja, a mãe de Glória a trouxe de volta para a casa. Os filhos, porém, continuam na Remar. Tornar-se-ão órfãos em breve e deverão ficar na instituição ainda por algum tempo. A avó já deixou claro que não os quer.

Assim, entre altos e baixos, Glória vai sobrevivendo até que o corpo perca de vez a batalha para o vírus. Glória, porém, não é um exemplo clássico de uma doente de Aids moçambicana. É uma das sortudas.

Desta vez, está internada há uma semana e divide a enfermaria com algumas dezenas de pacientes. Biombos dividem homens de mulheres. Mato uma barata antes de chegar à

cama de Glória. O mal cheiro invade meus pulmões. Glória é só pele e osso. Poucos cabelos, as mamas secas roubaram-lhe a feminilidade. Não há brilho nos olhos brancos e semicerrados. A vida não parece mais morar naquela voz quase inaudível.

Andreia decidiu dar-lhe banho. Ajudou-a a sentar-se e a caminhar até o banheiro. Ao sair da cama, revelou um lençol embebido por um líquido amarelado de um fedor terrível. Fezes. Sem forças, Glória perdeu o controle das funções fisiológicas. O horário de visitas havia começado às 16h. Há raros enfermeiros e moscas voam sobre a comida trazida pelas famílias de alguns pacientes.

Vejo Glória voltando, nos braços de Andreia. Andreia é baixinha e magrinha. Imagino o peso daquele esqueleto que tinha no colo, enrolada num lençol, como uma criança. Fiz-lhe uma oração enquanto Andreia ia lavar os lençóis. Minhas palavras não saiam da boca e a única coisa que se ouvia eram vômitos de um senhor a menos de cinco camas de distância. "Deus, se for para levar, leve logo."

Ao redor, não vi acidentados ou pessoas vítimas de violência. Muitos doentes. Alguns recebendo visitas dos familiares, tentando aproveitar as poucas horas do dia em que os parentes podem ver os pacientes. O mal cheiro queimava e precisei sair para respirar entre as árvores do belo jardim do hospital.

O sol se pôs, deixando o céu vermelho. Para um monte de gente.

Estevele

Há 12 quilômetros de caminhada fora da estrada há uma escola de tijolos sendo construída. Enquanto a obra não se completa, a criançada aprende a ler e escrever embaixo das árvores mais frondosas da savana ou em pequenas palhotas.

Longe do barulho dos carros e da confusão dos mercados, os pequenos ouvem atentos a voz do professor - em português. A maioria dos pouco mais de 2 mil habitantes de Estevele não fala o idioma de Camões, mas na escola é língua obrigatória.

Ouvi pancadas.

"Sabe o que é isso? É o professor batendo no aluno", apontou o desdentado José Jacinto.

"E o pai, deixa?", perguntei.

"Claro. Ele sabe que se a criança não apanha, não aprende a lição direito."

Mais na frente, um senhor de sessenta e poucos anos. Tornozinhos enfaixados. "Tenho reumatismo. Fui no médico tradicional (curandeiro) e ele me tratou com ervas. Agora estou melhorando".

O papá tem uma idéia revolucionária para acabar com a epidemia de HIV em Moçambique. "Deveria ter uma lei. Quem fizesse sexo fora do casamento levava chibocadas. Muitas meninas saem de casa bem vestidas com capulana. Chega no cajueiro, tira aquilo ali e fica de saia pequena, com as pernas de fora. Meu filho mora na cidade e não ouve nada do que eu digo. Prefere ir pela cabeça dos amigos. 'Meu pai mora no mato, é louco', ele deve dizer. Eu acho que, pronto, louco é quem vive na cidade. Agora não existe mais respeito. Sexo deveria ser como o cinema, que tem filmes proibidos para menores de 18. Então pronto. Se alguém fosse pego fazendo, apanhava", elaborava.

Antes de voltar para casa, ainda comi milho colhido e assado na hora e ganhei um saco de amendoins que vi torrar com areia. Mais na frente, caju e castanhas. Massaleiras recheadas chamavam os olhos, mas os frutos ainda estavam verdes. Só amadurecem

quando caem no chão.

###

Glória morreu hoje, às 11h, enquanto Shannon e Andreia rezavam junto à cama. Haviam ido ao hospital cedo para pedir alta ao médico. Não queriam que ela falecesse no hospital. Tarde.

Coco no mato

Não é fácil se chegar à comunidade de Mahubo 10. Duas horas sentado na traseira de um chapa, apertado entre mamas e sacos de arroz. Caminhonete superlotada, tentando não comer a poeira da estrada e segurando-se uns aos outros para evitar a queda. Um chapéu saiu voando, provocando comoção. Ninguém quer ficar sem chapéu debaixo desse sol. Para-se o carro, corre-se atrás. Um papá fica indignado.

"As pessoas precisam ter cuidado com o chapéu. Morre-se muito por causa de chapéu aqui. O chapéu sai voando e a pessoa quer ir buscar. Acaba caindo do chapa."

Um passageiro tentou dialogar com o motorista. "Papá, isto está errado. É gente demais para o seu carro, que não agüenta. Pode causar um acidente, quebrar o carro ou até morrer uma pessoa. O senhor não acha que eu estou certo?"

Sem tirar o sorriso do rosto (nem a lata de cerveja da mão), o cidadão argumenta.

"Patrão, eu já faço esse caminho há dezessete anos..."

"E nunca houve acidentes?"

"Eu não os procuro"

Outra vez tive o privilégio de sentar na frente, junto com um senhor de cabeça branca, com cara de quem tem respostas para todos os enigmas do universo. Falamos pouco. Eu tentando falar em changana, ele em português. Ambos querendo mostrar conhecimentos da língua alheia. Ele, claro, dava-me um banho. Desci e mandei lembranças, seguindo o costume. "Va dzunguli a kaya." Ele respondeu: "O senhor também, até a próxima vez".

Com um grupo de líderes comunitários, foi-me cobrada a promessa do outro dia. As senhoras queriam que eu dançasse - e ensinasse - o samba. Achei de mostrar o coco.

Rapidamente, fiz uma roda e chamei uma mamana com muitos sorrisos e poucos dentes. Começamos a bater palmas no ritmo e eu me embalava com os pés alvoroçados. Uma senhora não se fez de rogada. Em dois segundos estava dançando igual a mim - possivelmente melhor. As palmas não paravam, nem meus pés, nem os gritos das senhoras.

Ouvi o tradicional "lelelelelelelele" das línguas moçambicanas e, como que num sonho, ouvi o "Ra-rá! Ra-rá!" que virou a marca de Dona Selma, de Olinda. Isso da boca de uma das senhoras que me cercavam. Mas como, aqui, do outro lado do mundo, poderia escutar uma coisa destas, tão local? O fato é que em Mahubo 10 - sem energia elétrica, sem televisão e sem transporte - percebi que meu coco não era nenhuma novidade.

Pensei em perguntar, inquirir, pesquisar. Saber o porquê e os porquês. Melhor não acabar com a magia. Terminei de dançar, bati palmas, recebi palmas, coloquei meu chapéu de palha na cabeça e segurei-o com muito cuidado no caminho da volta.

31 de março

É época de amendoim nos campos. Em frente das casas, podemos ver as raízes secando, esperando para serem torradas de acordo com a técnica mais popular. Numa grande panela, misturada com terra, no fogo de carvão.

Brasil em Maputo

Beatriz mora no edifício mais alto do país. Tanto que perdeu o nome. Virou o "prédio de 33 andares." Em toda a cidade, é só perguntar que todo mundo aponta. Fica na rua Vladimir Lenine.

O lindo apartamento tem janela para um visual ainda mais bonito. Porto, baía de Maputo, Catembe, prédios, prédios, catedral, parque, carros, carros.

Mineira, vive na África há cinco anos. Chegou para participar de um projeto em Xikuke, Inhambane. Acabou conhecendo o marido, um engenheiro sul-africano. "Éramos os dois únicos brancos da cidade". Depois de ter vivido aqui e no Quênia, agora se prepara para ir a Angola; ou algum outro país. Sempre atrás do esposo, que constrói estradas. Agora, trabalha no Médicos do Mundo, uma das tantas organizações humanitárias com projetos em Moçambique.

"Você quer ver a Globo?", perguntou, com o controle remoto na mão. "Claro". Não tivemos sorte. Ana Maria Braga sorria no vídeo. Depois de algum tempo, um noticiário com matérias da CNN sobre a guerra.

Ao som de Marina Lima, Beatriz conversava com Cristiane, alemã que tinha chegado para iniciar um projeto na Sofala.

O relógio mandou-me embora. Ainda tinha que pegar o chapa para Boane. Despedi-me e descii de escada os andares que havia subido de elevador, agora quebrado.

Uma tarde na Macaneta

De Marracuene, pega-se uma balsa para atravessar o rio e chegar à ilha meio-marítima-meio-fluvial. De lá, boléia , até praia da Macaneta. A balsa percorre uma distância menor que 200 metros, mas não há ponte. "Acabaria com o negócio do balseiro", explicam.

Aguardando o seu momento, uma fila de 4x4. Muitos turistas, muitos brancos, diplomatas e ongueiros. Enquanto a vez não chega, a turma vai sendo abordada por crianças em busca de um trocado. Muitas oferecem barquinhos feitos de folha de coqueiro. Outros vendem artesanato de palha, couro, madeira ou cerâmica. Muitos não vendem nem oferecem nada. Só pedem. Muitos ganham.

Do outro lado do rio, alguns poucos quilômetros de estrada de barro levam à praia. No caminho, uma missa embaixo de uma árvore e um menino correndo atrás do carro com uma corda cheia de cajus para vender. Minha amiga húngara não sabia que a castanha vinha com essa fruta colada.

A praia é bonita, o mar é limpo, o sol castiga. De um lado, o mar. Do outro, o rio. Sem guarda-sol, a maioria dos turistas se abriga sob as casuarinas que embelezam a paisagem. No maior estilo 'farofada', uma linda(mas pouca) galera local bebe, se mela de areia e aposta corrida. Energia não falta. Brigam com as ondas e jogam futebol e vôlei com a mesma bola. Uma moça tira a capulana e exhibe os seios. Nos campos mais afastados, as mamas também não têm problema em mostrar a parte de cima do corpo.

Na Macaneta, só um restaurante e uma pousada com pequenas cabanas de alvenaria cobertas de palha. Tradição e conforto. Preços para turista. Come-se bem.

Por-do-sol. Mesma estrada de barro. E as crianças não mais vendem cajus. Em filas à beira da estrada, reúnem-se e mostram danças tradicionais. Um menino de menos de dez anos rebojava e sorria com um erotismo que envermelhava minhas bochechas. Naturalmente, acabam levando uns meticais dos brancos mais alucinados.

Mais uma vez, jipes gringos e moçambicanos se enfileiravam à espera da balsa. Em cima, estrelas e uma lua sorridente. Por todos os lados, mosquitos, os verdadeiros donos da casa. No escuro, o 'batelão' mais uma vez socorria os carros. De seis em seis. Agora ficamos mais de uma hora na espera.

Até a hora de atravessar, a turma desce dos carros e confraterniza-se. Quem ainda tem bebida dentro do carro, trata de acabar em goles longos. Os rádios tocavam o que há de mais comercial e quem ainda tinha energia dançava - ou gritava - ou os dois. A turma do artesanato tenta escoar a produção, agora pela metade do preço. Oferta e procura.

7 de abril

O Dia da Mulher Moçambicana é feriado nacional. Ninguém trabalha e Maputo vira uma cidade fantasma. Vendedores tentam tirar vantagem oferecendo flores aos homens. A Frelimo tira vantagem com uma homenagem na Praça dos Heróis Moçambicanos. À noite, o presidente da República, Joaquim Chissano, faz um longo discurso na televisão. Fala de desenvolvimento, de participação e agradece o empenho das moçambicanas que lutaram na guerra da libertação, em especial Josina Machel, primeira esposa de Samora, que morreu em combate antes de ver o país independente.

Uma casa para Dona Lourdes

Dona Lourdes é responsável por uma família de nove pessoas. A mãe, doente, e mais seis crianças e adolescentes. Filhos, sobrinhas, primas... Só um homem, Sérgio, que nasceu com uma deficiência física e não pode trabalhar na roça. Na verdade, só dona Lourdes trabalha, em duas machambas que brigam com o tempo seco do sul de Moçambique.

Dinheiro, normalmente não há. A comida normalmente vem da terra. Nkakana, macaxeira... Arroz é luxo, comprado com algum trocado que vem da venda esporádica de carvão, que ela compra na vila e vende no campo.

A família de dona Lourdes vivia numa pequena casa de matope, junto com os patos de uma pequena criação. Participei de um grupo que juntou dinheiro e, em dois dias, pôs a casa abaixo e trocou-a por uma maior, de caniço, com chão de cimento.

Éramos um grupo que variava de dez a quinze pessoas. Eu e Rodrigo, brasileiros. Os outros, moçambicanos. Entre os africanos, todos já haviam passado pela experiência de se construir uma casa. Para si próprios, para um parente, um amigo. Nada muito especial. Corriqueiro. Enquanto eles discutiam a melhor maneira de concluir a obra, eu e meu amigo apenas obedecíamos às ordens e lamentávamos não ter mais resistência física. Entre nossos amigos, alguns não paravam nunca. Eram máquinas de força, precisão e vigor. "Mulungo não tem força", brincavam alguns, ao observarem nossa dificuldade em realizar algumas das tarefas mais pesadas.

Demarcar a área. Cavar buracos para as estacas usando um ferro pesado. Colocar as estacas de apoio. Medir a altura e serrar as pontas, de modo que um lado fique mais alto

que o outro. Pregiar as 'malakalakas', pedaços mais finos de madeira que servem para prender os caniços. Fixar os barrotes do teto. Pregiar as finas telhas de zinco. Fazer cimento, colocar no chão, dar o acabamento. Dois dias de trabalho.

Pausa, só para o almoço. Soja com arroz, que dona Verônica preparava e eu ia buscar em casa. Uma caminhada de uns 20 minutos. Levava o balde de comida na cabeça, como muitas mulheres desta região carregam baldes d'água e sacos de arroz. Eu segurava o balde com as duas mãos. Elas não precisam do apoio. Caminham eretas. Andam quilômetros e quilômetros sem sentir o peso. Tropeçam numa pedra, num buraco. E não derrubam nada. Aquele saco é como se já fizesse parte do corpo.

Enquanto eu passava, percebia os olhares surpresos das pessoas. "Como pode? Homem, branco, carregando balde na cabeça?" As crianças riam. Houve quem percebesse que eu trazia comida e não perdia a oportunidade de pedir. "É para quem está trabalhando... Quer nos ajudar a construir a casa?" "Ah... aí só com dinheiro", respondiam.

Dona Lourdes estava contente. Chamava a Rodrigo, que organizou a construção, de anjo. "Esse vai direto para o céu. Mulungo é anjo. Os pretos são maus", dizia. Discordávamos e ela ria. "Quero ir para Brasil para ficar assim assim" E dançava. Não percebi o que era 'assim', mas devia ser uma coisa muito boa.

Com a casa quase pronta, percebemos uma inquietação na mamã. Ela levantava, andava, fazia uma cara de desespero. Estava sofrendo. "Dona Lourdes, algum problema? A senhora está incomodada²⁵ ? Não quer descansar um pouco?"

"Ah, aquela lá...", começou a explicar, desabafando, no seu português capenga, que virava changana nas primeiras frases. "Me deve dinheiro. Ao invés de me pagar, fica inventando história, dizendo besteira..." A quantia em questão não passava de 30 mil meticais, o suficiente para comprar um bilhete de cinema em Maputo ou duas cervejas. E esta senhora estava genuinamente nervosa, embora tivesse acabado de ganhar uma casa nova, que custou mais de 3 milhões, fora o trabalho, que foi voluntário.

Chamou-me e mostrou um comprimido enorme. "Eu queria que você leva mais comprimido destes pra mim". "Mamá, eu não entendo nada de remédio. Não sei nem que comprimido é esse." "É pra coisa... Útero. Eu tenho isso de útero de vez em quando" "Ih, não posso conseguir, mamá..." E ela respondeu novamente com um riso.

Junto da casa, com o material que sobrou, construímos uma barraquinha, onde Dona Lourdes pode iniciar um pequeno comércio e criar uma fonte de renda para os que sustenta.

Caminhava de volta para casa com uma enxada no ombro, conversando com Armandinho, um dos jovens que nos ajudou. De repente, sinto uma delicada mão na minha mão. Um pequeno, cuja cabeça batia no meu joelho gritava contente, em Changana. "Aqui tem um branco! E tem outro lá na frente!!!"

No portão de uma casa, um menino me viu passar algumas vezes. Olhava impressionado e gritava "Guma!". Não quero acreditar que se referia ao personagem de Marcos Palmeira em Porto dos Milagres.

Armandinho falou com uma colega e riu. Pedi tradução simultânea. "Ela estava a me perguntar como eu deixo branco carregar enxada" "E você não disse nada?" "Ah, não vale a pena". Também ri, orgulhoso do menino. Ele sabe que branco pode carregar enxada e

que preto pode dar ordem.

No quintal de casa, nossas pequenas vizinhas queriam cantar e dançar. Sempre nos chamam quando querem cantar e dançar. Gostam que a gente veja. Ensaiam coreografias e nos apresentam, ao preço de palmas. Os batentes da porta dos fundos viram arquibancadas e o show começa. Da boca das africanas, sai uma música com sotaque brasileiro e um refrão erótico-filosófico "Baba, baby, baby baba baba baby..."

Nenhuma das artistas tem mais de quinze anos. A mais nova tem dois.

Ao régulo, com carinho

Muitos aprendem os segredos da terra e buscam um diploma do curso médio no Instituto Pedagógico do Umbeluzi, uma escola agrícola. Lá está enterrado um dos régulos da região de Boane. Diz-se que a campa²⁶ do régulo Fiche fica por baixo da laje de um dos prédios da escola. Eu não tinha o direito de ficar surpreso com o evento que se dava. Comemorou-se o dia da escola, e a celebração não ficaria completa sem uma cerimônia tradicional.

À laje onde o antepassado descansa em paz, estavam o diretor da escola, alguns professores, representantes dos alunos e da família do régulo. A cerimônia homenageava o falecido. "Isto é apenas uma coisa simbólica. O régulo morreu em 7 de setembro de 1948, mas sempre o honramos no dia da escola. A família, porém, é livre para vir aqui quando quiser", explicou o professor que me convidou a sentar.

Mulheres estavam sentadas no chão, homens em cadeiras. Crianças separadas, num canto. Algumas senhoras cozinharam galinha, chima e caril de amendoim. Antes de comer, a mais velha de todas conversou com o defunto. Disse-o porque estávamos lá e oficialmente iniciou os trabalhos. Ofereceu um pouco de comida e de bebida tradicional ao falecido, colocando tudo perto da campa. Depois disso, todos se serviram do pequeno banquete instalado em folhas de bananeiras. Cada um chegava, oferecia um pouquinho de comida ao régulo e comia um pouquinho. Para beber, havia cerveja e produtos da Coca-Cola. Natural.

Quando a comida acabou, a mais velha novamente conversou com o seu antepassado. Disse que a cerimônia estava encerrada e prometeu voltar novamente. Assim, levantou-se e começou a cantar e dançar, no que foi acompanhada por quase todos os convidados.

###

O primeiro filme da trilogia do Silêncio dos Inocentes estava passando no cinema. Antony Hopkins, Edward Norton... No Gil Vicente, o cinema mais popular. Ainda há outro grande em Maputo, o Xenon, onde os ingressos custam o dobro e os filmes são mais novos. Uma semana de diferença, mais ou menos.

Entrada, saco enorme de pipoca, refrigerante. Cinema grande, daqueles antigos, com detalhes trabalhados no teto e nas paredes. Nada de ar-condicionado. Poucas pessoas, afinal de contas, era uma quinta-feira à tarde. Alguém precisa trabalhar. Uma moça disse que em filmes de ação a sala lota. "Gosta-se muito de ver porrada".

Antes do filme, propagandas de combate ao HIV e trailer das próximas atrações. Uma delas eu já tinha visto no avião, há cinco meses. A outra minha amiga polonesa já tinha

²⁶ Cova, túmulo

visto no avião, há onze. Filme vai, filme vem e, no meio de uma cena acendem-se as luzes. Intervalo. Como em Portugal, sempre há um intervalo no meio da sessão.

Infelicidade

Dona Maria morreu de cólera. Ela e muitas outras pessoas que estão internadas no Hospital de Boane. Dona Maria era gorda. Enorme. Cheia de carnes e de sorrisos. Nas ruas da vila, uma mãe carregava uma criança nas costas. O pequeno vomitava o caminho inteiro até o hospital. As pessoas já sabem. "Olha lá... Cólera..." Outro doente é levado num carrinho de mão. Tem pouco tempo. Conheci um jovem que escapou com vida, mas continua abatido. No campo, as pessoas são aconselhadas a tratarem a água com um comprimido de hipoclorito de sódio que vem sendo distribuído no hospital. Mas continua-se morrendo muito em Moçambique.

Para a posteridade

No parque de Maputo, noivas por todos os lados. E convidados. E muita gente cantando, dançando, brincando. E muitos comerciantes tentando ganhar um trocado vendendo bebidas, amendoim, laranja, tudo. "Ah, isso é normal... Sextas, sábados... Começa logo cedo. As pessoas casam-se na igreja ou no Palácio dos Casamentos e depois vêm para cá tirar fotos enquanto a festa vai se organizar. Hoje eles começaram a chegar por volta das 9h. Já foram assim uns 50 casais. E continuam a chegar mais. Fica assim até as 17h", explica um dos vários fotógrafos devidamente 'encrachados' que retratavam os recém casados.

Todos contra a cólera

Às margens do Rio Umbeluzi. Eu, Rodrigo, outros amigos moçambicanos. Logo cedo, pelotões de pessoas chegam, trazendo seus bidons e baldes. Pegam a água e, na cabeça ou em carrinhos de mão, levam para a casa. Torneira não há. É do rio que se tira o de beber e o de cozinhar.

Do outro lado da pequena ponte, lava-se roupa e toma-se banho. Homens, mulheres, crianças, mocinhas e mocinhos. Muitos estão nus, escondidos apenas pela espuma do sabão de pedra. Meninas e senhoras entram no rio com suas capulanas amarradas na cintura - mais nada. Não têm vergonha dos seios, como as mães que amamentam no chapa também não. Peito é fonte de alimento para os bebês. Não é muito mais do que isso.

Assim a água que corre no Umbeluzi trás a vida à população. E também trás a morte. No hospital, doentes com cólera se amontoam numa tenda que foi construída do lado de fora. Não podem se misturar com os outros pacientes. Para passar pelo portão, saindo ou entrando, todo mundo agora lava as mãos numa solução hiperconcentrada de hipoclorito de sódio. Precauções para que o surto deste ano não torne-se uma epidemia.

No rio, despejávamos pequenas quantidades do produto nos baldes das mamas. Não fosse isto, provavelmente não haveria nenhum tratamento e a água seria bebida da mesma forma.

Algumas pessoas não faziam a menor idéia do que colocávamos na água. Mas não reclamavam. Nem perguntavam. Viam quando chegávamos com aquele líquido esbranquiçado e já iam abrindo os bidons. Confiavam cegamente em mim e naquela meia dúzia de homens vestidos de branco. Pensei nos Estados Unidos. Alerta amarelo, laranja. Pensei num desconhecido batendo nas portas das casas e dizendo "Vim com esse pozinho branco para colocar na sua água. É um produto químico que vai matar os bichinhos que causam cólera". O sujeito provavelmente seria preso em cinco minutos,

sem que tivesse tempo de falar mais nada.

Não aqui. Irracional, brinquei. "Você sabe o que eu estou a colocar na sua água?" "Não, não" "É um veneno muito forte. Nosso objetivo é matar todas as pessoas de Moçambique. Você entende?" "Sim, sim". "Então, posso meter?" "Sim, sim". Uns riam. Para outros, minha brincadeira não tinha graça, mas não causava raiva ou tristeza.

Conversa no quartel

Os militares da mais alta patente não dizem quantos soldados vivem no quartel do exército de Boane. Sigilo absoluto. Assunto estratégico. Segredo. Confidencial.

Rodrigo e eu chegamos na entrada e apertamos a mão do sentinela como se fôssemos velhos amigos. "Vim falar com o senhor fulano, lá embaixo", disse meu amigo. A frase bastou para que tivéssemos livre acesso dentro da grande propriedade do governo moçambicano. Ninguém precisou nos acompanhar. Ninguém perguntou quem éramos nem o que queríamos. Éramos brancos e simpáticos. Logo, entramos.

Alguns corriam, outros conversavam, vimos algumas dezenas de caminhões estacionados. Nunca os vemos andando.

Demos nossa palestra sobre sexo seguro para um grupo de jovens soldados interessados e curiosos. "As mulheres sempre querem fazer sexo com nós, militares. Pensam que comemos bem e podemos dar a elas uma vida boa. Mas elas não sabem que estamos sem receber salários há três meses. Pelo menos não passamos mal. Viajamos muito e nunca faltam pitas", disse um deles.

No caminho de volta, um alto oficial nos parou. "Estou a pedir a camiseta" "Ora, patrão", expliquei, esse é meu uniforme de trabalho. Se eu der ao senhor, vou ter que pedir o seu uniforme também" "Não tem problema", falou, fazendo de conta que iria desabotoar a camisa.

20 de abril

É Páscoa. Soube porque o secretário geral da Frelimo, Armando Guebuza, mandou um abraço pra todo mundo na televisão. Em Maputo, algumas lojas fecharam à tarde na sexta-feira da Paixão. A Catedral de Maputo estava cheia de gente. No sábado, tudo normal. Um supermercado da cidade tinha ovos de chocolate para vender. A maior parte das crianças de Boane nunca os viram na vida.

Houve uma festa de despedida para Rodrigo, Andreia, Magda e Shannon. Muita cerveja, muita dança. Num bar, foi servido um almoço com frango, salada e batata frita, quase um prato típico. Ao final, quando apenas os mais empolgados restavam, estávamos numa barraca da feira. Entre uma 2M e outra, ovos de galinha cozidos.

Na volta à casa, a companhia de José Manoel. Acordamos o padeiro e compramos pão fiado. As últimas moedas já haviam sido bebidas. Passando por uma antiga escola, Manoel recordou-se dos tempos em que aprendia as primeiras letras. "Eu era um dos mais pobres entre meus colegas. Um dia, não sei como, eu consegui uma manga. Daquelas grandes mesmo. Resolvi dividir com meus colegas. Naquele dia, me senti o mais rico de todos."

Sandra

A doutora Sandra tem 30 anos e é a médica chefe de um hospital perto de Maputo.

Mulata, nascida em Pemba, na província de Cabo Delgado, tem sangue macua e português. Olhinhos puxados e cabelo crespo contrastam com uma pele tão branca quanto a minha. Lindo sorriso, tímido.

Entende a língua nativa de sua terra e também changana, mas não fala nada. "Quando eu estava na escola, aqueles que falavam língua nativa eram castigados. Como na minha casa só falavam português, eu acabei ficando sem aprender. Mas percebo bem", garante. Durante as consultas, não raro recorre à ajuda de uma servente ou faxineira, que acaba servindo de intérprete.

No fim dos anos 80, veio a Maputo. Na época, as escolas de Pemba não iam além da nona classe (equivalente à oitava série). Para se prosseguir com os estudos, as pessoas tinham que escolher entre Nampula, Beira ou Maputo. Eram tempos de guerra civil e as estradas eram sinônimo de violência e morte. "A doutora não ficou com medo?" "Vivemos bem a guerra e sofremos muito. Mas a viagem, sempre fiz de avião."

Chegou, ficou na casa de uma tia. Formou-se, conseguiu emprego e acabou mesmo morando na capital com o marido e o filho - que nasceu de cesariana num dos dois hospitais da cidade que realizam a cirurgia. A médica ainda pensa em voltar para o norte. "Para meu marido, é difícil encontrar emprego por lá, então estamos a ficar. Mas eu gosto muito de Pemba e um dia hei de viver lá. Por enquanto, procuro ir todos os anos para visitar."

24 de abril

O África Bar estava bombando. Moçambicanos, americanos do *Peace Corps* e demais gringos ongueiros enchiam-se de 2M depois de um show de música tradicional no Cine África, que não passa mais filmes. Tocou marrabenta e eu dancei forró com uma amiga carioca. Um argentino tentava se arrumar com uma maputense linda enquanto um italiano dava em cima da minha colega. Gatos pardos, perdidos e encontrados.

Uma das mochilas que descansavam em cima da mesa desaparece. Era de Rodrigo, meu amigo paulista. Saldo do prejuízo: telefone, chapéu, óculos e passaporte. Desespero que nos faz dar voltas no quarteirão em busca das crianças que foram mais espertas que os adultos. Alguns motoristas de táxi dão dicas confusas. Tony, baixista do Timbila Muzimba, nos dá uma força na busca. Conhece muitos dos meninos, mas nada da bolsa, nada do passaporte.

Em nenhum momento pensamos em chamar a polícia. Nunca pensamos que um policial poderia nos ajudar a apanhar o ladrão ou reaver a mochila desaparecida. O documento apanhado na delegacia realiza apenas sua nobre função de instrumento burocrático. Prestar queixa e informar a polícia sobre o que aconteceu é parte do procedimento legal. Ninguém espera que os homens da lei vasculhem a cidade atrás dos criminosos. Eles também sabem disso e, por detrás de suas máquinas de datilografia, fazem seu trabalho.

25 de abril

No Dia de Boane, homenageia-se a primeira família a viver por essas bandas. Desde cedo, autoridades governamentais e tradicionais participam das cerimônias. Deposição de flores na praça, discursos, atividades culturais. No campo de futebol, foi improvisada uma pequena arena. Um retângulo de corda isolava as autoridades sentadas em cadeiras, de onde assistiam com conforto as apresentações de grupos culturais locais. Meninos de Mahubo trouxeram o chigubo. Saltos, chutes, batuques fortes. Gritos de guerra. Outros apresentaram peças de teatro e outras danças tradicionais.

O povo, do lado de fora do cordão de isolamento, se engalinhava pra tentar acompanhar alguma coisa. A acústica também não ajudava. Mas a turma parecia feliz, mesmo com um 'autoridade' que dava tabicadas nas crianças que insistiam em chegar perto demais. Quem não se interessava pelas apresentações, visitava as barracas de pequenos agricultores e pecuaristas. A diversão continuava com carrinhos de bate-bate e um outro brinquedo de parque de diversões (um que cadeiras de balanço rodam ao redor de uma haste fixa). Como é que se chama? Chapéu mexicano??

A programação oficial acabou no início da tarde e a verdadeira festa começou. As barracas da vila encheram-se de pessoas que, por sua vez, encheram-se de bebida. Os que não tinham dinheiro para beber ou dirigir os carrinhos vestiam-se com roupa de domingo e iam dançar aproveitando que para se ouvir música não se paga nada.

No meio da noite, Andreia acordou gritando de dores. Cólica. Fomos juntos, caminhando, até o Hospital de Boane. O enfermeiro de plantão atendeu e mandou-nos de volta. A farmácia fica fechada de noite e ele não tem nenhum remédio forte para a dor. Só no outro dia de manhã.

Totonto

Na casa de dona Lourdes, feijão verde cozinhado no carvão. Come-se com vagem e tudo, enquanto a conversa flui gostosa. Ela reclama da inveja dos vizinhos e do olho grande dos fiscais da administração distrital, que agora querem dinheiro. Viram a casa nova e acreditam que ela melhorou de vida, então precisa pagar por isso.

Eu queria mesmo era experimentar o totonto, uma aguardente tradicional vendida pelo vizinho. A bebida pode ser feita com frutas ou mesmo com açúcar e farelo de milho. A mãe de dona Lourdes não fala bem o português. Perguntou se existia totonto no Brasil. "Sim... Uma coisa parecida... Chamamos cachaça".

A velhinha riu. Imediatamente começou a cantar "Se você pensa que cachaça é água/ cachaça não é água não..." Cantou a marcha inteira, sem errar nenhuma palavra da letra.

"Ora vovó? Onde aprendeu essa música?" Ela não sabia explicar. Dona Lourdes tentou socorrer. "O pai dela era monhé "... A vovó não sabe como aprendeu a música de carnaval tão brasileira. Mas canta inteira. Os sons ficaram na memória escondidos entre várias histórias de uma vida mais longa do que a expectativa.

Andei até o vizinho e acompanhei o fabrico da bebida artesanal. Um alambique improvisado funcionava o tempo inteiro e as gotas fedorentas entravam numa garrafa de um litro de Coca-Cola. Comprei 600 ml do goró pelo preço de um pacote de biscoito. Experimentei na hora. Gosto de pinga mesmo. Da ruim. Desce queimando e deixa bafo. Totonto não é água.

####

O vinho Vida é vendido em caixinhas em forma de pirâmide. Tem um gosto terrível e foi usado para temperar nosso molho de tomate.

28 de abril

Meus vizinhos tentavam explicar a diferença entre a medicina tradicional (dos curandeiros) e a ocidental (dos hospitais). Diziam que a principal diferença acontecia na obtenção do conhecimento. Enquanto os médicos ocidentais precisam freqüentar a universidade, os tradicionais já nascem com o dom e apenas passam por um rápido treinamento com os

mais velhos.

"Precisam aprender a bater os tambores, essas coisas. O conhecimento todo já está lá. Vem tudo dos espíritos", garante Raul. Dudu lembrou de casos diferentes. "Há curandeiros que entram no mar e ficam lá embaixo por dois, três anos. Ficam lá dentro sem sair. Comem algas e respiram debaixo d'água. Depois que saem, já têm todos os instrumentos de trabalho. Saem com as ervas que precisam, os tambores, as capulanas, tudo".

###

Em casa, mudanças. Rodrigo, Andreia, Shannon e Magda partem. Liz, dos Estados Unidos, chega. Já na primeira semana, Dona Verônica achou estranho ver a calcinha da novata entre as roupas a lavar. Perguntou a Andreia, cheia de dedos "Essa que chegou tem um ritual diferente? Ela não sabe que uma mulher não pode lavar as calcinhas de outra?"

De acordo com a tradição do sul de Moçambique, apenas a mulher que usou pode lavar a própria calcinha. A roupa íntima é muitas vezes utilizada em cerimônias ou mesmo para fazer 'remédio' para o homem que desrespeitou um luto ou fez sexo com uma mulher que recentemente realizou o aborto. Acredita-se que as 'sujeiras' que ficam após o uso podem ser maléficas àquela que lava, quando esta não é a própria dona da dita cuja.

1 de maio

Dia do trabalho. De dentro do chapa, muitas pessoas envergavam camisetas com o logotipo das empresas em que trabalhavam. Hordas de trabalhadores quase fardados dirigiam-se ao centro de Maputo. Alguns vinham em grupos, na carroceria de caminhões, felizes. Tinham emprego e iriam celebrar.

Mas nós vamos à praia.

No caminho, pegamos carona com um bôer, um dos tantos que ganham dinheiro em Moçambique. Este, um dos empreiteiros que toca as obras de ampliação da Mozal, empresa gigantesca de capital multinacional que funde alumínio.

A nove meses morando aqui, nosso amigo do 4x4 ainda não fala uma palavra em português.

"A maioria dos membros da diretoria da Mozal falam inglês como primeira língua. Os que falam português, aos poucos estão começando a falar inglês. Isso está certo. Eu mesmo acho muita falta de educação as pessoas falarem uma língua que os outros não entendem", explicou.

Ao que parece, entre os funcionários dos mais baixos escalões, a coisa parece um pouco mais democrática. "Como há sul-africanos e moçambicanos trabalhando juntos, eles falam uma mistura de português, chanana, zulu e inglês. Na verdade, não sei. Só sei que eles se entendem", falou o africâner enquanto reclamava dos cerca de quatro dólares que precisava pagar para estacionar o jipão importado.

Três horas e meia depois de termos deixado Boane, finalmente pisávamos na areia. Dia de sol, de calma, de almoço no único e caríssimo restaurante da praia. Caril de caranguejo servido por Armindo, garçom que só tinha me visto uma vez na vida e me chamou pelo nome.

"E aí, Ivan? Fica aqui nessa mesa que tem a vista mais bonita." Armindo fala mal o

português e anda como se os sapatos o incomodassem. Dá a impressão que vai tropeçar cada vez que passa com a bandeja de um lado para o outro. E sorri.

Bernardino e a luz

Há uma semana já não tínhamos energia elétrica na sala. Diariamente, passava em frente à casa da companhia de eletricidade e pedia ao técnico Bernardino que fosse resolver meu problema. E ele sempre dizia que ia. E nunca ia. Hoje veio.

Entrou com mais dois homens e começou a mexer em tudo. Cada um com uma chave de fenda, iam metendo a ferramenta em todos os cantos que encontravam, conversando o tempo inteiro como se estivessem querendo descobrir como é que as coisas funcionavam.

Subiam nas cadeiras e andavam rápido de um lado para o outro. Arrastavam os móveis, descobriam tomadas, abriam. Um desligava a corrente, outro pegava nos fios com medo. Às vezes levavam pequenos choques e riam.

Conseguiram resolver o problema. Mais ou menos. Uma tomada e uma lâmpada morreram de vez. Televisão ligada, buracos fechados com fita adesiva, despediram-se. Perguntei quanto devia e o baixinho Bernardino já respondeu rindo.

"Paga 200 contos"

"Ah, isso é caro..."

"Então paga 150"

"Ih, seu Bernardino... isso é caro..."

"Então quanto quer pagar?"

"Cem, no máximo"

"Então dá lá"

Os eletricitistas ainda pediram água gelada antes de sair. Como não temos geladeira, ofereci natural. Recusaram rindo e despediram-se. Sexta-feira, o sol já baixava. É o "dia dos homens" e o trio já preparava-se para uma prolongada happy hour.

Festa de aniversário

Flávio ia fazer aniversário. Como moro longe, peguei o último chapa de Boane na companhia de Victor e cheguei cedo, por volta das 20h à Matola, onde vive o dono da festa.

"Ainda é a mesa da minha sobrinha, que completa anos no mesmo dia. Mas não tem problema. Pode ficar à vontade."

Instalei-me no quintal, entre duas mangueiras. Dentro da casa, de alvenaria, podia-se ver o movimento das mulheres que trabalhavam, preparando comida. Enquanto esperava a farra de 'gente grande', fiquei assistindo à festa dos pequenos. Mais de vinte dançavam o kuduro, ritmo dançante tradicional de Angola, sucesso em Moçambique.

Nada de brigadeiro, coxinha, palhaço, refrigerante. Também não havia adultos na festa. Apenas uma jovem que, por algum motivo, não deixava os meninos chegarem muito perto do som. Duas caixas estouradas eram comandadas por um DJ que tocava tudo o que toca no rádio. Crianças minúsculas dançavam e dançavam e dançavam e dançavam. Como se não tivessem ossos. E riam e riam e riam e riam.

Aos poucos, os demais convidados de Flávio foram chegando. Chegavam, pediam licença e sentavam. Ou ficavam em pé. Conversando. Enquanto a festa não começasse

oficialmente, nada de bebida ou comida para ninguém.

Um outro amigo, José Eduardo, chegou perto das 22h. "Acho que a festa não vai começar tão cedo. Vamos tomar uma cerveja", chamou. Caminhando, fomos a uma barraca. Duas cervejas depois, voltamos. A festa estava prestes a começar.

O pessoal reuniu-se em volta de uma mesa instalada no meio do quintal. A uma ordem, a turma pegou os pratos e avançou na comida. Arroz, feijão e chima. Em poucos minutos, tudo o que tinha na mesa desapareceu para dar lugar a uma grande garrafa de água gelada para quem quisesse matar a sede.

De barriga cheia, os convidados dispersaram-se novamente. A música, baixinha, não empolgava. Já passava da uma da manhã quando o grupo alinhou-se novamente. "Vai começar a segunda mesa", avisaram. Desta vez, havia alguns pratos feitos com frango assado, batata e salada. Algumas cervejas, alguns refrigerantes, uma garrafa de gin e uma jarra de vinho, daqueles que vêm numa caixa. Na cabeceira, um bolo sem velas.

Ao invés da ordem de atacar, como na primeira vez, agora houve todo um ritual. Um parente, responsável pelo protocolo, começou.

"Estamos aqui para comemorar os 25 anos do nascimento do Flávio Zacarias, blá blá blá". Depois foi a vez de a mãe falar. Em changana, a velha agradeceu a Deus pelo aniversário do filho e depois cantou umas duas músicas religiosas, no que foi acompanhada por todos. O 'secretário' voltou a tomar a palavra, convidando os demais presentes a dizerem alguma coisa. Vários discursaram, sempre formalmente, sempre elogiando o dono da festa e desejando-lhe muitos anos de vida.

Mesmo contra a vontade de alguns, manifestadamente entediados, o ritual continuou. Agora era a vez de o aniversariante falar. E foi o mais formal de todos. "Agradeço por terem facultado a presença nesta data..." Findo o discurso, o encarregado do protocolo informou que era a hora de cumprimentar Flávio, que havia trocado de roupa e agora usava mangas compridas e uma gravata. De um por um, todos fomos abraçar o dono da festa e dar-lhe os parabéns. Só lembrando: já eram quase duas da manhã. Uns davam também presentes, outros dinheiro. O bolo, a comida e a bebida permaneciam intactos.

Finalmente era chegada a hora de cortar o bolo. Um dos parentes lançou o desafio. Colocou dois contos na mesa e falou. "Esse bolo não se corta." Outro colocou cinco. "Corta sim". Outro tirou dez do bolso. "Não corta." Como ninguém dispôs-se a aumentar a oferta, fez-se um clima esquisito ao redor da mesa.

"Se ninguém colocar mais dinheiro, não pode cortar o bolo!", brincavam uns parentes. "Ih, não podem fazer isso", comentava um rapaz do meu lado. Meio irritado, Victor pôs 50 na mesa. "Será que dá pra cortar esse bolo agora?" Todos riram, o bolo foi cortado e a comida liberada.

Depois me explicaram que esse tipo de brincadeira era comum em algumas ocasiões, quando todos precisam colaborar com a festa ou quando falta alguma coisa que precisa ser comprada. Victor não se conformava: "A abertura do bolo significa o primeiro choro da criança. O alívio da mãe com sua sorte. Prenda é prenda. Eles não poderiam ter feito aquilo", reclamava.

A partir daí a festa realmente começou. As pessoas tomaram o quintal e animavam-se principalmente com a passada, um ritmo comum a muitos países africanos que dança-se como um xote mais lento e de passos curtos. Também tocou kuduro, R&B gringo e música lenta, que aqui se chama 'slow', como em inglês.

À medida em que as garrafas iam-se esvaziando, o pessoal ia se enturmado mais, dançando mais, brincando mais. Nada de muito diferente se comparado a tantas festas em tantos outros lugares. Uns casais se formando, uns exagerando na bebida, outros simplesmente dançando até a camisa colar no corpo. Com a chegada do inverno, faz muito frio à noite. Cair na gandaia é uma boa maneira de manter-se aquecido.

Aos primeiros raios do sol, fomos embora. Antes, porém, um rapaz de terno me chamou.

"Eu sou o primo mais velho de Flávio. Muito prazer. Gostaste de alguma das minhas sobrinhas? Se quiser, pode escolher uma delas para levar. Acho que você seria um bom cunhado."

Agradei a deferência, mas driblei a oferta com alguma desculpa esfarrapada. Outro, mais jovem, deu-me um abraço forte.

"Vou te chamar para outra festa. Gostas de porco? Tenho um grande. Quero que tu mesmo mates. E pode trazer muito Jeito (preservativo), porque também não vão faltar pitas."

#####

À noite, brincando com o controle remoto entre os três canais que pegam aqui em casa, vi um pedaço da partida de basquete entre Moçambique e Angola. Estádio cheio, em Maputo. Na tela, nada de placar ou tempo de jogo. Pela emoção da torcida a cada cesta, imaginei que estivesse perto do final. Ataque a ataque, a turma que lotou a arquibancada ia ao delírio. Cinco minutos depois, o juiz apita. Havia terminado o primeiro tempo e Moçambique ganhava por 3 pontos de diferença. "Vamos fazer história", vibrava o repórter.

No final, porém, Angola acabou vencendo.

5 de maio

O "Tata Mamá" (adeus, mamãe) é uma lenda urbana que assusta a garotada de Moçambique. Dizem que é um grupo de pessoas que especializa-se em seqüestrar crianças para poder matá-las e vender os órgãos, como partes genitais e cabeça.

"Mas pra quê fazem isso, Raul?"

"Ih, não sei... Ganham muito dinheiro, por isso não vão presos. Falava-se que essas coisas serviam para fazer comprimidos, parece. Depois a coisa era que tiravam coração, essas coisas, pra colocar nas que têm problemas"

#####

Faz muito frio. Sair da cama é um desafio. Embaixo de um céu nublado, o pessoal que em outros dias reza por uma sombra seguia procurando as pequenas brechas de sol. Tiraram do armário a camisa de lã ou não arriscaram sair de casa.

Negócio

Avenida Samora Machel, Maputo. Um homem de terno. Bem apessoado. Saco plástico debaixo do braço. Aproxima-se. Tira do saco um chifre branco.

"O amigo não quer comprar marfim?"

"Não amigo..."

Não sei se meu sotaque estava no "não" ou no "amigo".

"Ora, o amigo brasileiro pode vender por muito dinheiro quando voltar para Brasil. Não quer marfim? Faço bom preço".

"Não, amigo, obrigado. Não acho certo matar o elefante só pra vender a presa dele".

"O amigo tem certeza que não quer? Faço bom preço"

"Não, não. Tenho certeza. Muito obrigado". "

"Vai perder..."

###

Muitos homens deixam crescer a unha do dedo mindinho numa das mãos. Outros, no mesmo estilo, cultivam até mais de uma unha, em mais de uma das mãos. Ninguém diz abertamente, mas desconfio que agarra extra ajude na hora de tirar cera do ouvido, catota do nariz ou mesmo na hora de coçar o saco. Mas precisa-se cuidado para não rasgar.

Partidos em campanha

Embaixo de uma árvore, na comunidade de Sete de Setembro, o conselho de moradores se reunia. Representantes da autoridade local e moradores mais antigos explicavam seus problemas para uma comissão enviada pela Frelimo, o partido que comanda o governo. Os visitantes e alguns homens tinham cadeiras. Mulheres ajeitavam-se no chão ou em cima de banquinhos improvisados com galhos.

Após ouvir tudo o que os camponeses tinham para dizer (falta água, falta transporte, falta escola, falta hospital), o engravatado político pôs-se a falar. Prometeu o que podia e o que não podia, deixando claro o recado. Se as pessoas dali quisessem o apoio dos que estão no poder, precisavam ter certeza de que a Frelimo continuaria no comando.

Surgiram do carro dos visitantes cartazes com fotos do então presidente Joaquim Chissano e do secretário geral do partido, Armando Guebuza. Deste último, repetiram o nome várias vezes. "Gue - bu - za". Guebuza é o candidato da situação para as próximas eleições presidenciais, marcadas para o próximo ano.

Vendo que um jovem estava com o boné de uma ONG, o militante apropriou-se de todos os que hoje oferecem ajuda humanitária ao país. "Estão a ver essas organizações todas? São chamadas organizações não governamentais. Estão aqui a nos ajudar. Mas estão todas sob o nosso comando. Estão aqui por nossa causa, por causa do nosso governo. O governo da Frelimo. Eles podem até ajudar, mas ajudam porque nós queremos, porque nós é quem estamos no poder".

Nas entrelinhas: se a oposição ganhar, acaba-se tudo.

Sabe-se fazer política em Moçambique.

8 de maio

De manhã, quando acordo, por volta das 6h, faz muito frio. Entre 15 e 20 graus. Ponho meu casaco e saio para a rua. Às 10h, faz muito calor. Tiro meu casaco e passo em casa correndo para deixá-lo em cima de uma cadeira. Volto para a rua. Às 18h, estou no meu caminho de volta e já me arrependo de não mais ter o casaco por perto.

Peregrinação a Namaacha

Sentado do lado de fora de uma residência de freiras católicas, vi o sol nascer. Enrolado num cobertor, tentando driblar o frio e a dor. As pernas e as costas queimavam. A cabeça não funcionava direito e mal reconhecia os colegas de sofrimento.

Na vila da Namaacha, fronteira com a Suazilândia, foi dia de peregrinação.

Treze de maio é o dia de Nossa Senhora de Fátima. Seguindo a tradição, milhares de católicos do sul de Moçambique encaminham-se a Namaacha para celebrar a data na igreja que leva o nome da santa. Como não é feriado, o evento este ano foi antecipado para que caísse no fim de semana.

Muitos chegam de carro, outros de ônibus organizados pelas diversas paróquias. Mas quem está mesmo interessado em pagar os pecados vai a pé. De Maputo a Namaacha, 75 quilômetros. De Boane, quase a metade. E foi lá que me juntei a um grupo de amigos decididos a encarar o desafio. Mandinho, Dudu e Antoninho são estudantes e fazem parte de um grupo de teatro amador. Liz é americana e divide a casa comigo. Nenhum é católico.

Encontramo-nos na igreja e rezamos um Pai Nosso antes de sair, às 17h30. Nas mochilas, alguns pães, laranjas, agasalhos, um cobertor, câmara fotográfica e água. Partimos cheios de energia. Quando não estávamos cantando, ouvíamos causos de Mandinho ou ensinamentos de Dudu sobre a história de Moçambique. Quando não estão falando em changana, os meninos forçam um impagável sotaque brasileiro.

Boas histórias.

Dudu estudou até a décima classe em várias escolas. “Eu era muito indisciplinado e minha mãe sempre decidia me mudar de ambiente.” Agora quer terminar os estudos, mas há problemas. Em Boane, não existem escolas com turmas dos últimos dois anos do ensino médio. Em outros distritos, a dificuldade é outra. “Tem escolas que cobram até 2,5 milhões pela vaga. Isso sem falar do custo de ir e voltar todos os dias”.

“Isso tudo pela matrícula?”. “Não, não. Isso é pela vaga. A matrícula é só 100 mil. Esse dinheiro vai para aqueles que controlam a escola. Se eu tivesse um padrinho, se fosse conhecido de alguém, não pagaria nada. Agora, como não tenho, preciso pagar isso tudo. E se chegar alguém pagando mais, eu perderia a vaga da mesma forma”.

Antoninho já passou seis meses na África do Sul, na casa de uns familiares. Como não tinha visto nem passaporte, foi pelo mato. Passou por uma falha na fronteira junto com alguns amigos e assim pôde conhecer o país vizinho. “É um buraco na cerca que muita gente conhece. Para voltar não tem problema. Eles não pedem para ver documento nenhum”.

Mandinho tem parentes na Suazilândia. Fala um pouco da língua local, o siswati, que aprendeu com os que, vez em quando, passam tempos em sua casa de Boane. Mas nunca foi àquele país. Também, em quase vinte anos de vida, nunca tinha ido a Namaacha. Estava empolgado, querendo conhecer a fronteira e as famosas cascatas.

E o tempo passava nas conversas desinteressadas dos meninos.

Logo, a noite caiu, deixando em nossa companhia a lua crescente e as estrelas. Várias cadentes. Via-se pouco mais que o caminho. Árvores, raras casas e raríssimos postes de eletricidade, todos em contra-luz. "Pelo formato das folhas, esta só pode ser uma acácia amarela", Dudu tentava adivinhar olhando para a planta à esquerda. Cor mesmo, não se via.

Um cheiro gostoso de eucaliptos nos acompanhou durante um bom tempo e sentimos fome quando passamos por uma machamba de repolho. O primeiro - e único - lanche da noite foi batata doce cozida, que Antoninho trazia na bolsa.

Ouvíamos apenas nossos passos no asfalto e o canto dos insetos no mato. Quando cruzamos um fio de alta tensão, o silêncio era tão grande que, estáticos, pudemos ouvir a estática.

Namaacha fica numa cadeia de montanhas. Assim, boa parte do caminho era de subidas. Quanto mais se subia, mais descia a temperatura. A caminhada e o frio machucavam nossos corpos destreinados e a animação já não era a mesma depois que a lua foi embora ainda antes da meia-noite. Cada luz vista à distância trazia uma esperança. "É lá! Chegamos!" E nada. Um baixinho que encontramos na estrada fazia o percurso pela terceira vez tentava motivar os neófitos. "Esta é a penúltima subida". Nunca era.

Várias vezes pensei em desistir. Despedir-me e subir num dos carros que, de quando em quando, passavam coletando as vítimas do cansaço e oferecendo água aos insistentes.

Meus colegas me perguntavam as horas o tempo inteiro, o que também não ajudava. Mas a gente seguia.

Joana, uma menina que vinha caminhando desde a Matola, tentava completar o percurso pelo terceiro ano. Não foi desta vez que conseguiu. Despediu-se mancando e com o pé ferido.

Liz parecia que ela iria desmaiar a qualquer momento. Mas Mandinho, Antoninho e Dudu fizeram de tudo para ajudar a menina. Durante a semana, ela reclamou do assédio dos moçambicanos. Disse que se sentia incomodada com os olhares, com os gestos, com as atitudes dos homens. Branca e gringa, realmente atrai muito a atenção da turma daqui. Hoje ela viu um outro lado da atitude dos homens em relação às meninas. O lado 'protetor' que faz com que, em certas culturas, até as mulheres sejam machistas.

Às 3h, enfrentamos a pior subida de todas. A última, que afinal chegara. Dois postes acesos nos deram a certeza da chegada ao destino. Um grupo de jovens descansando no chão nos saudou. "Bem-vindos! Vocês são de que paróquia?" Não perdemos a pose. Mandinho inventou o nome de uma igreja e seguimos em frente.

Tínhamos ouvido falar de uma casa onde freiras recebiam os peregrinos. Mais uma hora de chão até encontrar os portões fechados e um grupo dormindo encostado no muro. Haviam vindo de Maputo e chegaram à meia-noite. Ficamos ali mesmo. Eu, com a cabeça no portão. Olhei para o relógio. 4h10. Era o fim de quase onze horas de martírio.

Quatro analgésicos mais tarde, eu ia conseguindo cochilar quando fui acordado por um funcionário da casa que queria sair. Tentei novamente ao mesmo tempo em que os outros despertaram e começaram a brincar, falando alto e fazendo barulho.

Uma freira velhinha veio até nós. Pediu silêncio e paciência. Pequena, andava com dificuldade, com a ajuda de uma bengala.

Às 6h, a irmã nos convidou para entrar. Ofereceu uma sala com esteiras onde pudemos fugir do frio. Água quente para aliviar os pés. Baldes para tomar banho. Pão com chá.

#####

Na vila, a movimentação começou cedo. Carros chegavam e os ocupantes se instalavam

como podiam. Os que tinham barracas de camping, montaram. Outros improvisaram com lonas e pedaços de paus. Outros, nem isso. Quando não conseguiam alojamento em algum lugar, iam se organizando pelo chão ou nos ônibus que os trouxeram.

A vila da Namaacha é um pouco maior do que Boane. A maioria das casas perto da rua são de alvenaria, muitas construídas no período colonial - assim como a igreja de Nossa Senhora de Fátima, que este ano faz o 70º aniversário.

O comércio e o contrabando vindo da Suazilândia²⁷ são importantes fontes de renda para a população. Fala-se que, principalmente às quartas e aos sábados, a polícia faz vista grossa para as mulheres que cruzam a fronteira cheias de mercadorias compradas por preços mais baixos no país vizinho. A “muamba” consiste principalmente de gêneros alimentícios. Ovos, óleo e tomate. Muitas mulheres ocupam-se da tarefa de ir buscar as mercadorias. Há quem diga que várias prestam favores sexuais aos agentes da fronteira em troca de leniência na fiscalização.

Era dia de festa e ninguém queria saber de problema. Num posto de saúde improvisado, enfermeiros com crachás da Cruz Vermelha davam massagens nos peregrinos. Não só. “Há pessoas que já chegam pedindo comprimidos, mesmo sem ter doença nenhuma”.

O altar estava montado do lado de fora da igreja e antes do pôr-do-sol celebrou-se a Via Sacra. Quem não rezava, comia. Muitos prestigiavam o comércio informal. Frango assado, bebidas, ovos, pães, biscoito, sucos. A comida era vendida em barracas montadas especialmente para o evento. Uns trouxeram de casa e montaram o piquenique ali mesmo, no gramado.

As orações não terminaram a noite inteira. Via Sacra, missa, procissão, adoração. Até o amanhecer. Milhares de pessoas participavam dos eventos religiosos. Acendendo velas, cantando, orando. A liturgia e os sermões eram sempre falados em duas línguas. Se primeiro viesse o português, a tradução era em changana. Começando-se em changana, terminava-se em português. As canções também revezavam-se entre a língua nativa e a oficial, do colonizador.

Não muito longe, a celebração não tinha nada de santa. Acreditando piamente na liturgia da bebida, a turma fazia a farra. O lado profano da festa começou junto com a missa. Um pouco afastada da igreja, a “malta dos copos”, dançava e paquerava. Não raro, também brigava.

Um conhecido que encontrei me ofereceu uma cama para dormir. Havia chegado à tardinha, interessado na gandaia. Veio de Boane num chapa que acabou parando no meio do caminho para ajudar pessoas feridas numa batida entre dois carros. Há muitos acidentes na sinuosa estrada da Namaacha. A antiga administradora do distrito morreu num desses, ano passado. Poucos meses atrás, foi a vez de uma nadadora famosa em Moçambique. Tentei ponderar. “Acho que é porque existem muitas curvas e as pessoas andam muito rápido, não é?”. O amigo não concordava. “Hmmm, não sei. A verdade é que nós, pretos, africanos, temos muito problema de inveja, macumbaria, essas coisas. Não podemos ver ninguém subir na vida e já fazemos feitiço”.

De manhã, o altar iniciava uma outra missa campal. Antes que todo mundo tivesse a mesma idéia, metemo-nos em cima de um chapa cheio de bêbados e voltamos para a casa.

²⁷ Chamado de “mukero”

Com a luz do dia, dava para ver o cenário que perdemos durante a noite. Montanhas e eucaliptos misturavam-se com sacos de carvão à venda para se cozinhar a matapa do dia-a-dia. "Descansamos aqui!", falava um. "Aquele menina desistiu aqui", dizia outro.

14 de maio

As orelhas de alguns homens mais velhos é furada. Não usam brinco nem outro acessório, mas desfilam furos um pouco mais largos, feitos com faca. Antigo costume dos machanganas. Furavam e colocavam dentro um pedaço de madeira com algumas ervas tradicionais, para cicatrizar. Em duas semanas, estava pronto o serviço. "Quem o senhor ver com este furo, pode saber que é um machangana. Mas isso é coisa da altura. Os jovens já não fazem isso", explicou um mais velho.

Jantar mulungo

O bar e restaurante Mundo's fica na zona do Museu, bairro da Polana, em Maputo. Música gringa, dois loiros de olhos azuis disputam uma partida de sinuca. Um letreiro que passa em inglês dá as boas vindas e faz propaganda de um curso de línguas. Diz que aqui serão mostrados todos os jogos da copa do mundo de críquete. O cardápio que o garçom negro joga sobre nossa mesa branca também não tem nada em português. Tudo em inglês, idioma que nosso garçom carrancudo também não domina.

Para comemorar o aniversário de Liz, resolvemos jantar no restaurante da moda. Menu internacional. Massas, frutos do mar, costeletas, saladas, carne cozinhada à tailandesa, peixe ao coco. Não há guaraná no cardápio, mas vende-se. Importado, Antártica. Custa três vezes mais que a Coca-Cola. Sobremesa? Sorvete e *cheese cake*. Uns terminaram no capuccino ou no latte.

Uma mesa de adolescentes parecia as nações unidas. Meninada de várias cores, formas e penteados dividia pizza e enchia a cara de refrigerante. Cheirosos, bem vestidos e saudáveis, falavam em inglês e riam alto. "Filhos de diplomatas", palpitou a brasileira Bianca, do meu lado. Talvez. Fui ao banheiro e perdi o barraco, mas Bianca, novamente, passou a notícia. Duas mocinhas da mesa internacional trocaram insultos. Depois tapas. Foram separadas pelos amigos. Choravam. Uma de cada lado. Naturalmente, as duas estavam certas e incompreendidas. Não sei se alguma delas tinha armas de destruição em massa, mas sei que a mesa alegre ficou triste. Não mais havia paz no Mundo's...

Junto ao carro, dois homens adultos discutiam, em mal inglês, para decidir quem ficaria com as moedas que minha amiga loira tinha na mão. Afinal, estavam guardando o carro e mereciam o pagamento pelo trabalho.

Édson

Édson é filho de Nampula com Zambézia. Percursionista e artista plástico. Cabelo rastafari e roupas africanas. Pegou o carro emprestado e veio me buscar em Boane para ver Toni tocar baixo num bar na beira mar da Costa do Sol, em Maputo.

No quarto onde mora, nos fundos da casa dos pais, a cama e um armário lutam por espaço com pinturas coloridas que contam histórias de Moçambique. De uma gaveta, tirou uma fita cassete que dizia 'músicas do Brasil'. Já ia esperando para ouvir um samba ou um pagode romântico quando Alceu Valença começou a gemer 'Diana me deu um talismã...'. Depois disso teve maracatu, caboclinhos, coco de roda, ciranda... Música pernambucana que muito pernambucano não conhece. "Quem me deu foi uma alemã amiga minha, que estava de passagem por Moçambique", explicou. Maputo é uma cidade cosmopolita.

#####

No bar Jaimito's havia pouca gente. Amigos e amigas dos músicos. Toni já tinha enchido a cara de Laurentina Preta e se preparava para subir ao palco com os companheiros. Iam tocar afro jazz. Saxofone, baixo, guitarra, bateria e batoque. Muito batoque. Dança-se. Elementos de música latina. Batoque. Muito batoque. Matchume, percussionista que voltava de três meses na Europa, deu canja. Batoque. Muito batoque. Duas horas de apresentação. Muita música. Nenhuma letra.

Apresentação encerrada, entrou o som ambiente do bar. Robbie Williams mandava uma balada dor-de-cotovelo. Era hora de ir.

19 de maio

Dona Mamá viaja a cada dois dias. Acorda, sai da comunidade de Mahanhane, perto de Goba (fronteira com a Suazilândia) e troca de chapa em Boane para chegar até a capital um punhado de horas depois. Compra laranjas e tangerinas que enchem um saco e uma cesta enormes. Volta. Em Boane, sai do chapa onde vem sentada e luta por lugar num outro, bem menor, que às vezes demora mais de uma hora para poder sair. O cobrador só deixa o motorista arrancar quando não houver mais lugar. "A gasolina é cara e não podemos ter prejuízo". Dona Mamá chega em casa depois de o sol ir embora. Vende as frutas num dia e, no outro, faz o percurso inteiro novamente.

####

Os mercados Mohamed, em Maputo, vendem produtos brasileiros. Biscoitos recheados, pipoca para microondas Yoki, Mate Leão e mistura para pão de queijo. Sugeri trazer guaraná. A senhora de sari que estava atrás da caixa registradora falou que eu não tinha sido o primeiro.

####

Hora do almoço. Na avenida Ho Chi Min, em Maputo, uma multidão lotava as calçadas. Todos olhavam para alguns carros da polícia estacionados na frente de um prédio de apartamentos. "O senhor sabe o que está acontecendo?", curioso, perguntei ao primeiro curioso que encontrei. "Não, não sei. Não faço idéia", respondeu o fulano, sem tirar os olhos dos policiais que discutiam em frente à porta principal. Um ambulante talvez pudesse me ajudar. "Senhor, o que será que está acontecendo aí? Porque há tantas pessoas aqui?" "Ih, não sei. Cheguei agora. Não sei de nada..."

O terceiro senhor acabou esclarecendo minhas dúvidas. "É um assalto. Entraram num apartamento, amarraram a empregada e iam roubando tudo. A polícia foi avisada e conseguiu pegar um dos bandidos. Sendo que dizem que ainda há mais dois ou três dentro do prédio. E este prédio não tem outra saída. Há perigo de os assaltantes estarem armados. Mas pelo menos a empregada já foi libertada. A dona do apartamento é aquela de vermelho. O altão que fala muito eu não sei quem é, mas deve ser morador do prédio também. Está reclamando maningue²⁸ ."

20 de maio

No quintal de casa, as meninas estão mais uma vez jogando "cheia". Uma de cada lado, passam entre si uma pequena bola de pano. Outra garota, no meio, tenta encher de areia

e esvaziar duas garrafas de refrigerante. Se for acertada com a bola, é eliminada e dá a vez à próxima jogadora. Se conseguir encher e esvaziar as garrafas duas vezes, é vencedora.

Comendo areia

"Mamá, o que é isso? Amendoim?" Os cones de papel enroladinhos faziam lembrar o amendoim torrado e descascado que se vende pelas ruas do Recife. Sentada junto a laranjas, tangerinas e mamões, uma das tantas senhoras de lenço na cabeça explica o conteúdo do pacotinho que é vendido por mil meticais na frente do mercado. "É areia."

"Ora mamá, não pode ser... Areia é o nome de alguma comida típica?" "Nada! É areia mesmo" "Areia do chão?" "Sim, sim... do chão". "E as pessoas compram para quê?" "Para comer, ora". "Deixa eu ver." Abri um dos pequenos cones. O pó esbranquiçado não tem cheiro de nada. A consistência é de areia. A mamá quis mostrar que não mentia. Despejou um tanto na boca e comeu. Eu me recusava a acreditar. "A senhora está a brincar comigo..." "Então vai perguntar àquela lá do outro lado", desafiou, apontando para uma outra que vendia o mesmo produto no fim da fileira de frutas e verduras.

"Mamá, estou perguntar o que é isso..."

"É areia."

"Afinal... Areia?"

"Areia."

"Areia do chão?"

"Areia do chão."

"Come-se?"

"Come-se. Mulheres que estão em condições gostam muito"

"Em condição?"

"Sim, mulheres grávidas."

"Não faz mal às pessoas? Não dá doença?"

"Não, não."

"Não acredito... Areia do chão? E porque as pessoas compram? Porque simplesmente não pegam do chão e comem?"

"Essa areia foi limpa, pilada, assada e também colocaram sal."

Uma menina mais nova pega um cone, abre e começa a comer. Eu ainda não acredito. A mamá põe um punhado na minha mão e fala. "Pronto. Pode aprovar."

Ponho na boca. É areia. Do chão. Tem gosto de areia do chão. Cuspo o que posso, para o delírio das mamas. O resto fica nos dentes ou na careta. As mamas riem.

É areia. Come-se areia em Moçambique.

####

Depois de um tempo desaparecidos e encarecidos, os mamões voltam ao comércio das mamas em frente ao mercado de Boane. O mamoeiro no meu quintal também dá sinais de que nos presenteará com frutas maduras a qualquer momento. Se as crianças não forem mais rápidas, é claro.

Kinito

No bilhete de identificação (BI), o primeiro nome é Silva. Mas apresenta-se como Kinito. Bateu na porta de casa uma vez, num dia qualquer. Fazia frio. "Estou a procurar a casa

de um amigo meu, Bruno, secretário de obras públicas daqui". Não, eu não conhecia. Não sabia onde morava. Deveria ser perto. Conversamos cinco minutos e ele me falou que estava no país de férias. Fazia doutorado na Rússia. Mora lá há três anos. Fala a língua. Lembrei-me de alguns livros em russo que estavam perdidos na minha prateleira e ofereci. Ele agradeceu. E foi embora.

Hoje veio novamente. De calça social, sapato e blazer. Cumprimentou-me. Falou que ia ver o mesmo amigo e despediu-se. Voltou meia hora depois. O Bruno ainda não havia chegado. Só a esposa estava em casa. Não tinha intimidade. Pediu-me para usar o telefone e contatá-lo. Do outro lado da linha, Bruno estava em Maputo. Não voltaria hoje. Kinito despediu-se para procurar uma amiga professora que o daria abrigo.

Toc toc toc. Desta vez estou sem camisa, devorando um prato de peixe cara-pau frito com arroz de coco. Kinito. Pede para entrar. Ofereço comida. Aceita. "Preciso pedir uma coisa. Por favor, não me veja como um inimigo. Sou um homem de bem. Preciso falar com meu amigo Bruno, que vai me dar um dinheiro para eu viajar. Mas eu não tenho intimidade com a esposa dele. A minha amiga professora é casada. O marido é um chato. Não me deixou ficar. O amigo deixaria eu dormir aqui hoje?"

Quase me engasguei com uma espinha.

"Fique à vontade, amigo". Mostrei-lhe o quarto onde há um colchão sobrando.

Assistíamos televisão e o visitante puxava conversa, falava da família, dos seis anos em que estudou em Cuba e da namorada que faz aniversário no dia 10 de junho. "Quando for a data vou convidar o amigo para tomar um lanche." Acabou a novela e eu estava cochilando. Dei boa noite. "Ainda vou assistir à novela angolana que passa na RTP", disse o hóspede, sem cerimônia. "Boa noite, então"

Acordei com Kinito batendo em minha porta. Queria uma toalha para tomar banho. Tomou. Vestiu-se. Agradeceu. Despediu-se.

Fernando

Em cada cinco moçambicanos adultos, um deve estar infectado com o HIV. A maioria não sabe. Os que sabem, não dizem. Os que estão doentes, escondem-se em casa ou nos hospitais. Depois que morrem, as famílias apressam-se em dizer que a pessoa morreu de malária, feitiço, ou, simplesmente, "de doença". Como a maioria dos doentes não tem acesso a um diagnóstico preciso, "doença" é um motivo bastante razoável para a morte.

Conheço vários soropositivos. A esmagadora maioria vive no silêncio.

Em sete meses de Moçambique, o senhor Fernando é a primeira pessoa que eu vejo falar abertamente sobre viver com o HIV. "Eu tinha muita doença. Nunca ficava bom. Minha mulher me deixou doente. Foi embora. Já tinha ouvido falar dessa confusão de HIV, mas não tinha dinheiro para fazer teste. Quando tinha teste de borla eu fui fazer. Eu nem andava direito", explicou, em seu português quebrado, aprendido nos poucos anos de escola. É muito mais fluente em outras cinco línguas africanas. "Falo até xlosa", gaba-se, referindo-se à língua pátria de Nelson Mandela. Um dos fonemas (justamente esse "xl") é um estalo da língua no céu da boca.

Mais jovem, Fernando passou bons anos gastando a saúde nas minas sul-africanas. "Tinha muita namorada, meu filho. Fiquei conhecido. Era o Rei do Rock. Gostava de Jimmi Hendrix, você conhece?"

Hoje, está em tratamento para a tuberculose. O senhor Fernando tosse muito e tem o cuidado de cobrir a boca com um velho lenço. Em Maputo, com uma organização não governamental, consegue os medicamentos sem precisar pagar. Mas mora no campo e nem sempre tem dinheiro para o transporte. "Vendi duas chapas (telhas) da minha casa para ir à cidade na última vez. Agora não sei quando vou conseguir ir novamente." A machamba secou. Às 16h, o senhor Fernando ainda não havia comido nada.

"Agora já posso andar. Quero trabalhar. Não posso fazer trabalho pesado, mas posso varrer. Sou um velho. Tenho 51 anos. Mas quero trabalhar."

####

Na noite boanense, tinha a companhia de Ana, brasileira, paulista. Na porta do Bantu, havia uma briga. Desistimos e fomos à 'Feira das Barracas', um pátio rodeado de pequenos botecos. Muitos estão fechados. Há pouca demanda. Escolhemos um que eu já conhecia. Uma cerveja. Outra. Outra. Outra.

Quase não há mulheres nas barracas. Apenas umas duas baixinhas que dançam e bebem o tempo inteiro. Os muitos homens também não perdem tempo. Ana repara que homens dançam e se tocam com homens. Estão apenas dançando. Não se fala de homossexualidade em Moçambique. "Para todos os efeitos, não existe. Pessoas que sentem atração por outros do mesmo sexo podem passar a vida sem pensar nisso", explica um amigo da cidade. Nascem, crescem, casam, reproduzem-se, morrem.

Um senhor bêbado com uma bonita camisa tradicional me tira para dançar umas tantas vezes. "Isto aqui é cultura! Vocês estão aprender cultura de África!", gritava, misturando algumas palavras em inglês. Nossa cor não-negra denuncia que viemos de outro país.

Um moço, do meu lado, chama. "Há algum problema se eu pagar uma cerveja para vocês?" "Não, não há problema. Mas o senhor não precisa se incomod..." Não terminei a frase. Cerveja nova em cima do balcão. A cena repetiu-se umas tantas vezes durante a noite, até nosso amigo mão-aberta afundar a cabeça na mesa, dormindo depois de ter misturado sua 2M com uísque Tentação, que vem numa garrafinha de plástico.

Ana se divertia, mas não era fácil livrar-se dos inúmeros pedidos - e intimações - de casamento. Precisamos dizer que éramos namorados para aliviar os hormônios do pessoal. Um, mais alterado, não entendia porque eu não deixava ele agarrar minha amiga. "Ora, companheiro. É minha a dama", eu explicava. "Mas eu quero dançar com ela", dizia, trocando as letras, os passos e os olhos.

Cisco não pode parar

Dia de praia. Na estrada que vai da cidade de Macia à praia de Bilene, um vegetal estranho, parecido com uma cebola podre, era vendido em muitas barracas. A batata africana não serve para comer. Deve ser cortada, seca, pilada e tomada com água. Serve para reforçar o sistema imunológico. É recomendada àquelas pessoas que vivem com o HIV. Uma necessidade nova causada pelo novo mercado, trazido pelo vírus e pelos tantos programas de combate à doença.

O canal que liga a lagoa de água salgada ao oceano foi aberto. "A população é quem faz o serviço", explicou o barqueiro, Sr. Martins. "Vamos lá com pás e abrimos aquilo ali. Isso faz com que a lagoa fique mais limpa e mais peixes entrem para este lado. Depois de algum tempo, o próprio mar e o vento se encarregam de fechar novamente".

Passeio de barco, briga e brincadeira com o mar agitado e perigoso. Aberto. Caminho, mas não para caminhar. Eu sozinho. Sou uma ilha rodeada de beleza. Fecho os olhos. Soneca num banco de areia. O sol brinca com meus pés e uma capulana protege meu rosto branco. Um som estranho me acorda. Não são os pássaros que abundam em Moçambique.

Celular. Atendo. No Recife, uma amiga me deseja feliz aniversário. Não paro de olhar para os lados. Não há nenhum sinal de civilização. Há oceano, areia, plantas, gaivotas, pequenos peixinhos. Não há casas ao alcance da minha retina. Ouço com clareza a voz do outro lado do aparelho.

No pequeno mercado público, uma das barraquinhas de caniço serve comida. Aproveitamos o peixe fresco com chima e batata frita que era servido por Rafael, um menino de uns 12 anos que trabalha todos os dias, ajudando a mãe. Minhas amigas fartavam-se de comprar castanhas, sem se importar de pagar o preço 'mulungo', sempre um pouco mais caro.

O Pavilhão Tamar é a discoteca de Bilene. De propriedade do mulato Rui Carlos, um poço de simpatia que ganhou o negócio e o sotaque português do pai. "Meu velho é branco, mas fala a língua local melhor que muito machangana aqui", orgulha-se.

Entre passadas e kuduros, o DJ da casa misturava clássicos da música pop mundial dos anos oitenta e não fazia a menor questão de seguir um raciocínio convencional na escolha das canções. Michael Jackson podia aparecer com 'Bad' logo depois dos Massukos, de Niassa, terem tocado seu som batuqueiro.

A turma não se importava e transitava intrepidamente entre o bar e o dancing, elegantemente adornado com um globo de prata que jogava luz para todos os lados.

Com duas amigas, era difícil livrar as duas do constante assédio. Bianca foi minha 'namorada' da noite, então Ana era a vítima principal. Francisco queria ser chamado de 'Cisco' e era perseverante. Insistia para que Ana fosse sua 'amiga'. "Eu sei que você tem um namorado no Brasil, mas precisa ter um amigo moçambicano", argumentava, sempre com uma resposta original para as evasivas da paulista. Para ele, não existia desculpa forte o suficiente. Ana e ele deveriam ficar juntos, sim.

Cisco está dançando mesmo quando está conversando ou bebendo. Brinquei com ele, que respondeu exultante, sempre em terceira pessoa. "Cisco não para. Cisco não pode parar. Cisco é movimento!"

E não parava. Num dado momento, estávamos todos dançando. Sem par, inconformado, nosso performático herói ficava de um lado para o outro passando por debaixo das pernas de Bianca. Cisco é movimento.

Jojó estava de camisa quadriculada por dentro e não parava de oferecer cervejas a mim e às meninas. Com ele, o problema era mais sério. "Preciso ter um filho. Quero uma mãe brasileira. Já tenho mais de trinta anos e minha mãe está a cobrar. Todos os meus irmãos já têm filhos. Agora eu preciso ver meu sangue".

Não o vi sóbrio nem com outra roupa nos dois dias em que estivemos na praia. Sempre pedia autorização a mim para tirar as meninas para dançar. Na pista, ganhava mãos e bocas. "Eu sei que seu namorado está aí, mas não consigo resistir!"

Preocupado com uma possível confusão, Rui Carlos vinha sempre falar comigo. Queria saber se a turma estava incomodando demais, se precisava colocar alguém para fora.

Imaginei quantas cadeiras já poderiam ter voado ali naquela discoteca. Nem todo 'namorado' é bonzinho quanto eu.

Eu dizia que estava tudo em paz. Estava tudo em paz.

#####

Assistimos ao sol nascer na beira do mar e fomos comer um pão na padaria 24 horas que fica dentro do camping. Voltamos à discoteca. Portão fechado. Apelamos. "Mas será que o Rui Carlos não está aí e pode nos vender uma cerveja?" "Se quiserem falar com o Rui, vão ter que ir para a praia."

Na areia, uma mesa cercada de boêmios de todas as idades. Em cima dela, caranguejos. Cinco garrafas de 2M no chão. Rui não nos quis vender nada. "Agora vocês sentam aqui com a gente", bradou um dos mais velhos, estendendo um copo cheio. Um dos convivas era uma autoridade local, um secretário do bairro. Não largou do pé de minha amiga, merecendo puxões de orelha de todos os outros pinguços. "Este senhor pensa que pode incomodar os outros só porque é do governo? Manda ele pastar, Ana", brincava Paula, boemíssima, fazendo sotaque brasileiro.

Os crustáceos tornaram-se peixes, que se tornaram castanhas. Às 10 da manhã, a cerveja tornou-se Johnny Walker de rótulo preto. Lembrados da data, todos cantaram parabéns para mim, de um jeito diferente, como se canta em Portugal. Nos despedimos como bons bêbados, sob juras de eterna amizade.

Forrest Gump do Índico

Filho de um dos portugueses endinheirados de Bilene, Manuel tem 34 anos. Considerado "escuro", é pai de Raquel, clarinha, de feições caucasianas e cabelos cacheados. Não vive mais com a mãe da filha. Não fala com a madrasta há quase vinte anos.

Manuel conta muitas histórias.

Já fugiu de casa, foi seqüestrado pela Renamo no tempo da guerra civil. ("Eu fui e voltei", orgulha-se). Hoje trabalha de mecânico, consertando barcos. "Não posso te mentir. Poderia ir para Portugal, mas onde eu poderia passar o dia inteiro sem camisa?"

Mais que desfilas a magreza nas barracas da praia, Manuel gosta mesmo é de tomar cerveja. "Meu problema são os copos. Não posso te mentir".

Dos tempos do conflito armado, conta que em Bilene não havia mais vidros nas janelas. "Não posso te mentir. O mar amplifica o som dos tiros e das granadas. Quebra tudo mesmo".

Uma vez, sofreu um acidente de moto. Rasgou-se todo e teve que ser todo costurado. O irmão levou-lhe ao oceano para que a água salgada ajudasse a cicatrizar as feridas.

Gosta de mergulhar. "Embaixo d'água, existe outro Moçambique." Fugindo de um tubarão, virou de cabeça para baixo o cilindro de ar e transformou-o num jato propulsor, retirando o regulador. Acabou batendo com a cabeça no casco do barco e foi levado para o hospital, inconsciente. "Não posso te mentir. Quase morro. Hoje, sempre agradeço quando entro e quando saio da água"

Na alta temporada, leva turistas para conhecerem o fundo do mar e agora quer explorar um bar numa pousada que pertence ao pai. Procura sócios.

26 de maio

Bilene, 12h, primeiro chapa. Um rapaz está sentado praticamente no meu colo. Macia, 15h, segundo chapa. Um senhor de terno cochila e, a cada buraco, bate com a cabeça no meu ombro. Maputo, 17h. Passeio. Estou na paragem do carro que vai a Boane pouco depois das 19h. Não há carros. Há cinco pessoas que conversam com um fiscal fardado.

"Eu acho que tem mais um que vem às 20h", diz o 'responsável', enquanto, sorrateiramente, começa a ir embora. Esperamos. Em vão. Um mais-velho tem uma idéia. Andamos até outra paragem, na 24 de Julho, uma das ruas principais da capital. Apanhamos um chapa que vai até a metade do caminho, onde encontramos outros tantos sem-transporte. Ainda não passa das 21h, mas a estrada está vazia. Pedimos boleia aos poucos carros que passam. Vinte minutos. Um para. "Boane é longe". Mais cinco. Um para. Vai levar. Sobe todo mundo na carroceria da caminhonete. Há boleia. Mas todos pagam cinco contos ao descer.

1 de junho

A televisão diz que é o Dia Internacional da Criança. Aqui, não é feriado. Mas hoje é domingo. Algumas escolas e comunidades fazem pequenas atividades para a data não passar em branco. Em Boane, não há nada. Os jovens Mandinho e Dudu reclamam. "Esta administradora não está com nada. Tínhamos aqui um administrador que fazia as coisas. Sempre tinha programa. Esta agora não faz nada."

3 de junho

Uma caminhonete Peugeot. Ano 68. Caindo aos pedaços. Minha bunda conseguiu um lugar na carroceria, em cima de um saco de arroz. Pernas para fora. Não tinha medo de cair. Naquela velocidade, o máximo que poderia me acontecer seria uma torção de tornozelo.

Cantando a pátria

"Moçambique nossa terra gloriosa / pedra a pedra construindo um novo dia / milhões de braços / uma só força/ ó pátria amada / vamos vencer". O novo hino nacional tem um belo refrão. O antigo, que saudava a Frelimo, teve que ser mudado após o acordo de paz entre o partido no poder e a Renamo.

Mia Couto fez parte do grupo que escreveu o hino, que de novo não tem nada.

"Samora pegou cinco escritores e cinco músicos, na época da revolução. Meteu-nos numa casa e disse pronto, agora vocês só saem quando parirem o hino nacional.

Era tempo de guerra e nas nossas próprias casas não tínhamos nada. Não tínhamos energia elétrica, não tínhamos água... E aquela casa era uma mansão enorme. Piscina, empregados. De repente estávamos vivendo uma vida de mordomias, nossas famílias visitavam, tínhamos uma vida de lordes naquele momento. Nada de luxo, é verdade, mas tínhamos coisas nos faltavam.

Eu acho que nós não tínhamos a percepção do caráter épico daquilo que estávamos fazendo. E fizemos cinco ou seis propostas de hinos que me pareciam bastante bonitas. Tinham letras muito datadas, falavam da revolução vermelha, do proletariado, do internacionalismo proletário... Naquele tempo, nenhum desses hinos foi aprovado. Agora, há dois anos, já com o país multipartidário, se pensou de fato que se deveria ter um hino novo, porque aquele outro do "Viva a Frelimo" manteve-se até agora.

Lançou-se um concurso a nível nacional, foram feitas várias propostas, eu fiz parte do júri. Nenhuma proposta parecia boa. Fizemos uma segunda edição do concurso, ainda não havia propostas de qualidade. E alguém se lembrou: "Mas e aquele grupo que há doze anos tinha feito propostas? E revisitou-se aquilo que tinha sido o nosso trabalho.

Nem se sabe bem exatamente por que mãos passou aquele trabalho. Por isso assume-se coletivamente que aquele grupo que elaborou as propostas é quem tem a autoria. Acho que aquilo não tem uma grande qualidade literária e poética – como se pode imaginar a letra de um hino nacional tem pouca elaboração poética. Mas se calhar aquilo é que me vai eternizar mais do que qualquer coisa, mas que meus livros."

###

Antes das aulas, todas as crianças entoam juntas a canção, sob a ordem do professor. Não é diferente na escola 25 de Junho, que fica na comunidade que tem o mesmo nome. A data da independência.

... Ó pátria amada / vamos vencer...

Observando de longe, um senhor reclama dos alunos que chegam atrasados. "No tempo de Samora não tinha isso. Todo mundo tinha que parar para ouvir o hino. Se estivesse a ouvir, tinha que parar e pronto. Os milicianos ficavam de olho em quem se movesse. Depois do hino, te chamavam. Aí era confusão". Outro retrucou. "A distância oficial é trinta metros! Depois de trinta metros um gajo pode ficar à vontade". Gosta-se de definições em Moçambique.

Embaixo de uma mafurreira frondosa, os alunos da primeira classe tinham aula. A maioria ainda não fala português. Esta língua aprende-se na escola. O professor tem que misturar chilungo (língua de branco) com chilandi (língua de preto).

No posto médico, em frente à mafurreira, alguns professores estão de folga e conversam com a única enfermeira da comunidade, uma jovem que ganha menos de 500 contos por mês (uns 20 dólares americanos). Ela já não quer trabalhar. "Aqui está todo mundo bem de saúde", diz, meio brincando. Meio séria. Meio irritada. Há uma caixa de preservativos no posto médico. Faz mais de um mês, ninguém pega. Nem a própria enfermeira. "Não faço mais palestra. Tenho preguiça", assume.

O professor da mafurreira interrompe a aula e junta-se ao papo. "Está vendo aquele menino de azul, sentado no canto direito?" Todos vimos. "Não é magro? Veja como ele é magro! Parece um somaliano!" Os outros acham interessante. Riem. Resolvem pesar o menino, que deve ter uns sete anos. Colocam-no numa balança própria para bebês. Quinze quilos. A criançada que assistia a tudo parte-se em gargalhadas. Humor sombrio.

Pego a criança no colo. Segura a minha mão. Não larga. Não sei quantas vezes foi pego no colo. Não olha para mim. Olha sempre para a frente. Responde com uma ou duas palavras às perguntas que eu faço (as poucas que ele entende). A boca parece que ainda não aprendeu a sorrir.

Henrique não fala português. Os pais moram em Vilankulos, Inhambane. Fala chitzua, que parece-se um pouco com changana. Entende-se. Pouco. Mora com a irmã. Longe da escola. Vai e volta andando. Come uma vez por dia, normalmente na hora do jantar. Nkakana, folhas de mandioca, de abóbora. O braço de Henrique é da grossura do meu polegar. Se depender de braços como este, não tenho tanta certeza sobre o "vamos vencer" do belo Hino Nacional. A barriga dura denuncia os vermes melhores alimentados que o hospedeiro.

A aula acaba, como anuncia o cano de aço que é tocado por um aluno. "Deixa o menino ir", pede o professor. "Senão os outros roubam os cadernos dele." Eu deixo. Henrique pega a pequena mochila e vê os coleguinhas indo embora. Fica só, embaixo da mafurreira. O professor confirma. "Vai sozinho?" Henrique levanta as sobrelhas. Aqui, isto quer dizer "sim."

5 de junho

Choveu muito durante a noite. Água forte. Houve vento. Forte. Ficamos sem energia elétrica e eu fui dormir chateado porque perdi o capítulo da novela.

O sol trouxe mais do que luz. Visões de árvores arrancadas do chão. Árvores grandes. Homens-feitos da natureza. Deitadas, à espera do sepultamento definitivo. Raízes à mostra.

Telhas no chão. Nada onde deveria haver telhas. Postes horizontais. Machambas perdidas. Fala-se de mortes. Não confirmadas.

Algumas escolas fecharam. Para reparos.

6 de junho

A TVM, ainda é estatal. Mais do que 'uma' televisão de Moçambique, esta é 'a' televisão de Moçambique.

Há um programa aos sábados. "Vamos quebrar o silêncio". Fala da epidemia da AIDS. Sugerimos uma pauta. "Sim, sim, vamos fazer!", garantiu o produtor, diretor e apresentador, Chuma Junior. Um problema. "Não temos carro. Vocês conseguem transporte?". Conseguimos transporte. Hora marcada, o motorista vai buscar a equipe. Volta com a notícia. "Cancelaram tudo. O Sr. Chuma falou que uns colegas viajaram, que não dava mais para fazer a coisa."

Enterrando Rosa

Não conheci Rosa. Dez anos. Irmã do meu amigo Armandinho. Infelicidade. Asma. Teve a derradeira crise na madrugada de ontem. Demonstrar solidariedade. À noite, no quintal da casa de matope já havia algumas pessoas do lado de fora. O corpo fica dentro do quarto. Sozinho. Ninguém dorme lá. A família fica desalojada enquanto vela-se a pequena. Os homens, sentados em bancos ou mesmo bidons d'água. Mulheres no chão, em volta da pequena fogueira que engana o frio.

Conversa de velório.

"O que são essas coisas em cima do canhueiro?" Pareciam enormes ninhos, no contra-luz da lua crescente.

"Galinhas."

"Galinhas?"

"São assim galinhas africanas. Quando começa a escurecer, sobem nas árvores. Ali dormem. O ano inteiro. Só ficam embaixo quando estão a chocar ou quando há pintinhos. Quando os franguinhos começam a ganhar penas, também sobem. A galinha vai à frente e chama os outros. Quando vem o sol, elas descem", explica um mais-velho.

Mandinho parecia bem. Sorria e brincava e falava alto com os amigos, numa outra rodinha. Não tem 20 anos. É o homem da casa. O pai mora com a terceira esposa mais nove filhas, em Maputo. No campo, é Mandinho, a mãe, um sobrinho de colo e três irmãs.

Agora duas. À tarde, assumiu a tarefa de organizar o funeral. Caixaão, espaço no cemitério. Junto com amigos, cavou a cova.

"Na cidade é que tem pessoas que fazem isso. Aqui, é tudo com a família". Antoninho, 23, um dos coveiros improvisados, contava mais detalhes da viagem sem visto à África do Sul. "Eu não tinha dinheiro. O que tinha, dei para os mais-velhos, que conheciam o caminho para eles me levarem." Eram doze ao todo. Passaram por uma abertura na cerca da fronteira. Gazelas, macacos, girafas. Um leão. "Tive medo, mas ele estava sozinho. Acho que teve medo de nosso grupo. Nos viu e foi embora".

Um canavial do outro lado. "De dia era procurar trabalho. Mas não tinha. Então, voltava para a plantação. Comia alguma cana e dormia. Não pegavam a gente. Era uma machamba grande." Depois de três noites, encontrou um fazendeiro que contratava gente por dia. "Trabalhei duas semanas e peguei o dinheiro. Eu só queria ir para Joanesburgo, visitar meu primo. Apanhei um caminhão que saía da cidade naquela hora das zero. Andava de noite para a polícia não pegar. Na cidade, fui perguntando aqui e ali. Ainda apanhei um comboio (trem) e cheguei em casa de meu primo."

"Ele estava te esperando?"

"Sim, liguei pra ele antes de sair de Moçambique".

"E não ficou preocupado com a demora?"

"Ficou. Mas ele sabe que viajar pelo mato é um risco"

Antonio não fala inglês nem zulu. Nem aprendeu, nos seis meses que passou com o parente, no país vizinho. "Lá tem muita gente que fala nossa língua."

Fazia frio. "Vamos para meu quarto", Mandinho chamou. O quarto. Um pequeno cômodo de matope. Uma cama e um colchão, onde tem dormido o primo Dudu. Uma lamparina a óleo junto de um esquadro improvisado. Um saco de batatas, vindo da machamba familiar. Panfletos contra a Aids e dois cartazes sobre camisinha fazem a decoração.

Os meninos tentam me explicar algumas tradições. Uma delas proíbe o sexo na casa quando há infelicidade. Ninguém sabe dizer por quanto tempo.

"Uma semana", arrisca um.

"Nada, é até a deposição de flores. Pode ser até um mês!"

"Eu sou da casa, mas se eu quiser fazer em outro sítio, eu posso"

"Pode nada! Você é irmão! Se for pela tradição mesmo, você tem que esperar seis meses!"

"Depende da família!"

Estamos longe de um acordo. Nada bom, se levarmos em conta que a 'pena' pelo deslize é pesada: tuberculose seguida de morte. "Essas coisas só valem se você acreditar", Mandinho mata a charada.

A mãe pertence à igreja Zione, que mistura crenças tradicionais com cristianismo. Ele é evangélico, mas tolerante. "Uma vez a velha estava muito doente. Nada servia. Hospital, nada. Esses mazone vieram. Eu, como filho, tinha que ficar junto. Fizeram uma coisa com água e sal. Rezaram. Ela ficou boa. Agora, se fizessem a mesma coisa comigo, não valia a pena."

"Serve lá comida", convida o anfitrião. É caril de nkakana, com amendoim e coco. Com arroz.

"Vamos ver novela?"

Um vizinho tem um bom negócio. Uma televisão e um vídeo, no quintal. Embaixo de um limoeiro. Alguns banquinhos. As sessões começam quando escurece. Dois filmes-novela-um filme. Jovens e crianças, a maioria homens, formam o público. Cada um paga mil meticais, cobrados impiedosamente por um menino que bate na minha cintura.

Uma mamana vende tangerinas. Um pequeno vende pipoca em saquinhos plásticos. Na tela, Chuck Norris está descendo a lenha em militares vietnamitas. Bala, explosões, perseguições. Ação. Todo mundo está gritando, em changana.

"Mandinho, as pessoas não reclamam do barulho?"

"Makwezo, o filme é em inglês... Não tem legenda. Ninguém entende nada. Mesmo se tivesse, a maioria não consegue acompanhar... O que vale é porrada!"

Só passa filme de ação. Americanos, sul-africanos, chineses, indianos, não interessa. Filme B, C, D... A turma quer é ver gente batendo e gente apanhando. A cada dia, há filmes diferentes, trazidos de uma locadora em Maputo. A repetição é inevitável.

"Mandinho, já assistiu a esse filme?"

"Já. Umhas quatro vezes. É um dos meus preferidos"

"Qual é o nome?"

"Não sei, makwezo. A gente chama de 'Chuck Norris'"

"Essa é a mulher dele?"

"É mas vai morrer, ela...Daqui a nada..."

"..."

"Viu?"

A platéia vai ao delírio. Menos pela morte da moça. Mais pelo assassino vietnamita, cujas feições lembram vagamente (beeeeeem vagamente) o então presidente moçambicano.

"Chissano!!! Chissano!!!", a turma grita.

Sobem os créditos depois que Chuck Norris, sozinho e ferido, derruba o helicóptero do 'Chissano'. Hora da novela. Alguns reclamam. Querem mais um pouco de violência antes dos beijos de Guma e Livia em Porto dos Milagres. Nada feito. A hora da novela é uma hora sagrada.

Um rapaz que está perto de mim parece indignado. Fala em zulu. Não contava com a tradução simultânea de Mandinho. "Ele está a dizer 'o que o português faz aqui? Não tem televisão em casa?'" O português em questão sou eu. Dou risada.

É o mais próximo que se pode chegar do silêncio. O volume da TV um pouco mais alto, o das vozes um pouco mais baixo. Os gritos são inevitáveis nas cenas mais quentes e os comentários abundam nos intervalos em que boas propagandas sobre HIV misturam-se com paupérrimos anúncios comerciais.

Fim do folhetim, metade de nós se levanta. São 22h. Alguns ainda ficam para a última sessão. Conheço o caminho, mas meus amigos me acompanham até perto de casa. Corremos para assustar o frio.

10 de junho

"Antoninho, pra quantos enterros você já veio?"

"Ihhh, eu não conto..."

"Muitos?"

"Ihhh, muuuuuitos"

Os jovens andam com naturalidade pelo cemitério. Enquanto o caixão não chega, vamos visitando algumas campas (túmulos) de outros parentes. Limpar, tirar algumas folhas que secaram. Não há lápides. Apenas pequenas cruces de madeira. Algumas dizem o nome do 'morador'. Outras nada. Muitos copos com água. "São nossos costumes", Arina não sabe explicar. Sempre viu fazer assim. Não sabe porque. "Deve ser para o defunto beber. Mas também serve para regar as plantas."

"E se o morto gostar muito de beber?", brinco
"Então coloca-se garrafa. Não vê?". Vejo.

Também vejo sapatinhos. Além do significado tradicional, estes detalhes ajudam a família na hora de localizar o 'endereço' dos idos.

O ritual do último passeio de Rosa começou cedo. Junto com o sol, começaram a chegar parentes, vizinhos e amigos à casa da família. Dei meu 'dishili' quando as galinhas já estavam no chão.

Desta vez, os homens mais velhos estavam em pé. Mamanas, sempre sentadas no chão. Enroladas em duas, três capulanas, que agora servem de casaco. Os jovens faziam barulho.

"Os mais velhos não acham ruim essa bagunça?"
"Ah, makwezo. Nós somos jovens. Você acha que eles estão falando de quê? Falam baixo, mas estão falando de bebida, de coisa. Nós não bebemos. Brincamos falando alto."

Com uma hora de atraso, chegou o carro para levar o caixão. Quer dizer, o trator com uma carroceria de madeira. Os que esperavam, partiram logo que avistaram o transporte. Nada de procissão. Caminhada apassos largos, de soldado. O cemitério não é tão perto. Pelo menos meia hora de estrada empoeirada.

Encontrei Mandinho dentro da cova, fazendo os ajustes à nova casa da irmã. Com o caixão apoiado em duas cadeiras, começa a cerimônia liderada por um pastor. Primeiro, um pouco d'água no buraco. Então, música, reza, música, reza. Entra o féretro, levado pelos parentes mais velhos. Em cima, uma esteira e uma capulana para proteger a madeira (de que?). Roupas esfarrapadas. "Não podemos ficar com nenhuma roupa dela em casa. Só se for nova. Tudo o que ela usava é enterrado, mas tem que ser rasgado antes." Ela não usava muito. Um vestidinho, uma capulana, umas blusinhas... Uma sandalhinha fica de lado. "Tinha fivela de metal. Não pode entrar nada de metal."

Música, reza, música, reza. O pastor despeja o primeiro punhado de terra. O pai o segue. E a mãe, em prantos. Todos agora ajudam. Somos mais de cinqüenta. Cada um com um punhado simbólico. Enquanto se canta, os mesmos que transportaram o caixão entram em cena. Com pás, terminam o serviço. O túmulo vira um canteiro. Pequenas folhas são plantadas e regadas. As pedras no meio do caminho vão sendo cuidadosamente arrumadas, numa moldura.

Música, reza, vamos embora.

Em casa. O sol já está a pino. No quintal, duas bacias d'água. Todos lavam as mãos. Pratos com sal e moedas. Contribui-se simbolicamente para ajudar com as despesas do funeral. O pastor dá a notícia. A deposição de flores será em três meses. Mandinho explica. "O normal é uma semana, mas temos muita família que mora longe. Tem que dar tempo para todo mundo ser avisado."

Moças nos convidam a lavar as mãos mais uma vez. Sou chamado a uma mesa, onde estão sentados os homens mais velhos. Chá é servido com pão. As mamas, nas esteiras, também comem. Uma percebe que eu falo um pouco de changana e me faz um convite. Quer casar comigo e ter muitos filhos brancos.

"Minha mulher, que está no Brasil, não iria gostar".

"E isso também está no Brasil?", ri, apontando para o meu sexo. Eu rio. Todo mundo ri. Despeço-me.

12 de junho

Dustin é americano. Bem americano.

Andava sem passaporte em Maputo. Alvo fácil para policiais em busca de taco (dinheiro) para brincar no fim de semana.

"Documentos!"

"Errr... Não estar comigo..."

Não deixaram-no telefonar para ninguém. Ameaças de prisão, deportação, tudo. O que era branco ficou ainda mais branco. Meteu a mão no bolso e trocou uma visita à delegacia por 500 contos. Prometeu nunca mais esquecer os papéis em casa.

Mulungo na mulandi

Sábado é o dia de se visitar os enterrados. Especialmente os recém desvividados. Dia do ritual da deposição de flores. Três meses viram uma semana. Planos mudam em Moçambique. A cerimônia era na campa de Rosa. De quarta a hoje, quatro dias. Pelo menos quatro novos moradores do cemitério agora são vizinhos da irmã de Mandinho. Quatro famílias enchem aquele canto do jardim santo, cantando e chorando seus mortos.

Quem não estava na cerimônia aproveita e coloca um pouco de terra no túmulo da menina falecida. O pastores trazidos por todas as famílias enlutadas coordenam os cantos e as rezas. Ninguém atrapalha ninguém. Apenas a mãe chora. Água na campa-canteiro. Pedacos de plantas são distribuídos entre os presentes. Agora somos jardineiros. E cantamos. E voltamos à casa.

De mãos dadas com a amiga Amina, não há como fugir das brincadeiras. "Preto e branco! Preto e branco!" Muitos gritam. Cor da pele é identidade.

Mais uma vez. Bacias d'água. Mesa. Cadeiras para os homens. Esteiras para as mulheres. O pastor fala de fé. Abre a palavra. Alguns presentes discursam. Mais sobre o apoio à família, menos sobre a curta vida da finada. Um dos mais velhos pensa no futuro. "Agora não adianta pensar em quem matou a menina. Deus já tinha esse plano para ela." As palavras não são em vão. A rapidez do último suspiro faz muitos acreditarem numa *causa mortis* nada científica. Feitiço.

Sou chamado à cozinha. Couve com arroz na companhia de um gato pidão.

#####

Liz é branca. Muito branca. Está com manchas vermelhas pelo corpo. De repente. Vão e vêm. Coçam. Incomodam.

Hospital de Boane. Enfermeira. "O que você comeu ontem?" Diagnóstico: "Alergia, não sabemos a que". Injeção na bunda. Prescreve comprimidos. Antihistamínicos. Não se

paga nada. Obrigado. Conversamos. As duas senhoras de plantão querem ensinar minha amiga a falar changana. Querem que ela volte para dizer se melhorou. Que faça teste de malária na segunda-feira, quando a farmácia do hospital volta a abrir. Sempre se faz teste de malária. Sempre pode ser malária.

Casa. Não melhora. Liz não acredita no diagnóstico. Quer ir a Maputo. Ver médico de bata branca. Vamos de carona. Clínica particular. Recepção. Nome? Idade? O recibo-fatura sai personalizado na impressora. Pela consulta, 300 mil meticais.

Esperamos num sofá confortável. Uma mesa de centro tem velhas revistas femininas em inglês. Na língua oficial do país, apenas livretos sobre como viver com o HIV. Uma televisão está ligada no programa da Eliana, retransmitido pela TV Miramar.

"Senhora Elisabeth?"

Enfermeiro. Peso, altura, pressão, temperatura. "É a primeira vez aqui?" "Sim".

Médico. "O que tem?" "Manchas." Algumas perguntas. "O que você comeu ontem?" Expressão pensativa. O médico atesta. "Alergia, não sabemos a quê"

Injeção na bunda. Prescreve comprimidos. Remédios diferentes. Antihistamínicos. "Esses são mais eficientes", o doutor garante. Pela ampola, 65 mil meticais. As drogas dão sono. As manchas vão embora nos braços de Morfeu.

"Doutor? E se continuar?" Segundos de reflexão. "Só pode voltar para tomar outra injeção."

16 de junho

Muitas famílias moçambicanas cultivam uma árvore sagrada. Junto a ela, celebram-se cultos tradicionais e conversa-se com os antepassados. Os xikwembos que, como se sabe, ainda interferem no mundo dos vivos. São os bons espíritos da família, diferentes dos xipocos²⁹, que vagam sem destino fazendo bobagem.

Na avenida 24 de Julho, uma das mais movimentadas da capital do país. De lenço e capulana, uma senhora batia um papo animadíssimo com um poste. Sinais da globalização.

###

Em sete meses de Moçambique, é a pela primeira vez que vejo um branco pobre na rua. Olhos verdes. Chama.

"O senhor fala português?", o sotaque é lusitano.

"Sim, sim."

"Será que não poderia me dar algum dinheiro?"

"Não, não posso. Só tenho o dinheiro do transporte...", minto.

"E o senhor mora onde?"

"Boane"

"Ok, boa viagem"

A China é aqui

Existe uma grande cooperação entre a China e Moçambique. Não é difícil encontrar olhos

²⁹Há quem diga que esse termo vem do inglês "*spook*"

puxados em Maputo. Prova disso é um supermercado chinês, nova atração na rua Vladimir Lenine. Dois leões enormes, em pedra, saúdam os clientes. Dentro, corredores e mais corredores de mercadorias que chegam do oriente em grandes *containers*, de navio. Roupas, brinquedos, comida, televisores, micro-ondas, louças. Alguns pacotes interessantes. Mamão seco, casca de laranja seca.

"Pra que serve isso?"

"Ih, não sei. Acho que é pra fazer algumas receitas chinesas", tenta a bela funcionária moçambicana.

Havia apenas alguns itens não-chineses. Produtos da Coca-Cola.

CCFM

O Centro Cultural Franco Moçambicano fica no centro de Maputo. Sempre há mostras de cinema, teatro, fotografia, artes plásticas. É um *point* da turma 'cabeça' da capital. Música não falta. Outro dia tocou a fantástica banda Djaka, da Sofala. Muito batuque e vocalistas *seminus* que entraram no palco pela platéia, carregando galinhas vivas entre os dentes.

Ontem foi a 'Festa da Música'. Quatro bandas. Três locais. Uma do Zimbábue. Mistura de ritmos tradicionais e internacionais. Jazz, rap, marrabenta, salsa... Tudo junto. Mesmo sendo uma farra de graça, o auditório não está tão lotado quanto deveria. Talvez a pompa do clube afaste o povo.

Música de primeira. Porém, havia bancos no meio do caminho. O ritmo é contagiante, mas a maioria dança sentado. Um senhor francês, de poucos cabelos, alto funcionário da embaixada, era o mais animado.

Domingo é dia de futebol

Moçambique x República Centro Africana, pela Copa Africana das Nações. Estádio da Machava, onde foi gravada parte do filme *Ali*, com Will Smith. O lado do sol custa 50 contos. O da sombra, 20. Paguei 25 no cambista. O bilhete dizia que, na verdade, os 'mambas' (o apelido da seleção é dado em 'homenagem' a uma temida cobra venenosa) iriam enfrentar o Congo. No ano passado.

Ainda fora, comprei um saquinho de amendoim. Um amigo comprou vinho branco numa caixinha longa-vida. Também se vendem laranjas, tangerinas, espetinhos de carne, frango na brasa, pão e siri assado.

Fila para entrar. Muita gente furando, como se não fosse nada. Talvez não fosse nada.

O ingresso não era falso.

Dentro, ganhamos pequenas bandeirinhas de papel, patrocinadas pela cerveja Sagres. Algumas caixas de som bancadas pela Coca-Cola mandam as músicas que tocam no chapa. Para aquecer.

Junto ao alambrado, dúzias de torcedores fazem xixi.

Horário marcado, 15h. Não pode atrasar. Não há refletores. A banda militar toca o hino, jornalistas tiram fotos.

Um menino vendia copos de plástico quase pelo mesmo preço de um refrigerante. Deixa. Bebemos direto da caixa.

Bola rolando. Policiais com fuzis protegem o alambrado. Xixi proibido em respeito à redonda. Moçambique ataca. O povo acompanha. Olho ao redor. Não vejo mulheres. Uma, duas, três no meu raio de visão.

Quatro. Uma mamana passa, de capulana, vendendo amendoim.

Do outro lado do estádio eu vejo um grupo grande, como uma imensa torcida organizada. Uniformes verdes. Soldados. "Estão todos trabalhando?" "Não. Só vieram fardados para entrar sem pagar", avisa meu amigo, que também é militar.

Vestidos de vermelho e preto, os mambas atacam, os outros defendem. Nada de gol. Tico-tico, grande esperança do time da casa, perdeu várias oportunidades. É xingado, sem palavrão. "Esse Tico-tico é um confuso!", berra um, às minhas costas. Acaba o primeiro tempo.

Quatro meninos minúsculos conseguem entrar no campo e dançam o kuduro. A torcida gosta.

Priiiii! De novo, a bola rola. Sai à lateral. O técnico ucraniano Bondarenko, maior estrela do time de Moçambique, faz embaixadinhas. A 'malta' bate palma. É um dos melhores momentos do jogo.

Com o apoio da torcida, os atacantes rubro-negros continuam partindo para cima. Mas nada de a rede balançar.

"Essa baliza só pode estar enfeitiçada, pá!"

Como prêmio pela dedicação, os mambas ganham um pênalti. Presente do árbitro zimbabueano. "Ajudamos na independência deles. São nossos vizinhos. O mínimo que o gajo podia fazer era retribuir o favor", ponderou um ao meu lado.

Jossias joga na África do Sul. Bate bem e faz o gol da vitória. Chuva de caixinhas de vinho. E de restos de vinho. Alegria, alegria. Poucos gritos. Poucos abraços. Muitos apertos de mão.

Para prosseguir no campeonato, Moçambique agora tem que ganhar do Congo, fora de casa. Ao apito final, a torcida comemora como se tivesse conquistado a taça. Voltam os auto falantes da Coca. Os mais bêbados chegam mais perto. Dançam.

Os adversários, descontentes com o pênalti duvidoso, partem para cima do juiz e levam cacetada da polícia dona da casa.

Pode ou não pode?

Mandinho veio ver a novela. Convidou para assistir à peça que ele e os amigos vão apresentar amanhã, dia da independência. A pedido da administração do distrito.

"Começa às nove horas"

"Então eu vou chegar às dez, né? Essas coisas atrasam..."

"É, tudo por culpa dessa administradora..."

"..."

"Makwezo, como ela pode ser administradora? Ela é divorciada!"

A maioria dos argumentos do meu amigo eram baseados no respeito e no bom exemplo. Mandinho acredita que a tal senhora só conseguiu o cargo porque dormiu com o governador da província, um homem casado.

"Ora, Mandinho, esse homem é casado... Será que ele não estaria mais errado do que ela?"

"Nãaaao, makwezo! A mulher incita a pessoa. Ele está errado, mas ela está mais. Ela precisa de marido. Uma pessoa solteira não tem direito a nada."

"Makwezo, eu sou solteiro..."

"... Então não tem direito a nada. Não pode assumir responsabilidade!"

"Mas se eu ainda não achei a mulher certa?"

"Pode procurar, mas não tem todo o tempo do mundo. Não pode ter malta 30 anos sem encontrar. Isso já é indisciplina."

E continua:

"Quando tem alguém solteiro na zona e se descobre que alguma mulher está a trair o marido, o solteiro é o primeiro culpado. Mesmo se não for ele, todo mundo vai desconfiar."

Mandinho é praticante da denominação evangélica Velhos Apóstolos. Tem três namoradas. Uma de dezessete anos e duas de treze. Anda não escolheu a que vai casar. Pode não ser nenhuma das três. Mas garante que vai ser fiel e não se divorcia. Uma vez, escapou de uma boa.

"Uma namorada que eu tinha dormiu na minha casa sem avisar aos pais. No outro dia de manhã eles foram ter comigo. Disseram que agora que eu tinha dormido com ela, ia ter que tomar conta dela. Iam deixar ela lá em casa. Eu falei que era jovem, que amava ela, mas que não tinha condições de casar. Até minha mãe concordou com eles. Eles falaram que se eu não ficasse com ela, iriam tirar as chapas (telhas de zinco) da minha casa, como pagamento pela noite que eu passei. Eu falei que podiam levar"

As telhas ficaram, também o susto.

25 de julho

Há vinte e oito anos, pelas mãos dos soldados comandados por Samora Machel, Moçambique tornava-se independente. Feriado nacional.

Logo cedo, começou a cerimônia na pequena praça de Boane. Militares fardados ocupavam os lugares de honra para assistir à programação apresentada pela administração do distrito. Peças de teatro, makwaela, chigubo e outras danças tradicionais. Tudo amador. O povo se amontoava num círculo em volta das atrações, na tentativa de conseguir ver ou ouvir alguma coisa. Difícil.

Antes do meio dia, não havia mais nada. Não fosse pelas barracas abertas, parecia um domingo.

Um senhor bêbado me chamou. Perguntou meu nome, o que eu fazia. Apresentou-se como micro-empresário. Depois soube que era jardineiro. Não estava mentindo. Queria saber minha idade. Disse - com orgulho - que já passava dos quarenta.

"Quando eu era jovem, nós éramos proibidos por lei de sermos amigos de brancos. Hoje estamos juntos. Muito obrigado!"

Sem nada para fazer, só passear.

"Mamá, a senhora está a trabalhar? Não é feriado nacional? Dia da independência?", perguntei a uma senhora amiga minha que vende batata doce e mandioca em frente ao mercado.

"Meu filho, tenho fome. Preciso trabalhar", respondeu, rindo da minha ignorância.

Uma amiga de um amigo. Arrumada e cheirosa. Esperava o namorado, que insistia em atrasar. A moça mora numa comunidade distante da vila. Não sabia a hora que ia voltar.

"Pode ser até amanhã, né?", brinquei.

"Nada. Tenho uma cama única. Não fico a distribuir sonos por aí"

Estava com Pilatos. Havia um pato guisado nos esperando na casa de Suzana.

Seguindo o costume, Suzana trouxe-nos uma bacia para lavarmos as mãos. Lavamos, comemos, bebemos vinho, nos despedimos, voltamos. Antes, uma passada numa barraca para tomar a saideira.

O assunto do dia: a Televisão de Moçambique (TVM) a partir de hoje inicia as transmissões às 9h. Três horas mais cedo. O Telejornal (agora chamado 'Jornal Nacional') também tem cenário novo e algumas inserções ao vivo. Mesmo com alguns erros no ar, "é um dia histórico", anunciou o amigo Salvador.

Bons são os tempos de paz

Dois oficiais conversavam na frente ao quartel. Tom de preocupação.

"O batalhão em trânsito vai embora. Vamos ficar desfalcados"

"Não é possível... Logo esse batalhão?!!"

"É, não vai ficar nem mais uma semana aqui..."

"É problema..."

"É... Problema..."

"Os soldados Carlos, António, Rodrigues, Macuacua e José estão nesse batalhão..."

"É, eu sei, chefe!... Cinco desfalques para nossa equipa de futebol!!"

1 de julho

Mandinho sente-se mal. Os sintomas me lembram uma velha sinusite que me incomodou por vários anos.

"Vai ao hospital, makwezo"

Entrou, saiu.

"E aí? O que tens?"

"Ih, makwezo, não se preocupa. Isso é uma coisa que temos na nossa família. Como não estou a morar com meu pai, dizem que são os defuntos da família dele que precisam de mim para alguma coisa... Já estou melhor. Passa rápido, isso"

Mais e mais e mais infelicidade

Manhã. Reunião marcada com vários líderes tradicionais e governamentais na comunidade do Bloco 2. Chega-se lá. Cancelada. Motivo: infelicidade. Quando alguém morre, todos os vizinhos e parentes perdem o dia de trabalho. Ajudam a família e acompanham o funeral. Todos os compromissos são desmarcados.

Tarde. Reunião marcada com vários líderes tradicionais e governamentais na comunidade de Mahubo 20. Como choveu, há problema de transporte. Anda-se um pouco, apanha-se uma carona. Anda-se um pouco, apanha-se uma carona. Uma pessoa consegue

caminhar por quase uma hora sem ver carros. Passam três, novos. Bôeres, sul-africanos a caminho da Ponta do Ouro, praia turística na divisa entre Moçambique e África do Sul. Esses não costumam dar boléia a ninguém.

De um lado, savana. Do outro, savana. Em frente, atrás: lama. O relógio é o único instrumento que pode medir o esforço. A impressão é de se estar andando numa esteira rolante.

Três horas depois de sair de casa, estou atrasado. Reunião, cancelada. Motivo: infelicidade.

Noite. Centro Cultural Franco Moçambicano, em Maputo. Ouço uma mulher linda fazendo piruetas com a voz e cantando jazz em changana. Nos jardins, enquanto observo esculturas feitas com velhas armas, converso com meu amigo Américo. Motorista, moçambicano, maputense. Visitava o CCFM pela primeira vez. "Eu passava muito aqui na frente. Vejo isso bonito... Sempre pensei que se pagava muito dinheiro para entrar."

Não, normalmente não se paga. Hoje, uma coleção de maquetes conta a história de Moçambique. "Agora que eu sei que é de borla, hei de trazer meu irmão".

O telefone toca. E fala que uma colega de trabalho faleceu. Versão oficial: anemia. Versão real: HIV.

3 de julho

Comemos moelas de frango com espaguete. Dona Albertina explica uma tradição. "Aqui, quando se mata um frango para a refeição, a mulher tem que servir a moela ao chefe da casa. Se a mulher esquece, pode ver que há problemas. Se for casamento recente, o marido pode até devolver a rapariga para a família." Américo completa. "Um bom machão tem que comer a moela."

####

Seis da tarde. Cochilo. Acordo uma hora depois. Procuro o telefone. Não encontro. O pouco tempo foi suficiente para que uma pessoa entrasse na cozinha e levasse uma mochila, nosso telefone e minha carteira vazia de dinheiro e rica de documentos, endereços e cartões de visitas. Daqui para a frente, cadeado na porta o tempo inteiro. A única maneira de nunca ser roubado, em qualquer lugar do mundo, é não ter nada.

Para debaixo do tapete

Começa a II Cimeira da União Africana. Líderes de vários países do continente reúnem-se em Maputo pra selar um pacto de união e para discutir o futuro de seus povos famintos. Para isso, os hotéis de luxo da cidade estão lotados. A tia de Américo, que mora num apartamento decente e bem localizado, alugou-o por 200 dólares/dia para uma delegação e está achando tudo ótimo e maravilhoso.

Perto do prédio onde se realiza o encontro, Moçambique é um país rico. Há bons restaurantes, casas suntuosas, ruas bem asfaltadas. Nada de lixo.

Mendigos, prostitutas e doentes mentais estão oficialmente proibidos de vagar pelos arredores. Muitos foram levados para Catembe, uma península que fica do outro lado da baía de Maputo. Os chapas também não rodam por lá durante esta semana. Escolas da cidade, todas fechadas. O argumento: zela-se pela segurança das autoridades estrangeiras.

O rebolado de Makeba

A cantora Miriam Makeba é sul-africana. Aos 71 anos, retorna a Moçambique depois de 27. Quando tocou aqui pela última vez, o país saboreava os primeiros dias de independência. Agora, faz dois shows. Um foi ontem, num lugar pequeno, exclusivo, para uma platéia de endinheirados. Hoje seria o dia do povo.

Quer dizer, o dia do 'povo' que tinha 150 mil meticais para pagar. 150 mil meticais equivalem a seis dólares. Seis almoços no mercado ou dez quilos de feijão. Não havia tanta gente no pavilhão do Machaquene. Um número desproporcional de brancos chamava a atenção.

Do lado de fora, mamans vendiam cerveja e espetadas³⁰ de frango e carne. Também tinha amendoim, hambúrguer, batata frita, biscoitos, refrigerante.

Às 18h, início da programação. Uma pá de bandas e cantores moçambicanos, famosos e anônimos. Alguns muito bons. Jeremias Nguenha, Mingas, Nanando. Canções em changana e muito batuque. Aos poucos, as pessoas iam descendo das arquibancadas a assumindo a pista-de-dança-na-quadra-de-basquete. Mas com cuidado para não tropeçar no fio da mesa de som, que passava pelo meio.

Makeba entrou cheia de energia, rebolandíssima, depois das 23h. A turma empolgou e cantou junto músicas em zulu e inglês. A maior animação, porém, foi quando mandou 'A luta continua', canção que fez para o papá Machel e que contagiou o público. Menos de uma hora de show, porém, mamana Miriam despediu-se. Não estava cansada, mas o equipamento de som não estava compatível com sua grandiosidade. Não estava mesmo. A pedidos, voltou para encerrar o repertório com a lendária Malaika, em suahili.

Depois da atração principal, os maputenses do K 10 fecharam a festa. Um dos vocalistas brincou. "A cimeira é muito boa. Da próxima vez, vamos pedir para fazer a cimeira em outros bairros, para ver se, aos poucos, limpam a cidade inteira."

7 de julho

Patrícia, Thiago e Rui são moçambicanos. Têm sotaque lusitano, compatível com a pela clara. Falam em dólar. Referem-se ao povo daqui na terceira pessoa: 'eles'. Trabalham com comunicação e vivem bem, esbanjando beleza e simpatia.

Sinais dos tempos

Há um esforço do governo para que a população participe do novo senso eleitoral. Este ano tem eleições autárquicas (para os municípios). O próximo, presidenciais.

"Pode-se ver que as eleições estão a chegar... Colocaram postes a iluminar a estrada...", avisa Dudu.

"É. Aqueles que não tomam banho estão a reclamar", brinca Antônio.

"Sim... Também acabaram-se as esquinas." Mandinho, como muitos outros, aproveita os cantos escuros da vila para namorar.

Passa uma menina e tira onda. "Mulungo! Mulungo!"
E eu: "Mulandi! Mulandi!"

Os meninos riem. "Você não pode ser mulandi! Tem cabelo que bate no ombro. Mulandi

³⁰ O que chamamos de "espetinhos"

tem cabelo curto!"

"Epa!", me meto. "Conheço uma menina linda daqui que tem o cabelo longo, rastafari"

"Ah... Makwezo! Vai conquistar, você..."

"Nada, makwezo... Ela tem namorado"

"Ê, pá! E daí? Aqui em Moçambique não tem isso. Só podemos tentar conquistar as que tem namorado. Damos cabeçadas uns nos outros. Se você procurar uma que não tem namorado, não há de encontrar"

"Afinal?"

"Sim!!! E essas que não tem namorado, é porque têm problema. Ninguém quer. Se você perguntar se tem namorado e ela disser que não, pode deixar"

"Afinal..."

"É, makwezo. Quando eu tenho namorada, tenho que passear com ela para os outros cobiçarem. Se não cobiçam, eu só posso é abandonar".

####

Na casa de dona Lourdes, caras novas. Uma filha, Sandra, que eu nunca tinha visto antes. Menos de trinta anos. Cinco filhos. Pais diferentes. Os mais novos, gêmeos recém nascidos, dividiam os colos da bisavó e de uma irmã.

"Dona Lourdes... Quantas pessoas vivem na casa agora?"

"Ih... Não conto... Varia muito... De nove para cima"

"E essa sua filha, tem marido pra cuidar?"

"Nada, abandonou..."

"Sandra, você não pode confiar em homem... Não tem medo de doença?"

"Ah... Problema não é homem. O que eu não tenho é sorte..."

Moram todos na casinha de caniço que ajudamos a levantar, há uns meses. Um pouco doente e ocupada com a machamba, dona Lourdes não vende mais nada na barraquinha.

"Minhas filhas me roubam. Não podem vender. Só quem pode vender é Sérgio (o filho de 22 anos, deficiente físico). Ele não tem pernas, então não pode roubar. Essas outras tem pernas... O problema é que ele não conhece dinheiro".

"Afinal essas outras não ajudam em nada?"

"Ajudam... Ajudam comer"

10 de julho

Sentado no chão, espero o chapa. Na comunidade de Jossias Tongongara, o transporte é difícil. Poucos carros. Do outro lado da estrada de barro, um senhor de terno surrado me chama. Não deve ser comigo. Continua chamando. Deve ser comigo. Chama mais uma vez. É comigo.

Não querem que eu fique sozinho. A família oferece assento, assunto e cerveja dentro de uma barraca de barro. Cabeça branca, sorriso tranquilo, seu Caetano aperta minha mão com força. Setenta anos, muitos deles passados na África do Sul. O segredo da longevidade. "Não bebo essas coisas industrializadas. Só totonto", ensina, mostrando o copo do destilado artesanal que entorna como se fosse água.

Quinze filhos, todos com a mesma mamã, uma senhora enorme em todas as direções, que me traz Laurentina Preta quente. Fala da prole. Uma está casada na Suíça, outra na Alemanha, outra em Portugal. "Esses de sua pele não tem confusão", explica a mãe,

agradecida pelo dinheiro que as moças mandam regularmente.

A mais nova, dezoito anos, linda. Vejo-a deitada numa esteira, dentro da barraca. "Tenho asma." "Ainda não está casada?" "Não", quem responde é a matriarca. "Esta está a estudar. Não tem pressa".

Política no GATV

Autoridades da saúde nunca antes vistas amontoavam-se no gabinete de testagem voluntária em Boane. O protocolo da Cimeira da União Africana havia anunciado duas visitas. Um representante das Nações Unidas e um grupo de primeiras-damas. Biscoitos caros e pastéis de nata foram comprados especialmente para a ocasião. Telefones celulares tocam sem parar. E ligam sem parar. Não se sabe a hora da chegada dos 'não-convidados'. Alguém diz que é às nove. O relógio marca nove e meia.

As autoridades estão preocupadas. Precisam sair para beijar a mão de alguma outra celebridade internacional. São onze horas, a primeira visita oficialmente cancelada. Não há tempo no programa do braço-direito de Kofi Annan. Biscoitos e pastéis de nata começam a ir para a barriga dos anfitriões. É uma da tarde. Todos se foram. Ninguém mais vem. Quer dizer...

As visitas mais importantes do dia não faltam. Três pessoas da comunidade, infectadas pelo HIV, que tentam iniciar um grupo de apoio a eles mesmos. Perceberam que, sozinhos, não podem fazer muito. A conversa tem início e eu procuro falar sobre dificuldades, preconceitos, problemas psicológicos. Seu Fernando é meu amigo e vai direto ao ponto.

"Sinceramente, não tenho problema nenhum. O problema é só a falta de comida. Só e só."

12 de julho

Faz-se o "mal coado" com farelo de milho. Fermenta-se em grandes tonéis de plástico. "É a nossa cerveja tradicional", celebra um papá com os cantos da boca sujos dos restos de farelo que sobram no líquido. Ainda não eram 10 horas da manhã e pelo menos três senhoras nessa casa estavam completamente embriagadas.

Algumas famílias da vila dedicam-se ao fabrico da birita. Como a fermentação demora uns poucos dias, nem sempre o produto está disponível no mesmo ponto de venda. Um montinho de farelo colocado na frente do quintal é o aviso aos pinguços locais.

Um copão de quase um litro sai por 3 mil meticais. O preço de três laranjas.

Moçambicanidade

Conversando com o pessoal da vila, aprende-se muita coisa.

Que uma mulher menstruada não pode entrar no galinheiro. O mesmo vale para uma senhora que acabou de fazer sexo com o marido. Antes de se meter com os pintos, ela precisa tomar banho e colocar uma roupa limpa;

Que as famílias machanganas têm que realizar uma cerimônia tradicional para seus ancestrais todos os anos. Nessas ocasiões, a farra pode durar até dois dias. Dança, comida e bebida. Quem pode, mata um boi. As pessoas são chamadas pelos seus nomes tradicionais, que não estão no bilhete de identidade. Meu amigo Pilatos, cuja família reúne-se no mês de dezembro, vira Nhakombela;

Que quando o tempo está nublado, mas não chove, as pessoas não podem ir à machamba. A desobediência pode fazer com que o céu 'trave' a água.

Ouvi do estudante Amaral, 17 anos: "Na altura, chovia todos os anos, sempre de novembro a fevereiro. Nossos avós rezavam, faziam aquelas cerimônias e a chuva sempre vinha. Agora veio o desenvolvimento, vivemos a vida dos brancos. Agora não chove mais."

Virou Brasil

O Tasquinha é um lugar elegante. Cheguei com duas brasileiras. Beatriz e Patrícia. A primeira é mineira, médica e trabalha aqui. A outra é pernambucana, dentista em Angola. Veio passar uma semana, conhecer.

Na entrada tem um pub, onde pedimos chopes e caipiroska. Glória é a anfitriã. Também brasileira. Vários anos moçambicanos, ao lado do português Zé. Ao nosso redor, muitos outros conterrâneos. A negócios. Quatro homens que buscam um teco do mercado nacional.

A comida saiu e fomos convidados a entrar. Na minha frente, um pedaço de carne crua e uma pedra quente. A sacada era cortar a danada, assar, meter uns molhos e mandar pra dentro.

Uma bela moçambicana chegou e nos foi apresentada. Namorada de um paulista, rainha da bateria na única escola de samba que existe em Moçambique, que Glória preside. No som, depois de dois Tim Maias, tocou uma música dos Tribalistas. A beldade africana cantarolou. Sabia a letra melhor do que eu.

Nuances

Estamos na comunidade Bloco 2, criada ao redor de uma falida empresa de laticínios. Todos perderam o emprego. Agora, muitos homens trabalham na África do Sul, transformando a zona numa área de mulheres e crianças. E velhos. Com um destes, eu conversava sobre sexo. O papá é um dos chefes da aldeia. Seis mulheres. "Uma para cada dia da semana. No domingo eu descanso."

Eu queria saber porque as pessoas têm vergonha de falar que têm HIV. Afinal de contas, fala-se de malária, tuberculose ou cólera sem grandes atropelos. "Ora", me explica o papá, "Isso é transmitido pelo sexo. Sexo é coisa suja"

"Mas papá", questiono, "Todo mundo não faz sexo? O senhor mesmo não faz todos os dias?"

"Sim, mas ninguém faz de qualquer maneira, no meio da rua. Fazemos escondido porque sabemos que é coisa feia, suja. Todo mundo faz, mas ninguém fala".

18 de julho

Enquanto espero o tradicional frango com chima da dona Rosa, fui tomar uma cerveja na barraca vizinha, aproveitando a conversa da Dona Joice. O irmão da dona da barraca trabalhou no serviço diplomático moçambicano e também estava lá. Ofereceu-me um pratinho de camarão no alho e óleo que ele mesmo preparou. Convidou-me para conhecer a fazenda ("um paraíso"), elogiou Lula e disse que fora padrinho do casamento de Fábio Junior com Glória Pires, em Portugal.

Pesos e medidas

Amertino nasceu há quatro anos, filho de Vitor. Mora com a mãe, no norte do país. Este ano, pela primeira vez, passa o aniversário com o pai. Orgulhoso, meu amigo macua quis comprar um cabrito para comemorar. Não conseguiu, mas comprou carne e fez uma grande festa. Chamou os amigos, que chegaram às 18h para o evento marcado para as 16h.

Ao discurso emocionado do anfitrião, fartamo-nos de macarrão, carne, chima, batata frita, arroz e feijão. Duas caixas e dois garrafões de vinho. Música alta.

O dono da festa 'abriu o salão' dançando música lenta com a namorada. Perto da meia-noite, despedida. Antes de chegar em casa, desviei-me com Patrícia para a discoteca Bantu. Ao pagar a entrada, minha amiga cobrou um comprovante. "Não se preocupe", brincou o moço da portaria. "Você é a única branca daqui. Nós sabemos que você pagou."

Dançamos mais, bebemos mais, brincamos mais. Beije a moça e meu amigo DJ tirou onda no microfone. "Atenção, não pode beijar!"

20 de julho

O aglomerado dos Pequenos Libombos, uma vila cercada, é onde moravam os engenheiros da obra da barragem que tornou-se ponto turístico. Casas bonitas, um restaurante, uma piscina, duas crianças de patins in-line nas ruas asfaltadas. Poderia ser qualquer condomínio fechado em qualquer lugar do planeta.

Com uma boa caminhada chega-se à barragem. Muita água cercada numa grande intervenção humana na natureza. Subi numa escada provavelmente proibida e a vista ficou ainda melhor. Água à frente. Às costas, lavouras irrigadas.

Jeitinho

Seis horas da manhã. Aeroporto Internacional de Mavalane. Patrícia, com quatro malas e uma timbila na mão, preparava-se para embarcar. Na porta do táxi, um dedicado funcionário fardado ajudava com a bagagem diante de meu olhar suspeito. Acompanhou minha amiga durante todos os procedimentos e disse-me, como em segredo.

"Houve excesso de peso"

Sim, e daí...

A amiga se despede. Até mais.

"E o excesso de bagagem"

Afinal, ela não pagou?? No guichê? Onde deveria ter pago?

"Nada... consegui que ela não pagasse... Desviamos a bagagem... Demos um jeito... Agora tem que dar uns trocos lá..."

Porra, e porque não cobram na hora, do jeito certo?!!

Meto cinquenta na mão do moço. Revoltado.

O lobolo de Leonardo

Leonardo, jardineiro, dublê de vigia noturno, meu amigo.

"Ivan, não quer conhecer em minha casa?". "Quero, Léo, onde é?" "No mato, tatana".

Foi a deixa. O moço estava casando. Lobulando. Já está com a mulher e tem um filho de quatro anos. Mas é hora de fazer a cerimônia tradicional. O lobolo, quando a família da moça oficialmente a passa para as mãos da outra família. Dois dias de evento. Um de preparação, outro de farra. Chegaríamos no fim do primeiro, para aproveitar bem o segundo.

E assim fomos nós. Para o mato. Comunidade de Boquiço. Distrito de Inharime. Província de Inhambane. Terra do povo machope.

Eram seis horas da manhã. Chapa para Maputo. Eu, Leonardo e a esposa de um outro amigo. Mochilas e sacos. Cebolas, farinha de milho, arroz. Coisas que faltam da lista que a família da noiva entrega à do noivo. A lista deve ser cumprida à risca, sob pena de multa em dinheiro.

Em Maputo, trocamos de transporte e pegamos um ônibus que veio direto da oficina, onde tentava-se resolver um problema no freio.

Dividi as oito horas de viagem entre tentar dormir e não conseguir. Nas não-consequências, conversava com Juju, minha vizinha de assento. Estudante da 12ª classe, ia visitar a família no interior. "Nunca fui lá, mas acho que vai ser bom ir para o mato, ver como é aquela vida selvagem que eles levam", dizia, sem brincadeira.

Na mochila, papel higiênico e pasta de dente não podem faltar. "Não se pode confiar nessas coisas de mato..."

Durante o caminho, algumas paradas. Rápidas. Para se fazer xixi. Mulheres de um lado da estrada, homens do outro. Vai, faz, entra. Assim, às vezes dá pra comprar alguma coisa, pela janela. Comprei tangerinas, que dividi com um monte de gente, meti as cascas de volta no saco plástico. Noutro pit-stop, vi um lixeiro e pedi a ajuda do cobrador. "Estou pedir colocar isso no lixo."

O moço esperou, esperou. Quando o carro começou a andar, o saco foi parar no mato. "Amigo, eu não pedi para o senhor colocar no lixo? No chão eu mesmo jogava..." "É, mas o senhor não sabe. Aquele lixeiro não é nosso. Se eu deito lixo lá, eles iriam me confundir."

Noite. Estrada de barro. De um lado, mato. Do outro também. Luz, só o farol do chapa, que nos mostrava a terra batida, esburacada em que o veículo-lata-de-sardinha pulava pulava. As pessoas indicavam os lugares onde queriam descer. "Depois daquele cajueiro", "Na entrada daquela curva".

Descemos. Sacos na cabeça. Leonardo saca a lanterna e aponta para uma trilha. "É por ali minha casa."

Trinta minutos. Cebolas na cabeça. Todas as estrelas do mundo um pouco mais acima. Três meninas aparecem, como do nada. "Mano Leeeeeeo!!!", gritam e avançam para nos livrar de todo o peso. Pegam tudo. Andam. Seguimos. Chegamos.

Muitas pessoas se reuniam dentro de uma palhota, em volta da fogueira. Três cadeiras são colocadas do lado de fora. Sentamos. Uma por uma, as pessoas saem para cumprimentar. As mulheres dão dois beijinhos. Os homens abraçam forte, também duas vezes, como se beijassem com o tórax. Fala-se Chichope.

Não demora e um rapaz aparece por trás. "Licença?"

Puxou minha cadeira e foi-se embora. Antes que eu pudesse esculhambá-lo em pensamento, o menino volta. Faz sinal para acompanhar. A cadeira agora estava a uma mesa. Candeeiro em cima. Homens mais velhos sentados ao redor. Juntei-me a eles e fui apresentado ao pai, ao tio. Ao lado, numa esteira, duas senhoras.

A má notícia. Havia infelicidade na zona da casa da noiva. Assim, fica proibida a festa de hoje. Não se trabalha nem se faz festa quando existe falecimento na vizinhança. A preparação fica adiada para amanhã. A farra para o domingo.

Uma senhora se ajoelha ao meu lado.

"O banho já está"

Um candeeiro me leva à casa de banho. Um quadrado de caniço atrás da casa. Lá dentro, uma grande bacia de água quente e um sabonete. Meu banho.

Cheiroso, refeito, volto à mesa. Bem na hora. Chegam vasilhas. Arroz, caril de peixe.

"Não quer fazer a oração?"

"Quero". E faço.

Como. Bebo água. "Esta é água da chuva, tatana", explica Leonardo. Mais vasilhas. "Come chiguinha?" Chiguinha é um preparado de macaxeira, com folhas ou com feijão. Esta tem a folha da própria macaxeira.

Para afastar o frio. Serve-se chá com pão. Um primo simpático pergunta sobre o Brasil. "Como é a história do país? Queria saber sobre aquele vosso presidente, Fidel Castro..."

Um dos irmãos de Leonardo, que também mora na cidade, chega com castanhas.

Enquanto eu não me levantar da mesa, a comida não vai parar de chegar. A mamana que nos acompanhou chega. Se ajoelha e pede para dormir. É indicada o caminho. Passam das onze. Peço o mesmo e o candeeiro me leva à minha palhota. Uma casinha redonda, de caniço com barro. Telhado de capim. Sou visita, ganho a cama. Os donos da casa ficam na esteira. As crianças cantando do lado de fora embalam meu sono.

####

Galos me acordam. É dia de preparativos. Mulheres varrem, cozinham. Homens engraxam seus sapatos de festa, indiferentes à poeira. Um dos cunhados de Leonardo acorda com a mesma gravata do dia anterior. Formalidade a toda prova.

O primo e o irmão me convidam para um passeio. Precisam comprar petróleo para os candeeiros. Montamos em bicicletas e partimos. Mata verde, barro batido. Cajueiros, tambeiras, coqueiros. Meia hora até uma barraquinha onde uma senhora sonolenta abana um bebê cercado de moscas. Compramos petróleo, biscoito, café, óleo. Tomamos uma Coca-Cola resfriada pelo cacimbo da noite. Energia elétrica, nem em sonho. Não se vende papel higiênico. O irmão me ensina a usar uma planta.

Leonardo me escolheu para fazer seu "cortejo". Isso quer dizer que, durante todo o dia, não posso sair de perto do noivo. E preciso vestir uma "roupa de responsabilidade", em sinal de respeito à família da noiva. O primo me ensina. Sapato, camisa de botão, gravata. Ooops. O adereço do pescoço, não tenho. Leonardo chega com uma listrada. Minha camisa é quadriculada. "Combina tatana?" "Tem outra?" "Não..." "Então combina".

O primo me ensina que durante a caminhada posso manter a barra da calça dobrada. Ao chegar na casa da noiva, porém, preciso desdobrar. "É coisa de responsabilidade..."

Mais uma vez o menino me pediu licença para pegar a cadeira. Sinal de que tem comida pela frente. Pato guisado.

Enquanto vou terminando a refeição, começa a conferência da lista. Homens de um lado, em cadeiras. Mulheres do outro, em esteiras. Tudo vai sendo trazido e colocado no meio. Pães, dinheiro para o pai da noiva, farinha, arroz, cebolas, açúcar, roupa para a mãe da noiva. Um galo, um porco, um bode. Bebidas tradicionais: sura (uma fermentada que se extrai da palmeira) e totonto (aguardente, este de azeitona roxa)

Papel em mãos, o irmão e o tio certificam-se de que não falta nada.

"Está tudo?"

"Está"

Uma das senhoras lidera uma reza. Depois uma música. Estamos prontos. A caminho. Leonardo está preocupado. Não quer pagar multa por atraso. Há quatro anos, gasta dinheiro com a família da esposa. Primeiro, quando engravidou a moça, precisou desembolsar uma taxa de 1,2 milhão de meticais e um cabrito. Depois, no anelamento, sofreu com uma lista. Agora, no lobolo, precisou comprar mais outra. "Depois disso acaba, tatana. Mas temos que chegar às 14h!"

De uma casa para a outra, quase duas horas de mato. As mulheres cantam, todas com carga na cabeça. "O, lava cunhada / famba na iena". Para as mulheres da família, é uma alegria quando chega mais uma. Assim, é mais uma pessoa para ajudar no trabalho de casa. Buscar água, cozinhar, arrumar, lavar, limpar. São trabalhos para mulheres.

Na chegada, as duas famílias cantam ao mesmo tempo. Uma para pedir entrada, a outra para dar as boas vindas. Depois juntam-se em música e novamente separam-se homens e mulheres. Cadeiras e esteiras.

Passa pouco das 14h. Até as 18h, não se faz nada. Algumas mulheres ao longe descascam mandioca e pilam folhas. O protocolo nos impede de levantar.

Agoniado, viro-me para o noivo. "Leonardo, o que está a acontecer?" "Não sei, tatana. Coisas de tradição". É costume fazer o noivo esperar, um requinte de sadismo à família que já teve que se sacrificar para atender às exigências da famigerada lista do lobolo. Com a fuga do sol, vem o frio. Abrigamo-nos em fogueiras. Família do noivo, família da noiva. Uma alma piedosa joga espigas de milho no fogo.

Leonardo sai e volta triste. O pai da noiva cobrou 460 contos de multa. A lista que o noivo tinha em mãos não estava completa, dizia o sogro. Depois do pagamento, pela primeira vez, Leo poderia ver a esposa. Como 'cortejo', acompanho. Entramos na casinha onde a moça teve que se esconder o dia inteiro. Com o cabelo cheio de bobs, estava contente, sentada num sofá em companhia do filho. O noivo sentou, pegou-lhe a mão e ficamos conversando.

Um som movido a bateria de carro começa a tocar do lado de fora. Dentro, chega comida. Arroz, coelho, chiguinha. Água da chuva. "E quando não chove?" "Ih, tatana. Aí as mulheres têm que ir buscar looonge", Leo explica. Como se tivesse pena, mas não a vontade de ir ajudar.

O entra-e-sai é grande. Estou curioso para ver lá fora. Não posso sair do lado do noivo. "Daqui a pouco vamos ver o movimento, tatana" "Beleza, tatana".

Saímos faltando pouco para a meia-noite. As mananas da família do noivo estão revoltadas. A elas, não foi servido chá. Comeram com as mãos, quando a ocasião implicaria num luxo a mais: a colher. Estavam com frio e foram mandadas dormir longe da fogueira. Nem a sura que haviam trazido lhes foi dada. Começa um movimento revolucionário. "Tsimbilane, tsimbilane!" (vamos embora)

"Tatana, minha família resolveu ir embora".

"Como assim embora?"

"Embora, não tem mais casamento. Estão sendo mal tratadas as mamas. Vamos todos embora!"

"Tsimbilane, tsimbilane!"

Novamente, mete-se tudo na cabeça. Trilha de volta. Não há mais música. "tsimbilane, tsimbilane!" Procuro engolir o riso. Alguns tios correm para avisar que a noiva desmaiou. Fracassada tentativa de trazer a turma de volta. "Desmaiou na casa do pai. Que o pai cuide dela", desabafou uma das 'nossas' mamas.

Quase três da manhã, estamos novamente em casa. Os mais jovens apressam-se em ligar o som na bateria de carro e começar a dançar. "Agora temos que tomar aguardente! Só podemos fazer festa até de manhã!".

O avô chega depois, devagar. Tira o chapéu, manda desligar o som. Senta-se junto à fogueira e começa a falar. Num instante, todos os quase quarenta da casa estão ao redor, escutando. Os mais velhos dão suas opiniões, os mais novos escutam.

Um pouco mais distante, uma senhora começa a gritar alto. Um dos madalas (mais velhos) levanta-se e caminha na direção dos gritos. Ninguém presta atenção. Tenho a impressão que só eu estou ouvindo os gritos, que param depois de alguns minutos. Todas as atenções estão para a discussão dos conselheiros. Chamo Leonardo depois. "A senhora estava passando mal?" "Sabe como é...Nada muito mal, só essas coisas de curandeirismo..."

Na reunião de família, decide-se voltar para a festa. Leonardo protesta. "Quero ir para Maputo logo cedo. Não quero voltar lá!" O noivo, porém, não pode agir por vontade própria. O casamento é um negócio da família inteira. Baixa a cabeça e promete ir buscar a noiva no dia seguinte. Haverá festa, com direito a música, cabrito, galinha, porco, muita comida e muita bebida. Ainda antes do amanhecer, os madalas voltam à casa da noiva, com um pedido de desculpas, uma multa de 50 contos e a confirmação do lobolo.

Os primeiros raios solares me encontram na paragem do chapa. Preciso trabalhar e não posso ficar para a festa. Nas mãos, uma galinha de capoeira viva. Presente da família para eu comer em casa. "Visita não pode ir de mãos vazias".

Banquete

Seguro o cabrito pelos chifres. Um amigo segura a boca, outro as pernas. É dos homens

a tarefa de sacrificar o animal. Hoje vou almoçá-lo na companhia da comunidade de Maelane. Um homem da própria aldeia tem a responsabilidade de cortar-lhe o pescoço. O animal não pode ser morto por um forasteiro. Com um pé amarrado num galho de árvore, o bicho vai perdendo a pele. Os interiores são retirados e vão virar guisado. Os testículos vão para o dono. Comê-los traz fertilidade e é regalia do homem da casa. O pênis do bicho também é retirado. Vai ser queimado e pilado. Virar remédio tradicional para impotência e outros males.

Dentre as várias mesas, sou convidado a sentar com as lideranças da vila. Os pastores das igrejas, o presidente da aldeia, o secretário do bairro. Somos os primeiros a ser servidos e não metemos a colher antes da devida reza. Enquanto como, chega um prato especial para os chefes. Bucho e tripa. "Você conhece isso?" A sobremesa é uma toranja colhida na própria região.

Satisfeitas, as pessoas vão deixando a sala da escola onde é o almoço. Peço licença para levantar e recebo o aviso de que devo ficar. "Vai ter mais alguma coisa? Porque as pessoas estão indo embora?"

O pastor ri. "Ah, é porque agora não é para os pequenos. É só para os grandes."

E explica: "A tradição em África é assim. Quando temos um visitante, temos que matar um animal maior que galinha. Tem que ter quatro patas. Depois que todo mundo come, precisamos servir a cabeça do bicho e os pés, para que o visitante veja que o que se comeu é realmente o que dissemos que era."

Assim, alegremente, vi chegar o guisado da cabeça e dos pés do nosso assassinado almoço. Servi-me pouco, comi um pouco. O gosto é de cabrito, embora a textura dura e gosmenta não seja nada convidativa. Agradei a honra.

4 de agosto

Na primeira semana do mês, Maputo sedia o "Festival D'Agosto". Literatura, teatro, música, dança, artes plásticas, o escambau. Artistas de vários países vêm apresentar-se no evento que acontece em vários locais simultaneamente.

Fui ver o que era isso na companhia do meu amigo Nassim, canadense, filho de um marroquino muçulmano com uma judia novaiorquina. Passou uns meses estudando em Uganda e agora está dando uma volta pela África Austral antes de voltar pra casa.

No Centro Cultural Franco Moçambicano, havia uma exposição de arte moderna. Escovas de dentes nas paredes e carrinho de compras no meio do corredor. Vanguardismo.

Um português apresentou-se misturando vários instrumentos de percussão africanos com um sampler. Matchume, tocador de timbila, saiu no meio. "Aquilo não é minha cena."

Acaba um, troca de sala, começa outro. "Cia d'Artes." Vi um monólogo feito por um brasileiro.

"Para onde ir depois?"

O Bar Califórnia fica na rua Ho Chi Min e não fecha nunca. Nunca. Não tem nem porta.

7 de agosto

Precisei abrir uma conta no Banco Standard Totta de Moçambique. Cheguei com uma

carta da cooperação técnica alemã (GTZ), para quem presto uma consultoria em setembro. Uma moça sorridente, sentada numa mesa bonita, ajudou a preencher um formulário. Documento necessário: cópia (não autenticada) das primeiras páginas do passaporte. Só. Se não tivesse a carta, precisaria de um depósito inicial. "Quer a conta em dólares ou em meticais?" "Em dólares" "Ok, tudo certo. Pode ir. Liga para mim à tarde pra eu te dizer o número da conta" "Obrigado". Mais tarde, ligo. "Oi, aqui é Ivan". Pronto, já tenho o número.

A propriedade de tio João

Noite. Venda da tia Joice. Perguntei pelo irmão, o tio João, aquele que foi ao casamento de Fábio Junior. Estava numa outra barraca.

Tio João estava no pequeno balcão. Chapéu de couro, tomava Heineken e contorcia-se ao som de Eric Clapton. Parou para me abraçar. "Eu gosto é de múuuusica, meu sobrinho! Sua tia Joice não tem aparelhagem. Não estou atrás de putas nem de nada. Música é que acaba comigo. Ouça esse blues!"

Meteu uma 2M na minha mão e apresentou-me um companheiro de copo. "Esse é o Cossa, meu capataz."

Tio João havia decidido. Hoje eu conheceria sua fazenda, seu 'paraíso'.

"Cossa, coloca estas cervejas no carro. Meu sobrinho, gosta de peixe? Vamos comer um peixe. Você vai ver que eu não sou preto. Sou negro."

Passamos na outra barraca somente para chamar as mulheres. Tia Joice e Tia Ilda, esposa de João, uma mulata moçambicana fascinada por fados. Minhas amigas norte-americanas estavam com sono e preferiram voltar para casa. "Essas devem ser da CIA", Tia Joice disse sem esboçar sorriso.

Entramos no carro. Dez minutos de samba no toca-fitas. Chegamos à propriedade, devidamente cercada e vigiada por homens armados. "Isso aqui tudo é meu" Ao sinal do farol do carro, um empregado tratou de ligar o gerador. Luzes acenderam-se, cervejas surgiram, uma churrasqueira ganhou brasas e um grande peixe começou a bronzear-se. As senhoras encarregavam-se da comida enquanto eu era levado a conhecer a propriedade. Pequenas plantações, um bar. Na beira do rio, um freezer quebrado convenientemente instalado para manter bebidas geladas por mais tempo.

A casa grande, enorme. Sofás, equipamento de som, televisão, muito luxo. No quintal, alguns carros, muitos cachorros. Várias raças. Dois ou três poodles brancos.

"Está frio, meu sobrinho? Siteo, traz aqui o lume para perto do meu sobrinho que ele está com frio!!" E num instante o empregado deixava o fuzil de lado para providenciar um pequeno fogareiro ao lado da mesa onde esperávamos o jantar.

Tio João e Tia Ilda são bons de conversa. Me falaram das três filhas. Uma modelo profissional, outra diretora de uma cervejaria, outra mora na Suíça.

10 de agosto

Último dia do Festival D'Agosto. Centro Cultural Franco Moçambicano. Auditório cheio. Cada uma das bandas que participaram do evento ia e dava uma canja. Uma música. Embora o tempo de passagem de som fosse sempre maior que o tempo da canção, a turma batia palma. Bate-se muita palma em Moçambique, principalmente quando o apresentador da noite fica mandando bater palma o tempo todo. Estava com a amiga

Amália.

"Amália é machangana?"

"Não, não vê que eu sou de Nampula?"

"Não, como?"

"Esses dentes da frente um pouco afastados. Isso é uma marca registrada dos macua"

Dos macua, só sabia a conhecida história do tamanho do clitóris. Não quis confirmar.

Fim de festa, a turma parte numa busca alucinada por comida. Parada na Feira Popular, onde várias barracas oferecem o que há de mais tradicional na gastronomia popular da noite Moçambicana: frango grelhado com batatas fritas. Alguns amigos da banda Timbila Muzimba e muitos gringos: eu, brasileiro; Liz, americana, Ana, sueca, Nassim e Erin, canadenses. Nas últimas mordidas, soubemos de uma 'jam session' que acontecia no Teatro Avenida, não muito longe.

Um palco, alguns tambores. Percussionistas amadores e profissionais que sobem e descem. Pessoas que dançam. Batuque, batuque, batuque, batuque. Suor, suor, suor. Pouca conversa. Uma mulata de cabelos trançados fazia os passos do frevo. Tesouras e dobradiças.

"Você aprendeu isso onde?"

"Ih, não sei... Veio agora na minha cabeça"

"Você sabia que isso é o frevo, uma dança tradicional do Nordeste do Brasil?"

"De onde?"

Durante algumas horas, cerca de cinquenta pessoas desfrutaram de uma espécie de transe coletivo a base de música. Momentos quase religiosos. Comunicação por olhos, braços, pernas e quadris. Gente bonita que dança até com os dentes.

###

"Como é seu nome?"

"Depende de quem pergunta..."

Muitas pessoas tem dois nomes. Um em português, que consta no Bilhete de Identificação (BI) e nos documentos oficiais. O chamado "nome da escola". O outro, "nome da casa", é o nome tradicional, africano. Assim Cândido e Rogério são os machopes Machume e Lavisseni.

11 de agosto

É bonita a vista da rua Friederich Engels (Lembra? Aquele cara que ajudou Marx na teoria socialista), que fica na rica zona da Polana e dá para um calçadão à beira do mar. Turistas passeiam ao lado de crianças, filhas de casais abastados, sempre na companhia das empregadas.

Queria me sentir rico e resolvi comer pizza. Queijo é luxo em Moçambique.

New York Pizza. Na capa do cardápio, uma foto da Estátua da Liberdade, com um rosto diferente. Pergunto ao garçon: "Chefe, quem é essa senhora?" "É a filha do dono." Dentro do cardápio, várias opções, todas em inglês.

As paredes, sem nenhuma intenção pacifista, são um chamado à paz mundial. Enormes quadros de Manhattan (ainda nos tempos pré-ataentado, com Torres Gêmeas e tudo) dividem espaço com escrituras em árabe. A pizzaria tem o selo 'hallal', uma garantia de

que a comida pode ser papada por muçulmanos. Não há porco em nenhum prato e todos os animais a serem consumidos foram mortos da maneira que Maomé permite.

Polêmicos

Na maior praça da Rua 24 de Julho estão bandeiras dos Estados Unidos, da União Européia e da Alemanha. Pichada num muro, a identificação do local: "Base Central Magermany".

É onde se reúnem trabalhadores que estiveram na antiga Alemanha Oriental através de um acordo dos dois governos. Com a queda do muro de Berlim, todos voltaram para casa e descobriram que nem todo o dinheiro pago pelos alemães ao governo moçambicano havia chegado às suas famílias.

Agora, essa turma aproveita todas as oportunidades para lutar por seus direitos. Os métodos, pouco ordinários. Durante as celebrações do Dia do Trabalho, em 1 de Maio, por exemplo, apareceram com cartazes pedindo uma invasão americana a Moçambique.

Aos poucos, o grupo vem conseguindo progressos junto à justiça, mas estão sempre entrando em confronto com a polícia. Não raro, muitos são presos. Ou acabam mortos pelos homens da lei.

14 de agosto

A zona da Coop (lê-se 'Cupe') é uma das mais endinheiradas de Maputo. Prédios luxuosos, mansões, embaixadas, um pequeno supermercado onde se pode comprar vinhos famosos. Ruas limpas. Carros 4x4 estacionados nas garagens. Num dos muros, encontro pintado: "Viva as idéias de Marx, Lenin e Engels, os criadores do marxismo-leninismo."

15 de agosto

Comer os interiores do cabrito é privilégio para quem mata. Sangue, tripas, sal e alho misturam-se num ancestral do sarapatel. Bom com piri piri.

Dia de festa

É minha despedida oficial de Boane. O bode, devidamente guisado. O senhor Matateu, um 'otoridade', me telefona. Esposa vai fazer aniversário, quer juntar festas. Juntemos.

Passo a tarde observando panelas nas fogueiras, junto com mamas que descascam tomates, cortam o falecido cabrito e pilam alho com destreza. Alguém precisa matar a galinha. "Na minha tradição, mulher não pode matar animal", apressa-se a machuabo dona Fina, com uma criança no peito, a aniversariante.

Olho ao redor. Certifico-me. De todos naquele quintal, apenas eu pareço ter testículos e cabelo no queixo. Cabe a mim o dever do carrasco faminto. Facada no pescoço da penosa, sangue por todos os lados. Missão cumprida.

Entre uma fritura de batata e um molho de macarrão, alguém começa a falar de idade. Cinco mamas, devidamente de lenço e capulana. Cinco mamas, devidamente 'emanadas' pela idade e pelo sol. Cinco mamas, e apenas uma era mais velha que eu. Dona Fina, a amamentante aniversariante, está completando 21. Hoje desisto oficialmente de tentar adivinhar as idades das pessoas daqui.

###

Festa. O dono da casa, senhor Matateu, anuncia o motivo da celebração. Muitos batem palmas. Alguns não esperaram a 'abertura oficial do evento' e já chegaram bêbados. Anfitrião dá as ordens. "Os homens podem sentar-se à vontade e as mulheres cuidam de servir a todos. Não queremos confusão."

As mulheres servem. Os homens comem. Depois as mulheres comem. Depois eu como. Depois todo mundo bebe. E todo mundo dança.

O fotógrafo oficial da vila de Boane, um senhor que perdeu uma perna num acidente com mina, não descansa o dedo. As pessoas querem fotos, querem fotos. Querem lembranças. Assim, revezo-me em poses defronte da mangueira. Muleta de um lado, câmera do outro, o papá clica. E anota os nomes dos fotografados para a difícil coleta. "Pedir para fazer a foto é fácil... Pagar é que é difícil", brinca.

Confusão. Onde está a bebida? Vários dos meus convidados trouxeram garrafas de vinho. Desconfia-se que foram surrupiadas. O freezer está vazio. É cedo. Alguma coisa deve estar errada. Alguém me faz ir à casa do amigo Daniel. Saber o paradeiro do inebriante líquido. O moço, teoricamente responsável pela salvaguarda das garrafas, havia bebido em serviço. "Não sei de nada, não vi nada, não perguntei nada."

A bela, sorridente e retinta dona da casa está furiosa. "Um negro vomitou na minha sala!"

Entre sombras, percebo que a festa terminou quando sou praticamente o único a tentar os passos do kuduro. Entre sombras e demais bêbados, reconheço o caminho de casa. Deito depois das quatro e antes da cinco. O sol me escapuliu por entre os dedos.

Disse-me-disse

Não há ressaca em Moçambique. Aqui, chama-se balabazi. O que existe é uma fofoca interessante. Dizem as mas línguas que a nossa amiga dona Fina, a própria, primeira dama do senhor Matateu, é a responsável pelo desvio do vinho. Relatos vindos do mercado (da boca de uma senhora que eu nunca vi mais magra) dão conta de que a nossa anfitriã redirecionou algumas garrafas de bebida para uma outra geladeira, esta muito particular e muito trancada. Para despistar os convivas, haveria subornado Daniel, nosso vigilante frigorífico. O preço: cinco litros. Do branco.

Um outro colega recorreu à tradição para justificar sua suspeita: "Aqui, em dia de festa, os donos da casa nunca bebem. Ficam só a controlar. Mas sempre procuram guardar alguma coisa para o dia seguinte"

Imparcialidade e objetividade não existem nem no jornalismo. Na conversa das barracas, menos ainda. Não tenho como atestar a veracidade das informações acerca do desaparecimento etílico. Mas a história é boa. Assim, não mais voltei à casa do senhor Matateu. A verdade do povo é a minha verdade.

###

À tarde, chega um aviso. A cabeça e os pés do cabrito estão devidamente guisados. Refeição limitada a 'pessoas grandes', na casa de Salvador. Compareço, na qualidade de patrocinador do defunto. Tento esconder minha preferência pelos parcos pedaços de carne maciça que misturo com chima e peço ajuda ao vinho para mandar tudo para dentro.

Por direito, os testículos do bode teriam que ir para o meu prato. A tradição conta que traz fertilidade ao homem da casa. Cedo o privilégio ao amigo Salvador que, satisfeito, guarda

a iguaria para o próximo dia.

Parte III: Dzipelile³¹

21 de agosto

Não mais me surpreendem as viagens de chapa. Nem o motorista que dirige com uma cerveja na mão e para o carro para fazer xixi. Nem o cobrador que deixa todo mundo esperando para ir bater papo com o amigo. Nem o povo que não reclama de nada. Shana, minha amiga americana, faz cara feia. Quer chegar logo. Isto incomoda um pouco.

24 de agosto

Agosto é mês das ventanias. Ventanias que levam poeira a toda parte. Poeira que entra nos olhos e não sai quando eu mando.

Ventania que chega à praia do Bilene e que nos expulsa da beira do mar. Fugimos dos grãos de areia das margens do Índico. Flechadas em nossas costas tão nuas quanto medrosas. Encontramos abrigo no barco do senhor Martins e agora quem nos persegue é a água.

Importações e importâncias

Macia, província de Gaza. Saboreava um pedaço de pão. Aguardava meu frango à zambeziana (com molho de coco e amendoim) num agradável restaurante de beira de estrada.

Entra no recinto um jovem. Respeitoso, tira o chapéu quando se dirige a nós.

³¹“Boa noite”, em changana

Cumprimentanos segundo o costume.

"Bom dia"

"Bom dia"

"Assim tudo bem?"

"Tudo bem, não sei do seu lado"

"Aqui tudo bem"

"Saúde?"

"Tudo bem, nada mal. Aí?"

"Aqui tudo bem, obrigado"

"Estou perguntar se o senhor não quer comprar uns charutos que meu irmão trouxe de Cuba"

Poderiam ser 'habanos' falsos. Poderia ser maconha. Mas poderiam ser puros verdadeiros. Mais uma vez, para o bem da história, preferi não ver.

Na Zavala

Inhambane tem coqueiros. Muitos. Mais ainda do que você está pensando. Tem quem diga que a maior causa de morte na província é a queda de coco na cabeça. É brincadeira, mas poderia não ser.

Inhambane tem timbila. No distrito da Zavala, terra do povo machope, a carteira de identidade do povo é um instrumento que parece um chilofone. Feito de madeira com cabaças, a mbila é a estrela principal da música tradicional da terra.

Uma vez por ano, acontece o M'Saho, festival que chama pessoas de outros lugares à vila do Quissico para virem assistir às apresentações de mestres como Venâncio, um vovô que se apresenta com vários familiares, inclusive um neto de seis anos de idade.

Chego de ônibus e quase não desço. O cobrador não avisou que havíamos chegado no meu destino. Reclamei e levei esporro. "Tá pensando que aqui é chapa? Aqui a pessoa tem que saber onde desce". Briguei, desci, com a amiga Shana.

Do Miradouro, presentes. Coqueiros, lago, mar, terra. Visual de cartão postal. Onde ficar? Indicam-nos o Bar Africano. Custava 150 contos, normalmente. Para a gente, cobraram 250. Ficou por 200. Quarto com cama, espelho, cômoda. Uma lâmpada que só acende à noite, quando é ligado o gerador. No banheiro, o chuveiro já enferrujado nem mais se lembra da última vez em que viu água corrente. Para banhos e descargas, usa-se a água amarela de um balde ao lado da privada.

Passeio na vila. Bino puxa conversa. Vem uma criança e fala qualquer coisa. "Está a ver esse? Acabei de descobrir que é meu sobrinho. Filho do meu primo. Veio se apresentar. Só não conheço a mãe"

Bino é simpático. Quer saber quanto estamos pagando. "Por 100, vocês vão para a minha casa."

Bom de papo, o rapaz utiliza argumentos criativos. "Esse pessoal do Africano... Tem um segredo... O pai vai para a cama com as filhas. É feiticeiro, ele. E também tem muitos fantasmas aí neste bar. À noite, muita gente não consegue dormir."

Com dor no bolso, concordamos em nos mudar. Passamos a primeira noite no Africano (onde dormimos muito bem, obrigado) e as duas seguintes na casa de Bino.

As refeições foram sempre feitas na residência do rapaz, junto com a família e agregados.

Muito arroz, macarrão, verduras. Pouco peixe. Muita gente. Boa conversa.

O pai, senhor Zacarias, 52 anos, é pastor da Igreja Zione, que mistura os mandamentos cristãos com as tradições ancestrais africanas. Antes disso, porém, lutou na guerra de libertação. Do lado errado.

"Eu era do exército colonial e tive que lutar ao lado dos portugueses. Mas um dia, ouvimos um discurso do comandante Samora Machel. Ele dizia que, quando acabasse a guerra, iria acertar as contas com nós, moçambicanos que lutavam ao lado do inimigo. Assim, fomos ao nosso chefe e pedimos para sair. Nós sabíamos que os portugueses iam voltar para casa. Quem ia nos defender?"

Bino mora com os pais, a esposa, filhos, primos, sobrinhos, agregados. O terreno é grande. Nele, uma casa de tijolos e três pequenas palhotas circulares, cobertas de capim. Umadessas era nosso quarto. Na parede, uma figura de Einstein, um jogador de futebol sul-africano, propagandas de Fanta e de cerveja. Uma enorme faixa 'Bem vindos ao Festival da Zavala', devidamente surrupiada no ano passado. Arcos e flechas, antigas armas usadas pelos guerreiros machopes, agora apenas enfeitam o ambiente.

No quintal, bananeiras, mamoeiros, mangueiras, coqueiros (claro), limoeiros, pés de cana, tangerina, abacaxi. Plantas com folhas que "curam feridas que hospital não cura." Duas minúsculas arvoretinhas de maconha, recém plantadas pelo nosso anfitrião, devidamente escondidas dos olhos paternos.

"Aqui, quando chove, ninguém passa mal" decreta o papá Zacarias. Não é a primeira nem a segunda vez que alguém me diz isso. Nem vai ser a última.

###

A noite é na discoteca Timbila Zavala. Visitantes e locais se acotovelam em busca de um espaço para dançar passadas, kuduros, marrabentas, músicas de Britney Spears... É mais um DJ versátil.

Estou dançando, estou bebendo. Estou fazendo xixi. Um sujeito do meu lado me cumprimenta. Respondo. Se apresenta e, enquanto eu balanço, balança um crachá na minha frente. Orgulha-se de ser funcionário das Nações Unidas, de trabalhar com desminagem. Não por colher as sementes do mal, mas pelo bom salário. "Já fui para muitos países. Estou bem mesmo."

Comprar e beber cerveja é quase um ritual. Os que tem pouco dinheiro, buscam 'padrinhos' mais abastados para financiar a carraspana. Os que têm os bolsos mais cheios não se importam e sentem prazer de pagar. Afinal de contas, quem está pagando é porque está bem de grana. Tem status.

Muitas vezes fui adotado, sempre por acidente. Desta vez, não foi diferente. Quem me entrega a 2M agora é um outro 'desminador.' Gordinho, baixinho. Afeiçoou-se de mim porque é maputense. Bastou falar um pouco de changana para ganhar-lhe o coração. "Você é meu vizinho, meu primo!", gritava. "Eu sou de Maputo. Me English small small. Português bom. Changana bom. Já fui para o Kosovo, Montenegro..." Listou umas vinte vezes os países em que foi desminar. Ouvi falar que custa um dólar para se plantar uma mina no chão. Seiscentos dólares para se retirar. Imagino quantos desses não acabam bebidos em discotecas parecidas.

Meu padrinho-desminador não se conforma que eu não tenha uma namorada moçambicana. A cada vez que Shana vira as costas, ele pergunta. "Do you want black?"

Não precisa responder. Em segundos, ele chama uma desconhecida para dançar e joga a moça nas minhas mãos. Dou risada.

Três da manhã, chega com o telefone celular. "Fala com a sua cunhada." A esposa, do outro lado da linha, havia sido acordada. "Desculpa, minha senhora... Estou aqui com seu marido...Tenha uma boa noite..."

###

As orquestras de timbila se revezam no palco do Miradouro. As pessoas se acomodam ao redor. Enquanto os músicos batucam, dançarinos pulam e gritam, munidos de escudos, azagaias³² e vestidos com capulanas. Uma saia tradicional é improvisada com gravatas. Sinal dos tempos.

Nas mãos, sempre copos. "Podemos ficar com essa bebida o dia inteiro sem beber, mas temos que ter alguma coisa nas mãos, para mostrarmos que somos homens", acredita Bino.

Há quem reclame da festa. "Este ano não está a animar. Isso tudo porque morreu o régulo antigo, que fazia aqui a cerimônia tradicional antes da música. Como não fizeram a cerimônia, já houve três acidentes em Inhambane e este festival não vai ser bom. Deveriam pelo menos ter trazido um dos filhos do velhote. Assim, desse jeito, os defuntos da família não haverão de gostar", explica um companheiro.

Durante todo o dia, pessoas andam de um lado para o outro. Vão das timbila para os bares, dos bares para as timbila. Ou mesmo para canto nenhum. Passear é a grande sacada. Ver e ser visto. Pode ser aqui ou no Shopping Center Recife.

###

A sura é a bebida 'oficial' de Inhambane. Feita a partir da seiva do coqueiro, fermenta e enlouquece a galera a preços módicos.

Umova é feita de cana. Cozida, fermentada. Uma espécie de 'caldo-de-cana-envenenado', também chamado de 'ximovana'

Aguardente se faz de tudo quanto é fruta. Agora tomo o de laranja, que desce queimando mas deixa um gosto cítrico na boca.

Mazione

Tambores abriram meus olhos e me fizeram correr para fora da palhota. Convidado, fui assistir à missa presidida pelo papá Zacarias.

Três homens batucam em cadeiras dentro da igreja de caniço e capim. As senhoras, nas esteiras, usam pequenos pedaços de madeira. Percussão leve. Música música música. Louvor. Se quem canta, reza duas vezes, essa oração é forte.

Muitos envergam cordões coloridos, de proteção. Os homens carregam túnicas coloridas. Um deles tem uma capa como a do Super-Homem. Uma das mulheres veste uma roupa que parece a bandeira de Pernambuco. Azul, branca, vermelha, amarela. Um sol igual ao nosso, cruzeiros iguais à nossa. Só falta o arco-íris.

A Bíblia é lida, em changana. Em chichope, todos têm que se levantar para dizer o que

acharam da leitura, o que aprenderam. Dividem as dúvidas. Mesmo os visitantes participam desta espécie de homilia coletiva.

Chegando atrasado, um papá fica do lado de fora, mas acompanha toda a celebração.

Música, música, música. Louvor. Batuques, batuques.

Uma senhora se movimenta como se estivesse prestes a sofrer uma convulsão. A mamã da bandeira de Pernambuco põe-lhe a mão na cabeça e a acalma. Saem duas lágrimas. Palmas palmas. Música música. Batuque batuque.

Hora da benção.

Os mais velhos cantam e abençoam os mais novos. Passam a mão pelo corpo, untam a testa com óleo. Espantam as coisas ruins, trazem as coisas boas.

O Super-homem deita-se e é abordado pela pernambucana. Ela passa um porrete nas pernas dele. Ele chora, faz careta. Agarra-lhe a cintura e o ombro, arranca-lhe a capa. Ele está mais aliviado. Ela não é mais ela. Discutem. Ela não é ela. Ela é retirada da igreja, para que o encosto possa ir embora de vez.

Após a cerimônia, o papá Zacarias me explica. "Este jovem estava com um espírito sentado na barriga e não conseguia nem dormir direito. Sentia muita dor. Foi um feitiço mandado por um curandeiro que queria dinheiro do rapaz. Esse menino ficou aqui, de baixa, por uma semana. Todos os dias, sem poder sair da igreja. Agora conseguimos livrá-lo dessa confusão. Depois, na próxima semana, eu vou ter com esse curandeiro para dizer a ele que não quero mais esse tipo de coisa aqui na minha zona"

###

O palco que antes era das timbila, agora é das crianças. De um lado e do outro, meninas jogam um parente distante do 'queimado', jogando uma bola de um lado para o outro, procurando acertar-se, sem muita regra. Os meninos fazem carreira e pulam de um pequeno barranco. Caem sorridentes e voltam para saltar novamente. Esporte radical.

Latas de cerveja, tampinhas de garrafas, sacos plásticos. Sobrou muito lixo da farra do sábado. Tudo diversão para garotada. Em minutos, novas brincadeiras são criadas. Caixas de vinho são infladas e estouradas com os pés, antes de virarem sapatos ou chapéus. Reciclagem com criatividade.

Terra de boa gente

Da Zavala para a cidade de Inhambane são cerca de uma hora e meia de ônibus. Coqueiros por todos os lados nesse trecho da Estrada Nacional 1.

Inhambane transpira simpatia. Na ponta de uma península, a cidade é cercada de água por quase todos os lados.

Muitos têm descendência indiana, sejam muçulmanos que vão às mesquitas ou hindus que decoram as portas das lojas com folhas de mangueira.

Na província, nativos há bitongas que dividem também o lugar com matzuas e machopes. Todos moçambicanos.

Inhambane fica de um lado da baía. Maxixe fica do outro. Atravessa-se durante o dia inteiro. O pequeno barco a motor vira chapa e faz o percurso em cerca de vinte minutos.

Não há buracos, não há paragens. Pode-se ler tranqüilamente e aproveitar o belo visual que o Índico proporciona. Mas às vezes molha.

No cais, conheci Olinda. Vendia mulina, uma parente da paçoca, feita com amendoim torrado pilado, farinha de mandioca e açúcar.

Na casa do fluminense Caio, conheci Olinda. Trabalha como empregada doméstica há vários anos e é capaz de cozinhar galinha todos os dias durante uma semana, para o desespero do meu amigo.

Nas ruas de Inhambane, minha nova casa, reconheci Olinda. A arquitetura portuguesa colonial faz tudo parecer uma espécie de Marim dos Caetés sem ladeiras. E sem carnaval.

A telona de Inhambane

O Cine Teatro do Tofo não passa de um prédio abandonado. A poucos metros do edifício, porém, o bar 'Zoom' é responsável pela divulgação da sétima arte na cidade. Toda quinta-feira, um projetor num galpão, dois filmes. A galera vai chegando e se acomodando. Os primeiros conseguem ocupar meia dúzia de cadeiras. Os outros, vão se virando em esteiras.

Normalmente, a programação consta de uma produção moçambicana seguida de um filme de Hollywood. O projetor é de uma empresa, o vídeo de outra, as caixas de som de outra. Tudo emprestado.

Quem quiser assistir, desembolsa 10 contos, o equivalente a um copinho de castanha, dez pãezinhos ou um saco de salgadinhos. Crianças menores de 14 anos não pagam e são maioria na improvisada sala de projeção. A iniciativa visa a angariar fundos para incrementar o som da boate. Pessoas estão sempre em busca de uma boa causa.

'A herança da viúva' conta a história de uma vovó que é acusada de feitiçaria e expulsa de casa depois que o marido morreu. Baseado em fatos reais, com atores amadores, o filme é todo falado em chitzua e termina com um final feliz.

'Along comes the spider' conta a história de um detetive esperto que desvenda o caso do seqüestro da filha de um senador americano. Um roteiro previsível, uma bela atuação de Morgan Freeman e um final feliz.

Experimenta

Meu vizinho tem uma árvore. A árvore tem galhos que pacificamente invadem meu quintal. Os galhos têm frutos pequenos e verdes. Maçãzinha ou maçanica. Depende de quem diz. O nome condiz com a fruta, que realmente parece uma pequena maçã. Do tamanho de uma azeitona. No meio, um caroço. O gosto também lembra a sobremesa preferida de Adão e Eva. Encher um saco da iguaria e caminhar pela rua é certeza de popularidade. A cada esquina ouve-se "estou pedir maçanica". E dá-se.

###

Barco a motor para Maxixe. Chapa. Norte. Até Morrumbene, o conhecido corredor de coqueiros. Pé no chão, mais uma caminhada. Algumas meninas me vêem e confundem minha pele branca. "Good morning". Rio e respondo em changana. Quem fala chitzua entende changana. Quem fala chope entende changana. Quem fala ronga entende changana. As semelhanças entre todas estas línguas equivalem-se às que existem entre português, espanhol, italiano, francês. Se essas vêm do latim, as daqui são conhecidas

como línguas banto. No sul de Moçambique, apenas o bitonga soa diferente.

Pequeno cais de Morrumbene. Vejo o mangue.

"Quando sai o barco para Linga Linga?"

"Agora mesmo, patrão"

"Agora mesmo??"

"Agora mesmo. Daqui a uma hora, mais ou menos"

Soneca. Acordeca. Como mamás e papás, enrolo a bainha da calça até o joelho e encontro meu lugar na pequena embarcação a vela. Mastro de bambu. Lona branca, encardida, remendada. Até Linga Linga, podem ser 40 minutos. Podem ser duas horas. Depende do vento.

Hoje a natureza não ajuda. João e Tio Venâncio zigzagueiam o barco como podem em busca do sopro combustível. Aqui dentro, a língua oficial é o bitonga. Para mim, poderia ser japonês. Estou entre um senhor de óculos e uma mamana gorda que demorou cinco minutos para subir no veleiro. Na minha frente, o pequeno Ronaldo, com sua latinha, tem a função de jogar para fora a água que entra. Às vezes me molha.

"Linga" em bitonga quer dizer "experimentar, provar". Linga Linga é uma península, mas parece uma ilha. O caminho por terra só pode ser feito por veículos 4x4. Os barcos a vela que circulam de segunda a sexta são o principal meio de transporte. Terra a vista. Atracar. Sinto-me um português chegando ao Brasil há 500 anos.

Caminho quase uma hora por entre os coqueiros. Não há ruas. Casas, uma aqui outra ali. Overdose de natureza. Ando na companhia de um papá preocupado. Em Morrumbene, havia sido chamado para resolver um problema. A filha estava 'de estado' e ele precisava ter uma conversa séria com o pai da criança. Cobrar uma multa, entregar a moça para morar com ele.

"Perguntei ao gajo se ele conhecia a minha filha. Ele falou que conhecia. Eu perguntei como ele conhecia. Ele disse que era sua namorada. Gostei da coragem dele. Então eu falei que de agora em diante ela não era mais namorada. Agora era a mulher dele. O puto agora tem que assumir a responsabilidade", explica o pai da noiva.

Vamos passando e vamos cumprimentando. Passantes, ficantes, aqueles que estão dentro das casas feitas com palha de coqueiro e nos vêem passar. Os 'bom-dias' e os 'como-vai-tudo-bem', em bitonga parecem música. Ritmados, começam suaves e terminam fortes, altos.

Hospedagem é numa pensão/albergue/camping chamado Funky Monkey. Apesar do nome, pertence ao moçambicano Lúcio, que se lançou ao turismo depois de ter-se dedicado à pesca da lagosta. Quartos de palha, espaço para tendas. Energia elétrica, água corrente telefonia fixa? Nada disso. Mas num dos quatinhos tem um celular que às vezes toca, mas a gente não ouve.

O pôr-do-sol se apresenta. Vermelho-laranja-amarelo. Quem disse que o céu é - apenas - azul? Estou na praia junto de ruínas que poderiam ter sido uma casa do tempo colonial. Sinto um cheiro de pólvora e lembro de João Bosco recitando Maiakoviski. Restos de fogueira e de cerveja, de um piquenique ecologicamente incorreto.

O sono me chega antes dos mosquitos.

7 de setembro

"Independência" do Brasil. Aqui, dia do Acordo de Lusaka, celebrado entre Moçambique e Portugal, na altura da "independência" moçambicana. Independência minha em Linga linga, admirando a beleza solitária da praia. Oceano Índico de um lado, coqueiros do outro. Mais algumas plantas que me transportam ao mangue. Areia branca, céu sem nuvens. Cenário ideal para um filme sobre naufrágio.

Uma cachorra sarnenta, meio cega, velha, magra e feia surge do nada. Chega junto. Quer carinho. Também está só e se enrosca nas minhas pernas, exigindo uma coceira na barriga.

Lúcio pesca de rede. Peixes e caranguejos que vão estar no meu prato logo logo, bem temperados e fritos, servidos com arroz e piri piri, a viciante pimenta moçambicana.

A mesa das refeições fica dentro de uma outra palhota, junto de uma prateleira onde descansam livros deixados por viajantes. Todos em inglês. De auto ajuda a Mark Twain.

Zito é filho de Lúcio. Vinte e três anos. Nascido na Beira, trazido pelo pai a Linga Linga para sair da malandragem. Fala chissena, ndau, shona, chitzwa, urdu, árabe, português, inglês. Ajuda o pai, mas anda montando o próprio negócio. "Estou fazendo um restaurante. Posso servir comida agora, mas é um segredo, sabe? Ainda não tenho o registro"

"É casado, Zito?"

"Não. Mas moro com uma amiga"

"E tem filhos?"

"Com ela não. Tenho um com outra moça. E agora engravidei outras duas, primas"

"Não tem medo de doença, rapaz?"

"Ih, nada. Eu sei quando a mulher tem Sida. E além do mais, eu nem sei se isso existe mesmo. Acho que são doenças tradicionais. Nunca vi ninguém morrer disso."

"E já viu alguém ficar doente muito tempo, perder muito peso e depois morrer?"

"Ah, isso sim. Na minha família mesmo já morreu muita gente assim. Doença prolongada, como chamamos."

Tenta me ensinar um impossível truque com baralho. Só em tocar um monte, o rapaz consegue contar as cartas, com o tato. Técnica aprendida nos mercados em que costumava enganar os passantes para ganhar dinheiro. Crime mais leve que já cometeu.

"Existia aqui a Empresa Moçambicana de Transportes, que era do governo. Queimei 17 machimbombos dessa companhia. Estava com muita raiva do governo moçambicano. Pegava garrafas de refresco, metia gasolina e fazia um pavio de pano. Pronto, jogava aquilo ali. Queimava tudo"

"Você era da Renamo?"

"Não, não. Não era de nada. Só tinha raiva mesmo"

No embalo, também diz que já roubou carros e até um banco. Agora avisa que está regenerado, mas sem muita convicção. Os olhos brilham quando fala das aventuras na bandidagem.

"Eu dirijo bem. Por isso me chamavam muito. Se eu estou dirigindo um carro roubado, polícia não consegue me apanhar."

Outro dia, Mário, um moçambicano branco, noutro lugar, noutro contexto, contava uma história interessante.

"Aqui, para muitas pessoas, o ato de roubar se assemelha ao de caçar. A pessoa precisa de uma coisa, vai e pega. Roubar alguma coisa de alguém não é uma atitude tão mal vista assim. O ladrão pode até ser considerado um valente. Ser apanhado é que pode ser vergonhoso, porque isso pode ser interpretado como um fracasso".

Bicho do pé

Junto com três silenciosas turistas inglesas, aluguei um barco para fazer Linga Linga/Inhambane. O vento estava bom e justificava a aventura direta ao invés do tradicional Linga Linga/Morrumbene/Maxixe/Inhambane. De boléia, algumas mamas iam levando artesanato feito em palha. Bolsas, carteiras, chapéus que só as mulheres fazem. Homens constroem casas, fazem peneiras, pescam.

Nas margens, sempre coqueirais. Nos areais, pescadores tentam a sorte com suas redes. Numa canoa, um senhor solitário exercita a paciência com uma vara. Para proteger-se do frio, usa um blazer surrado. Mesmo que fosse um dia de calor, ninguém estaria sem camisa. Um homem que mostra o torso na rua está faltando com o respeito.

Uma das senhoras olha para o meu pé e fala qualquer coisa em bitonga. Outra olha para mim em português.

"Tira isso"

"Isso o quê?"

"Tem pulga no seu dedo"

Lavei uma agulha de costura na água do mar e deixei a mamana fazer o trabalho. Em poucos segundos, extraiu o que a gente chama de bicho do pé. Enorme. Não senti nada nem antes, nem durante nem depois.

"É assim mesmo. Quando está grande, pessoas não sentem o bicho", diagnostica a mamá.

Burocracia

Uma típica proposta de pedido de apoio financeiro para qualquer evento é composta de um cabeçalho onde se lê "República de Moçambique, Província de Inhambane, Cidade de Inhambane..." Depois, num texto empolado e nem sempre gramaticalmente correto, explicam-se os motivos do pedido e a natureza do que se quer. Procura-se uma maneira de garantir o financiamento. Como se sabe que existe muito dinheiro sendo investido em projetos de educação sobre HIV, um torneio de futebol pode facilmente tornar-se a "Copa contra a Sida" e uma campanha de plantio de árvores vem com uma observação: "Depois dos trabalhos, haverá uma palestra sobre sexo seguro."

Agora, o mais importante são os carimbos. Quanto mais carimbos, mais 'oficial' é o pedido. Secretário do bairro, presidente da localidade, régulo, vereador, aspone... Assinaturas e carimbos vão ocupando espaço no papel, dando a entender que aquele pedido foi 'autorizado' por toda essa gente importante. Um documento sem carimbo não é um documento sério.

10 de setembro

Banco Standard Totta, em Maxixe. Acompanho uma senhora que vai trocar um cheque para fazer pagamentos. Só há um caixa funcionando e a atendente não consegue trabalhar sem uma máquina de contar dinheiro.

No total, 40 milhões de meticais. Cerca de 1.500 dólares. Quatrocentas notas de 50 mil e

mais duzentas de cem mil. Maços e maços de cédulas que encheram um envelope grande, devidamente ensuacado e corrido até o carro.

13 de setembro

Estaciono no mercado central de Inhambane. Meus amigos vão fazer compras. Eu fico encostado do lado de fora, no lado do volante, braços cruzados, cara de mal. Segurança.

Chegam os colegas e os sacos. No tabeliê, faltam um diskman e uma caixa de CDs de Shana. Nacionalizados debaixo do meu nariz.

14 de setembro

A praia do Tofo fica a uns 20 quilômetros da cidade de Inhambane. A do Tofinho, logo depois. Muita areia, muito buraco. Carro pequeno não chega. Poucas casas, nenhuma barraca, visual privilegiado. Um monumento marca a gruta em que a polícia portuguesa largava os presos políticos para morrerem afogados. Dizem as mas línguas que a Frelimo também fez o mesmo com seus desafetos. Mas o monumento está lá. E depois dele, o mar. E no mar, baleias. Brincando com seus rabos e saltando para mostrar suas barrigas brancas.

15 de setembro

Às margens da Estrada Nacional 1, Massinga é o distrito mais populoso da província de Inhambane, com cerca de 200 mil pessoas. Durante o dia, parece que todas elas - todas - vão para o meio da rua, vender coisas e mostrar que não têm medo de carro.

Bonita por fora, a Escola de Artes e Ofícios ensina carpintaria mas não tem bancas suficientes para todos os alunos.

Na frente do mercado, uma barraca parece que concerta relógios, mas na verdade vende telefones celulares e acessórios.

O Hotel Dalilo's é decente. Alguns quartos muito caros, com banheiro privativo e frigobar (embora a energia venha de um gerador que nem sempre funciona). Outros um pouco mais acessíveis. Uma das professoras da vila nunca havia entrado. Tinha vergonha de pedir para ver. "As pessoas aqui são muito desconfiadas".

Dentro, percebeu que faltava alguma coisa. Rede mosquiteira. "Como estou numa casa de caniço, é fácil pendurar a rede no teto, porque tem uma estaca que segura as chapas. Agora, aqui, com esse teto liso, vai pendurar a rede onde?"

Homoine falando para o mundo

Areia, pó e muitos buracos separam Maxixe de Homoine, onde fica a rádio comunitária Arco. Tocada por meia dúzia de contratados e 40 voluntários, a emissora transmite das cinco da manhã até as nove da noite, com um intervalo durante a tarde. Primeiro em chope, depois em português, depois em chitzua. Os equipamentos foram doados pela Unesco, que também dá uma ajuda de custo para os gastos operacionais. Aos poucos, porém, o valor vai diminuindo de modo a incentivar a sustentabilidade do projeto.

Sustentabilidade que preocupa o coordenador Cândido. "Os únicos negociantes daqui são indianos. A gente vai pedir para ele anunciar e ele diz 'Eu? Anunciar? Todo mundo aqui conhece minha loja!'. Assim, a receita da rádio provém de notas fúnebres e dedicatórias

que pessoas mandam para familiares, amigos e namorados.

Uma copiadora também gerava uns trocos. Agora, quebrada, espera um concerto sem prazo, junto com outros equipamentos. Alguns precisam viajar até Maputo, a cerca de 600 quilômetros. Outros, tem mesmo que ir à África do Sul. Uma viagem irreal para quem muitas vezes não tem dinheiro para chegar a Inhambane.

Nas prateleiras, algumas dezenas de CDs dividem o lugar com montes de fitas cassetes, a maioria delas gravadas por artistas locais nos próprios estúdios da rádio. Outra dor de cabeça para Cândido. "Muitas vezes, esses músicos ficam nos incomodando, querendo dinheiro. Eles dizem que, como a música deles está tocando na nossa rádio, precisam ser pagos por isso."

Falei para ele sobre o jabá nas rádios brasileiras.

"Afinal, lá os artistas é quem pagam para serem tocados?"

Realmente, deve ser difícil de entender.

17 de setembro

Programa de fim de tarde em Inhambane é comer chamussas no 'take away' que fica na frente do mercado. A iguaria de origem indiana parece com um pastel triangular e é originalmente vegetariana, mas aqui pode ser recheada com carne, camarão, caranguejo ou peixe.

####

Quando há muitas pessoas reunidas com um objetivo comum, um dos dois refrões normalmente é cantado, em changana:

Ina vela u sokoti ku twanana³³

Ita famba madoda y voni ndlela³⁴

Oferta

Duas irmãs, mas podiam ser primas. Uma mais escura, outra mais clara. Uma católica, outra testemunha de Jeová. Conheci as duas bebendo às quatro da manhã.

"Somos casadas com o mesmo marido. Ele passa uma semana na casa dela e outra na minha. Ela está em Inhambane e eu na Massinga. Ela já teve um filho e perdeu. Eu ainda não. Acho que tenho problema. Então estou a tentar fazer com outros homens para ver se eu consigo. Tenho muitos 'amigos'", disse a católica. Amigo é um dos tantos eufemismos para amante. "Primo" ou "sócio", são outros.

A outra jurou ser fiel ao bígamo marido, mas interessou-se em dormir comigo sem camisinha. "Não quer fazer amor? Deixar seu sangue aqui e depois vir visitar seu filho?" "Sem camisinha, não, obrigado".

Bomba

³³Nós invejamos as formigas porque elas se entendem

³⁴Vamos, lideranças, pois já vimos o caminho

Nada funciona 24 horas, poucos estabelecimentos abrem aos sábados à tarde. Mas se precisar de alguma coisa é só bater à porta de uma loja de comerciantes hindus. Eles normalmente vivem onde trabalham e têm o maior prazer de vender, mesmo fora dos horários convencionais.

###

Um negócio revolucionário pode mudar a história do comércio na cidade de Inhambane. Uma padaria que vende mais de um tipo de pão.

Boléia?

À beira da estrada que vai de Lindela a Inhambane, vendem-se cocos, potes de barro, caniço e estacas para se construir casa. À beira da estrada que vai de Lindela a Inhambane, há muitas crianças que não têm medo de carro e pedem boléia para chegar mais rápido em casa ou na escola. Estendem a mão aberta em concha, palma virada para cima.

23 de setembro

Mais de 2.000 jovens frequentam a Escola Secundária Emília Dausse. E usam farda. Camisa branca, calça preta. Gravata preta. No *style*. Gravata folgada, calça por fora. Adolescente não fica careta.

###

O calor voltou a Moçambique. Com ele, os destemidos mosquitos. A venda de Baygon no mercado e nas lojas dos indianos aumentou consideravelmente.

24 de setembro

Um grupo de músicos patrocinados pela Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC), organização capitaneada pela viúva de Samora Machel e esposa de Nelson Mandela, Graça Machel, está de visita. Estão fazendo um show itinerante por toda a província. O objetivo: alertar a juventude para os perigos do HIV/Sida. Entre uma música e outra, um "malta, vamos usar preservativo!" A 'malta' já ouviu o recado diversas vezes, mas prefere mesmo uma cerveja. Não precisa nem estar gelada.

Extirpando o mal

Comemora-se o início da luta armada pela independência de Moçambique.

Dia das Forças Armadas. Feriado nacional. Soldados em trajes de gala desfilam nas ruas do país inteiro. Há quem prefira a praia. Basta a guerra do dia-a-dia.

O chapa que vai ao Tofo passa por uma placa na beira da estrada. "Centro de Treinamento de Sapadores"

"Pessoal, alguém sabe o que são sapadores?"

Silêncio.

"Não sabem? Sapadores? Por acaso é alguém que cria sapos? Ou quem faz sapato?"

Algumas mamas se entreolham. Outros adotam minha curiosidade e se perguntam.

Um senhor que se equilibrava lá atrás mata a charada. "São pessoas que desarmam

minas".

Ainda há minas plantadas em Inhambane. As maior parte das roças mortais foram encontradas e demarcadas. Mesmo assim a regra é não andar no meio do mato.

O Tofo é o Tofo. Sol, peixe frito. Crianças vendem colares de conchas ou macaquinhos feitos com cocos secos. Outros vendem o fruto verde, que aqui chamam de 'lanho' e sai por dois contos (uns 25 dos nossos centavos). Futebol na areia fofa cansa as pernas, mas lava a alma.

Sexta-feira

"Dia do Homem", dizem as esquinas, as ruas, as árvores, as garrafas. Chama-se Gaia, a discoteca. Onze da noite. Somos quatro para duas cervejas. Uma mesa. Ao redor, poucos e poucas. "Chegam logo logo. Hoje teve jogo de basquete no clube. Foram todos tomar banho e estão cá daqui a nada", disse um.

Estavam todos cá daqui a nada. Moçoilas de calças apertadas e botas. Perfumadas ou não. Cabelos de todas as formas. Rapazes de camisetas coladas, óculos escuros. Um senhor de cabelo branco veste-se como um pé-de-valsa do Clube das Pás, no Recife. Camisa verde-limão, de colarinho grande, por dentro da calça branca. Sapato lustrado. Diverte-se na sinuca. Outros estão no balcão e se divertem com as moças. Pagam a cerveja, dão um presente, ganham uma noite de lençóis.

Danço. Passadas com uma cheirosa que em poucas horas declara seu amor sem limites pelo antes desconhecido brasileiro.

São cinco horas da manhã. Um amigo está fora de casa. Uma missão. "Quero levar uma dama para casa". Conversa cinco minutos e leva. O sol nasce. O amigo viajante está cinqüenta contos mais leve. Nada de comércio sexual, garante. "Ela teve uma infelicidade na família. Precisava comprar as flores"

Enchendo a pança

"A antiga Escola Ferroviária é a melhor coisa que os portugueses deixaram aqui", exagera o amigo Armando. Agora virou Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane. Eshti. Primeiro ano de funcionamento. Turma de pioneiros.

Para comemorar a semana do turismo, um grande evento. Noite da Gastronomia Moçambicana. Os alunos das várias províncias prepararam pratos da terra e assim o evento reuniu toda a elite da cidade no refeitório da faculdade. Folhas de coqueiro enfeitam a sala.

Alinhadas ao redor da mesa-buffet, estonteantes universitárias vestiam-se com capulanas, amarradas na cintura e na cabeça de maneiras diferentes, de acordo com a tradição de casa. Matapa, chiguinha, chima, muito amendoim, muito coco, muita mandioca, muito piri piri. Galinhas, carne, peixe. Cabrito de Tete cujos testículos afrodisíacos iriam ser leiloados e acabaram esquecidos.

Estamos com duas horas de atraso. "Falta chegar o governador".

Enquanto isso, uma cerveja, uma conversa, uma olhada. Mulheres elegantes. Salto alto, cabelo de salão. Homens elegantes. Alguns de terno. Um senhor veste-se como no norte da África. "Olha só o Kadafi", brinca o capixaba-fluminense Caio, geólogo carioca à procura de titânio nas areias africanas.

A autoridade está no recinto. Todos de pé. Discursa o reitor. Discursa o governador. Discursa uma aluna. "Quem quiser ingerir qualquer líquido deve adquirir a senha no caixa." Instrução dada. Depois dos chefes, mesa aberta.

Muito mais gente do que mesa. Fila? Como assim? Damas cheirosas da sociedade se engalfinham. Acotovelam-se por um lugar ao sol, de preferência defronte do caril de amendoim. O canto das províncias do Norte é o mais concorrido. O tráfico de influências funciona. Quem conhece a organização trata de encaminhar o prato por detrás da mesa. Os grupos se intercalam. Há sempre alguém na sua frente, não importa quanto tempo se espere.

Barrigas cheias. Muitas calças desabotoadas no enorme recinto. Toca uma música lenta, que abre oficialmente o salão. Seguem-se outras e outras. Passadas, kuduros, marrabentas. Rapidamente, o governador está rodeado de jovens rebolantes. Não menos rebolante, a autoridade requebra-se, esfrega-se.

A mesa de matapas e chiguinhas ainda conserva panelas de barro cheias. Perderam a graça depois que o DJ começou a misturar Madonna com Rosalia M'boa.

Um menino quer me explicar a decoração.

"Do you speak Portuguese?"

"Sim"

"This is coconut..."

"Amigo, eu falo português"

"Ah, ok. Is-to é co-co. Is-to é a-rei-a da pra-ia...", como a um japonês recém chegado de Tóquio.

"Amigo, eu conheço isso tudo. Vivo cá"

"Há quanto tempo?"

"Quase um ano"

"O amigo é de onde?"

"Brasil..."

"Brasil! Brasil!"

Ganho um abraço.

Música para. São eleitos os vencedores. Um júri de três glutões dá o prêmio principal à equipe da Zambézia. As macuas de Nampula ganham no voto popular. Recebem uma grana e comemoram com todos os outros segundos-lugares. Festa festa. Música volta.

Música para. Desfile. Capulana para um lado, capulana para o outro. Algumas passam quatro vezes pelo salão, exercitando postura. A turma aplaude até cansar. E cansa. Capulana para um lado, capulana para o outro. A um senhor de cabelo branco cabe a tarefa de escolher a melhor. Cem paus pra ela que ela merece. Outra ganha o título de Miss Simpatia.

Música volta. E não para mais.

Marati

Domingo de praia. Maré muito baixa no Tofo. Corais à mostra, desfilando onde antes a gente só via mar. À primeira vista, turistas loiros, provavelmente sul-africanos, entrando em fila num moderno barco. Vão mergulhar e conhecer as belezas submarinas de Inhambane por um punhado de dólares bem verdinhos. Muitos dos instrutores, não menos loiros, nem falam português. Nem precisam.

Meus pés continuam pela praia. Driblando as pedras mais afiadas, dezenas de pessoas da comunidade estão à procura de mexilhões grudados às pedras, por entre piscinas naturais de minúsculos peixes coloridos. Mamanas e mais mamas carregam na cabeça os frutos do dia. Do mar para os pratos.

Outros, munidos com catanas³⁵, vão cortando o que parecem ser corais. Cutucam, metem o dedo e, de dentro, tiram uma bolota gosmenta, de um laranja intenso. Marati. "Não, patrão. Não sabemos o nome em português. Aqui é marati mesmo. Sim, sim, é saboroso."

Como eu não parava de perguntar, um papá solidarizou-se. Encheu uma mão das gelatinosas criaturas e ofereceu. Mão direita na mão direita. Sob meus cuidados, o bicho mexe um pouco e expele uma baba mais nojenta ainda. "Nbonguile." "Obrigado."

Atrás das barracas que formam o pequeno mercado, umas mamás cozinham pra quem não tem grana pra restaurante nem pra o frango que se grelha perto do mar. Uns aproveitam para saborear bebidas artesanais. Sura, mal-coado, totonto.

Negócio. Marati na mão da mamá, toda desconfiada. Branco com marati na mão? Tomate, cebola, caldo de galinha. Estou pedir fazer. Quinze contos. Uns dois reais.

Em dez minutos, o laranja amarronzeia-se. Agora é caldo e pequenas bolas. Pelo gosto, podia ser sururu, mexilhão, marisco. Crocante. "Epa, mamá... A senhora não lavou direito?" "Ah, wananga, esse bicho come areia. Pode lavar o dia inteiro que sempre fica alguma coisa dentro."

Para casa, acompanha-me um saco de lagostins que virariam jantar. "Crawfish", oferece o menino em inglês. Cinqüenta contos.

###

O pôr-do-sol na baía de Inhambane é um presente vermelho em contra luz. Não se vende e não se compra.

29 de setembro

À porta das casas coloridas, passam camarões, caranguejos, lulas, peixes. Nas cabeças das mamas que acordaram mais cedo que o sol. Das bacias para os congeladores, os bichos que vêm do mar custam menos que frangos vivos ou congelados.

###

Algumas senhoras de sari colorido passam à minha frente no mercado. Procissão silenciosa.

Marta, antropóloga gaúcha, estuda a comunidade hindu em Inhambane. Há explicação para a caminhada. "Morreu um familiar na Índia e elas estavam passando nas casas da família para desejar os pêsames."

Fome de ler

Na Biblioteca Provincial, apanho livros de uma minúscula prateleira dedicada à literatura moçambicana. Menor que a dedicada aos livros brasileiros, mas suficientemente grande

para encher os olhos de um estrangeiro ignorante - eu.

Quem está na minha cabeceira agora é José Craveirinha, o poeta da Mafalala, que morreu no último fevereiro. Aqui são contos com estórias suburbanas. Prostituição, boemia, pobreza, desilusão, crença, música. Estórias de exclusão, de sensualidade e de fé. Falecido, o escritor agora 'mora' numa cripta na Praça dos Heróis Moçambicanos, homenagem pelo ativismo político na época da independência.

Ecletismo

Nas paredes da casa onde moro há quadros. Duas Santas-Ceias, alguns santos. Um padre. Dois retratos antigos. Uma senhora e um senhor. Brancos. Velhos moradores no tempo colonial. Um Pato Donald, um batiqüe. Moças nuas socializam à beira de um lago. Outro que fala "I love you". Um grande painel mostra uma paisagem. Acho que é Indonésia. Um leque, um prato de cerâmica.

Sou um dos tantos estrangeiros morando sozinho numa das tantas casas bonitas do bairro do Balane. De um lado, um casal alemão. Na frente, Itália. Portugal também fica muito perto. Só Moçambique, às vezes, é um pouco distante. Principalmente para quem não costuma visitar.

A mulata dona Maria da Piedade é a proprietária. Mora num quatinho no quintal para poder embolsar os 300 dólares do aluguel. Pra completar a renda, a 'vovó' prepara e vende piri-piri. "Sou conhecida até em Maputo", orgulha-se. Nas muitas horas vagas, está sempre na igreja. "Fui criada com as irmãs. Sou católica mesmo. Vou rezar até meu último dia", explica, certa de que não terá problemas em pegar o elevador para o céu.

###

Hoje teve infelicidade numa das casas vizinhas. "Vovó, a pessoa morreu de quê?" "Ih, não sei, meu filho. Uns dizem que foi tuberculose, outros que foi Sida. Deve ter sido Sida mesmo."

Cada um com seus problemas

A Cooperação Técnica Alemã (GTZ) tem dinheiro e vontade de implantar um programa que visa a alertar os estudantes nas escolas de Inhambane para os perigos do HIV. Tem pressa porque precisam prestar conta ao ministério doador, lá do outro lado do mundo. E estão muito certos.

A Goal é uma organização menor, que trabalha em Inhambane, e quer ajudar a GTZ nessa estória. Mas ainda estão receosos, porque a GTZ ainda não assinou nada e têm medo de o projeto parar pela metade por falta de fundos. E estão muito certos.

A Direcção Provincial de Educação torce o nariz. Não foi consultada com a devida antecedência e não deu opinião. "Somos nós os donos dos alunos. Vocês não podem entrar onde nós não queremos. Vocês querem começar em Inhambane, mas pode ser que nós queiramos Mabote. Essas coisas somos nós quem devemos decidir." E estão certos.

O Núcleo Provincial de Combate ao Sida também reclama. "Somos nós quem coordena todas as ações de combate ao Sida aqui. Como a GTZ escolheu a Goal? E se eu disser que a Goal não pode? E se eu disser que precisa começar em Panda? A última palavra tem que ser minha." E estão todos muitíssimo certos.

Talvez seja este o problema.

2 de outubro

Ualalapi é um livro que fala dos tempos de Ngungunhane, último e controverso imperador do reino de Gaza. Fala das intrigas políticas, das guerras, das 30 esposas do hosi. Das crenças, das tradições e do poder do rei que acabou preso pelos portugueses e morreu no exílio. Ungulani Ba Ku Khosa foi quem escreveu. E eu li.

3 de outubro

Caminhada na praia do Tofo. Na beira do mar, muitas muitas muitas muitas água-vivas. Todas mortas.

Celso

“A pri-primeira vez que vi um jogo de voleibol foi quando cheguei em Maputo. Lá no mato a gente conhecia futebol. Mas vo-voleibol eu nunca tinha visto. Fiquei olhando para aquele pessoal jogando, sem entender nada. Quando a bola batia na rede eu pensava que era ponto. Nnnão era.”

Celso nasceu no interior da província de Gaza e está para se formar em medicina na Universidade Eduardo Mondlane. Na capital. Enquanto não tira o diploma, sustenta um trocado participando de um programa de combate ao HIV. Dribla a gagueira com bom humor. Dá (excelentes) palestras, ministra cursos. Faz apresentações em Power Point e troca piadas com amigos pela Internet. Pensa em dedicar-se à saúde pública, mas gosta mesmo do magistério.

“Eu a-acho que não tenho muito jeito para a clínica. De-deveria ter-me dedicado à e-educação. Go-gosto é dar aulas.”

Celso é um gajo moderno, mas sabe bem respeitar as diferenças entre a selva de mato e a de concreto.

“Uma vez fomos visitar a família no campo. Levamos uma máquina fotográfica e tiramos uns postais. Na hora de revelar, nenhuma das fotos que tiramos lá saiu. As outras todas saíram bem. Acho que os ancestrais daquela zona não quiseram que levássemos a recordação.”

Celso é excelente de conversa, mas sofrível de sinuca. Vi quando disputou a primeira partida da vida, na companhia do artista plástico Costa, um dos maiores boêmios de Inhambane e dono do bar Xiphexo.

##

Dia da Paz em Moçambique. Celebra-se o acordo de Roma, em que Renamo e Frelimo deram as mãos e abriram-se as portas do país para o mercado livre, as eleições diretas. Com a reforma, também veio o pluripartidarismo. Há diversos grupos políticos no país, embora a disputa pelo poder se polariza principalmente entre a Frelimo e a Renamo.

8 de outubro

Quem disse foi Manuel.

“Essa zona aqui de Jangamo tinha muito, mas muito gado. Durante a guerra, mataram tudo. O exército da Frelimo vinha com helicópteros e fuzilavam o rebanho para matar a fome dos soldados. O pessoal da Renamo, também faminto, aparecia e começava o tiroteio. Naquele momento, ninguém estava pensando em comunismo, democracia,

liberdade, voto, eleição, mercado livre, nada. O que se queria era comer.”

Inhambane-Maputo

A viagem tem mais de 500 quilômetros. Eu no volante. Na companhia de Judite. Quarenta e poucos anos, zambesiana, psicóloga clínica, filhos morando no exterior, quase dois mil dólares de salário para coordenar um projeto de combate ao HIV. Uma bolsa com CDs de Salif Keita, João Bosco, Tom Jobim, Marisa Monte, John Coltrane. Muitas histórias.

Precisamos passar por Homoine. Fora do caminho. Estrada de barro, buracos.

“Estás a ver? Essas placas? Aqui ainda há minas. Estes da desminagem estão a trabalhar faz tempo, mas não têm prazo para terminar. Às vezes me pergunto se eles não estariam semeando as minas em outro sítio, para o trabalho não acabar.”

A conversa entra na política.

“Este administrador de Homoine? Este é um bandido. Há uns meses, um mecânico daqui disse-lhes umas verdades. Estavam numa danceteria. Era um homem de idade. Chegou e falou um monte de coisas. Que Homoine está esquecida, que o povo não tem água, não tem energia. Há problema de transporte. O administrador mandou prender na hora. Era inverno e o velhote foi amarrado numa árvore para dormir ao relento. Depois foi julgado pelo conselho – fiel ao administrador – e condenado a seis meses de cadeia. O povo aqui não precisa de colonizadores. Eles próprios conseguem explorar-se uns aos outros.”

Primeira parada. Distrito de Jangamo, província de Inhambane. Comprar limões, farinha de mandioca, cocos. Judite tem uma casa em Inhambane e outra em Maputo. Sempre leva hortifrutis para a capital e industrializados para a província.

Segunda parada. Vila do Quissico, distrito de Zavala. Tomar um café. Comer um pão com queijo. Comprar alho. “Esses alhos são pequenos, mas valem por muitos dos grandes.” Também tem mel e óleo de mafurra, ingrediente que não pode faltar nas carnes dos machopes.

###

Província de Gaza. Uma linha tracejada destracetejou-se no meio de uma ultrapassagem. Na cara do guarda, que fez sinal com a mão. Terceira parada. Não prevista. Encostar, abaixar o som, abrir o vidro. Judite aconselha. “Esses polícias de Gaza são chatos. Cuidado. Não fala de dinheiro que ele te prende.”

“Bom dia”

“Bom dia, obrigado”

“Assim, como vai?”

“Aqui tudo bem. Não sei do seu lado”

“Ah, aqui tudo bem, graças a Deus”

“...”

“Carta de condução e livreto do carro, por favor”

“...”

“É... O senhor fez uma ultrapassagem na linha contínua...”

“Pois é... Na verdade, eu comecei na linha tracejada. Sei que errei. Estou pedir desculpas”

“As desculpas são aceitas. Mas não há de fugir da multa”

Desço do carro e caminho com o homem da lei até o posto de controle policial. O posto de

controle policial é uma barraquinha de caniço na beira da estrada. Ele me mostra a tabela. Um milhão de meticais pela ultrapassagem irregular.

“Agora eu fico com a sua carta de condução e você vai buscar em Xai Xai depois que pagar a multa”

“Ih, papá... Estou pedir o senhor não levar minha carta... Não tenho outro documento. Sou estrangeiro. Isso pode me confundir mais tarde”, capricho no moçambiquês.

“Não posso. Isso é para ter certeza de que o senhor há de pagar a multa”

“Não posso pagar a multa agora? Estou com dinheiro aqui.”

“Não. O problema é que eu não tenho recibo”

“Ora, papá... Essa multa é do motorista. A organização dona do carro não vai pagar. É até feio eu chegar para eles com um recibo desses de multa. Eles vão pensar que eu sou um mal motorista”

“Não precisa recibo?”

“Não, não preciso”

“Então pode pagar aqui mesmo”

“Quanto?”

“Ah, está perdoada a multa. Dá lá qualquer coisa”

Dou 200 mil. Poderia ter sido menos.

###

Passamos por Xai Xai. Judite lembra da cheia de 2.000.

“Isso aqui ficou tudo alagado. Não se passava para nenhum lado. Eu não construiria aqui nem que me dessem um talhão de borla e ainda me oferecessem dinheiro.”

Outra parada. Macia, Gaza. Compro massalas. Cabaça de polpa doce que experimentei no ano passado. Passa vários meses na árvore, verde. Quando está madura, cai. Agora enche os olhos, vendidas às quantidades na beira da estrada. Sempre ao lado de enormes sacos de carvão.

A estrada começa a ficar estreita. Os chapas começam a disputar espaço com carros e pessoas. As possibilidades de ultrapassar diminuem-se. O lixo decora os dois lados do caminho. Bem vindos a Maputo.

###

Estou hospedado no prédio mais alto da cidade. O Edifício de 33 andares. Não é conhecido por outro nome. Visual fantástico no topo. Elevadores que nem sempre funcionam. Bom exercício para a panturrilha.

Driblando a papelada

Alguns vistos emitidos pelo departamento de migração de Moçambique não valem nada. São vistos de entrada, que requerem um carimbo da fronteira. Ou seja, o estrangeiro tem que sair e voltar. Vale lembrar que na própria fronteira também são emitidos vistos sem grande burocracia. Eu fui um dos que precisou sair.

Numa boléia, cheguei ao posto de controle moçambicano. Dou o passaporte, que é carimbado. Caminho até a fronteira sul-africana, mais computadorizada. Uma diva canta no guichê. Selo, carimbo.

A fronteira é movimentada. Churrasqueiras ocupam-se com frangos e pedaços de carne. O mercado clandestino negocia dólares, rands, meticais. De vez em quando alguém é

preso.

O controle é mínimo. Dá para sair e entrar em Moçambique mesmo sem visto. Beatriz já o fez muitas vezes, para economizar páginas no passaporte.

Volto ao país. Peço visto de dois meses. Dão de um. Renovável.

Um casal de portugueses que viajava com uma filha me nega carona. “Estamos com o carro muito cheio”

Um casal de bôeres me dá uma carona.

“Are you Portuguese?”

“Brazilian”

“*In Brazilia, what language do you speak?*”

Moram em Moçambique há cinco anos. E falam inglês com a moça que trabalha no pedágio.

####

Flamengo e Vasco ao vivo na televisão. Globo Internacional. Casa de Glória, brasileira dona do restaurante Tasquinha. Bebemos Amstel. Comemos arroz de carreteiro. Brigadeiro. Ao redor estão a pernambucana Patrícia, a carioca Bianca, os capixabas Júnior e Leo. Onde estamos mesmo?

13 de outubro

Pelada. Campo de salão. Desportivo de Maputo. Muitos chegam de carro bonito. Muitos são brancos. Poucos são indianos. Menos são negros. O sotaque é luso-moçambicano. Briga-se para ver quem joga primeiro, quem joga segundo. O encarregado de recolher os dinheiros incomoda muita gente. Bola rola. Dez minutos ou dois gols.

Bola na rede é ponto, mas não necessariamente comemoração.

Luz vai embora. Mercúrio. Espera esfriar. Luz volta. Bola rola.

Joga um, joga dois, joga três, joga quatro. Luz vai. Luz volta. Bola rola.

Joga um, joga dois. Luz vai. A gente vai.

14 de outubro

Visita relâmpago a Boane. O chapa aperta. Chego à noite. Venta muito. Faz frio. Todos estão em casa. Bato nas portas, faço festa. Quero saber as novidades.

Os ativistas Mandinho e Dudu estão com namoradas muito grávidas. Mandinho com uma, Dudu com duas. Mandinho vai ser pai em Janeiro. Quer escolher ele próprio o nome do rebento. “Não vou dar para mãe, para tio, para ninguém. Eu mesmo vou escolher. Não hei de colocar nome tradicional.”

Victor tem malária e não pode beber.

Dona Rosa, da barraca, veste preto.

“Houve infelicidade do meu filho. Ele veio doente da África do Sul. Foi aquela doença mesmo. Eu tentei fazer alguma coisa, mas já não havia tempo.”

Flanela

Estaciono na frente do banco. Passo dez minutos. Volto. Dois homens querem dinheiro. Estavam tomando conta do carro. Dou dez contos a um, velho, com deficiência. O outro é jovem, camisa por dentro. Insiste. Que eu tivesse alguma coisa para ele também. “Amigo, não tenho.” “Ah, estou pedir, pá. Não há emprego em Moçambique.”

Entro. Ligo o motor. Saio. Antes de cruzar a esquina, outro chega junto. Também estava guardando o veículo. Há segurança em Moçambique.

16 de outubro

Maputo-Inhambane não é muito diferente de Inhambane-Maputo. Talvez um pouco mais feliz.

Levo artigos de luxo da capital. Feijão preto, caixa de cereal, café moído, carne congelada, aparelho de barbear Mach 3. Massala em Gaza, alho em Zavala, farinha em Jangamo. A feira.

Patrícia e Marta me fazem companhia. O tempo está fechado. Marta é otimista. “Em Inhambane, o céu nunca está nublado”

17 de outubro

Em Inhambane o céu está nublado.

###

Muçulmanos oram cinco vezes ao dia, sempre atendendo ao “chamado à prece”, cantado pelo mulá nos horários certos. Às sextas, quando o sol está a pino, todos devem ir à mesquita. Em Inhambane, há dois templos maometanos.

Faira e Faira são primas. Convidam para conhecer o culto.

Homens entram de um lado, mulheres de outro. Vou com um amigo das moças. Patrícia vai com elas. Dentro, não nos vemos.

Tiramos os sapatos, as meias. “É bom colocar num sítio seguro”

Há uma fileira de torneiras e banquinhos de pedra. Lavamos pés, mãos, rosto, boca.

Sentamos numa alcatifa, observando o mulá que lê o alcorão em árabe. Alguns entendem, outros não.

Do outro lado, invisíveis, as meninas ouvem tudo, através do sistema de som. Mas não vêem nada.

O equivalente ao altar é um pequeno palco com uma cadeira confortável. Dois grandes relógios com pêndulos disputam lugar na parede com alguns escritos em árabe.

Levantamos e nos enfileiramos. O mulá canta e os fiéis respondem com palavras e gestos. Mãos no joelho, mãos nas orelhas. Joelhos no chão, testa no chão. Repetem-se os movimentos. De olho em Meca.

Fim da prece, os anúncios para a comunidade são feitos em português. E todos estão

liberados até a próxima semana.

Debaixo d'água

Em Inhambane, onde o céu nunca está nublado, já chove por cinco dias e cinco noites. Dentro e fora de casa. Ruas vazias, comércio vazio. Algumas lojas simplesmente fecham. Muita espera. Mudam-se os cumprimentos:

"Como vai o senhor"

"Aqui tudo bem, só a chuva... Não sei do seu lado"

"Só a chuva"

Num desses dias de muita água liguei o rádio. Saber as notícias. Antena nacional da Radio Moçambique. Do Rovuma³⁶ ao Maputo, como diz a vinheta.

Pelas ondas, vinha uma sessão da Assembléia da República. Antes de sessão ordinária, alguns deputados tomavam a palavra para dar seus discursos.

Uma deputada da Renamo, a primeira que eu ouvi, fez uma palestra recheada de datas históricas e palavras difíceis. Falou de nacionalismo, de Samora Machel, de Afonso Dhakama, da luta pela independência, da luta pela democracia. Disse que outubro, em sua opinião, era o mês mais importante do ano. É quando comemora-se o dia dos professores, o dia do Acordo de Roma, o aniversário de Samora, entre outros. Finalmente, entrou no tópico que mais a interessava:

"Há muitos cadernos escolares em que é impresso o novo Hino Moçambicano, Pátria Amada. Pois nestes cadernos não está impressa a versão correta, assim como foi publicada no Diário Oficial"

E leu as duas versões. Dois versos realmente eram um pouco diferentes. Coisa de palavras.

"Peço que as autoridades competentes tomem alguma atitude. São muitas as crianças que estão tendo acesso a estes hinos com erros. Se eu soubesse qual é a gráfica que está a fazer isso eu mesma iria lá e os contatava. Mas o nome e o endereço da gráfica não constam dos cadernos. Muito obrigada"

Aplausos, aplausos.

Agora quem fala é um parlamentar da Frelimo. O discurso é mais inflamado, mais raivoso. Exalta a luta pela independência, o bom exemplo de Samora Machel, blablablá. Nas entrelinhas, acusa a Renamo de ter orquestrado o atentado que matou o primeiro presidente moçambicano, nos anos oitenta. Convoca o povo a votar nas eleições autárquicas de novembro e sugere cuidado com o adversário do governo.

O terceiro deputado tinha outras coisas em mente. Acredita que o problema do país não pode ser resolvido sem que seja dada uma atenção especial ao esporte. "Todos os moçambicanos gostam de desporto. Então, é preciso um investimento no vôlei, na nataçã, no basquete, no handebol..." E foi enumerando. De acordo com o político, é inaceitável que jovens no norte treinem futebol sem o equipamento básico. "Estes meninos que jogam descalços em campos de terra, depois vêm para Maputo e precisam atuar em gramados, com botas³⁷ emprestadas. Será que eles vão conseguir vencer?"

³⁶ Rio no extremo Norte do país

³⁷ Chuteiras

23 de outubro

Passaram Matrix Reloaded no cinema do Zoom. A garotada ficou alucinada com as cenas de porrada. No fim, porém, ninguém se levantou.

"Isto continua, mas já é outro filme", tentou explicar o alemão Ralf, agitador cultural e organizador das sessões cinematográficas.

Ninguém levantou.

"Pessoal! Acabou mesmo. Vamos embora. Obrigado"

Depois da terceira chamada, a turma começou a sair, aos poucos, olhando-se uns aos outros. Provavelmente perguntando-se se deveriam ter tomado a pílula azul ou a vermelha.

Sinuca

Xipepho quer dizer "candeeiro" em algumas línguas banto. Também é o nome de uma revista literária que costumava ser rodada em Inhambane. Também é o nome do bar que pertence ao artista plástico Costa. Nunca o vi cheio. Diolinda, charmosa e simpática moça do balcão, está sempre sonolenta. Juro que a vi cochilar uma vez. Apenas uma vez perdeu a paciência, quando o ex-companheiro entrou bêbado para criar confusão. "É o pai do meu filho, esse...", desculpou-se.

Nas paredes, quadros de pupilos do jovem mestre. Uma mesa de sinuca. Um taco. Serve-se cerveja. Alguma bebida quente. Para comer, só salgadinhos. Vou, peço uma 2M. Se Costa está, jogamos umas difíceis partidas de sinuca. Ambos somos péssimos na mesa verde.

Um microsistem divide-se entre a programação de uma rádio evangélica que fala com sotaque brasileiro e algumas poucas fitas cassetes. Phill Collins, Araketu, Leandro, Lindomar Castilho.

xxx

Gaia é 'casa' em bitonga. Em Inhambane, também é a discoteca em que todo mundo vai às sextas-feiras.

Logo na entrada, uma menina que eu conheço de vista.

"Eu quero uma Redds"

"Hein?"

"Eu quero uma Redds", insistiu. Não era qualquer cerveja. Era uma Redds.

Desconversei.

Era uma noite agradável, música interessante, discoteca cheia. Muita gente dançava ao som da marrabenta (uma coisa mei-lenta, mei-salsa, mei-rumba, mei-forró, mei-lambada. Tradicional do sul de Moçambique). Bebia-se cerveja com preço adulterado. Comia-se galinha que umas mamás assavam mesmo no quintal da casa. Os locais investiam em turistas. Os turistas investiam em locais.

E, de repente, amanheceu.

26 de outubro

Mangas, ainda verdes, reaparecem nas árvores, nos mercados, em algumas barracas nas ruas. Sinto um ciclo se completando.

Uma senhora, em seu quintal, me viu passando na rua.

"Quer uma?"

"Está madura?"

"Claro! Estou oferecendo"

"Obrigado, obrigado"

Começa a volta para casa. Primeira parada, Maputo.

Turismo de aventura

James é psiquiatra e inglês. Veio passear.

Ontem, primeiro dia que passou em Maputo, puxaram-lhe uma faca de cozinha no meio da rua.

"Give me your money or I will kill you, motherfucker!", anunciou o assaltante, num inglês provavelmente aprendido num filme de Charles Bronson.

Com um pouco de esperteza e a ajuda de um outro homem que passava por perto, livrou-se. Acalmou o coração com dois cafés expressos e voltou para a casa.

"Deve ter sido a mochila. Tenho cara de turista"

Hoje o adversário era mais difícil.

James foi dar uma outra volta. Chegou na Praça dos Heróis Moçambicanos e admirou-se com um mural pintado por Malagatana, o artista plástico mais famoso do país. Sacou a câmera digital e começou a registrar a obra, mas foi interrompido por um homem fardado.

"Aqui não pode tirar fotos. Quem é você?"

"Sou turista, sou inglês..."

"Da Inglaterra? Como eu posso saber que você é da Inglaterra?"

James puxou o passaporte. Grande erro. O policial tomou-lhe o documento.

"Pronto. Está confiscado"

Agora já são três representantes da lei e da ordem.

Conversa, conversa, conversa, conversa. Dinheiro. Trezentos contos que mudam de mãos fazem o passaporte voltar ao seu bolso original. Belas fotos digitalmente apagadas diante das autoridades que ainda queriam o filme. Que filme?

Kanimambo, kanimambo...

Dividi um chapa com destino à África do Sul com um punhado de mamas que iam fazer compras no país vizinho. Algumas faziam o trajeto diariamente. Na volta, vendiam os comprados nos mercados maputenses.

"I male muni?"³⁸ , pergunta-se às senhoras que fazem o câmbio paralelo na fronteira. Lá

³⁸"Quanto custa o dinheiro?"

se vão os últimos meticais. Lá vêm rands.

Deixar Moçambique foi como deixar uma namorada a quem se ama. Apertado no assento da van, declarei silenciosamente meu amor incondicional por esse país e por sua gente. Toda ela.

O Autor

Ivan Moraes Filho é brasileiro, pernambucano, recifense. Graduado em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, foi repórter no Jornal do Commercio e no Diário de Pernambuco.

Entre 2002 e 2003, participou de um programa de voluntariado promovido pelo movimento Humana People to People (www.humana.org), que culminou com um ano em Moçambique participando do programa TCE (Total Controle da Epidemia), de educação sobre HIV/Aids. As experiências, visões e impressões dessa viagem deram origem a esse livro.

Hoje, integra a equipe de comunicação do Centro de Cultura Luiz Freire, uma Organização Não-Governamental brasileira que há 33 anos dedica-se a promover os direitos humanos e a democracia.

Viciado em letras e em gente, é também articulista regular dos sites www.pe360graus.com e www.sportnet.com.br. Também escreve mensalmente a coluna Gata Pintada no jornal Correio Arcoverdense.

Antes de *Kanimambo*, publicou *Quasamar* (2000, poemas) e *Problema de Coluna* (2003, crônicas).